REVISTA DA SEMANA

N.º 30 ★ 28-7-51

CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL





Um avião da



AIR FRANCE

é a chave de novos horizontes...

RIO DE JANEIRO — Av. Rio Branco, 257-A - Tel. 42-8838
SÃO PAULO — Rua Líbero Badaró, 184 - Tel. 32-3902
RECIFE —— Av. Guararapes, - 210 - Tel. 7549

VAMOS COMER BALEIA

CARNE SABOROSA E NUTRIENTE, DIZEM OS NUTRICIÓLOGOS — "BALEIA À VISTA!" E GANHAM CEM CRUZEIROS!

Reportagem de NEWTON VIANA

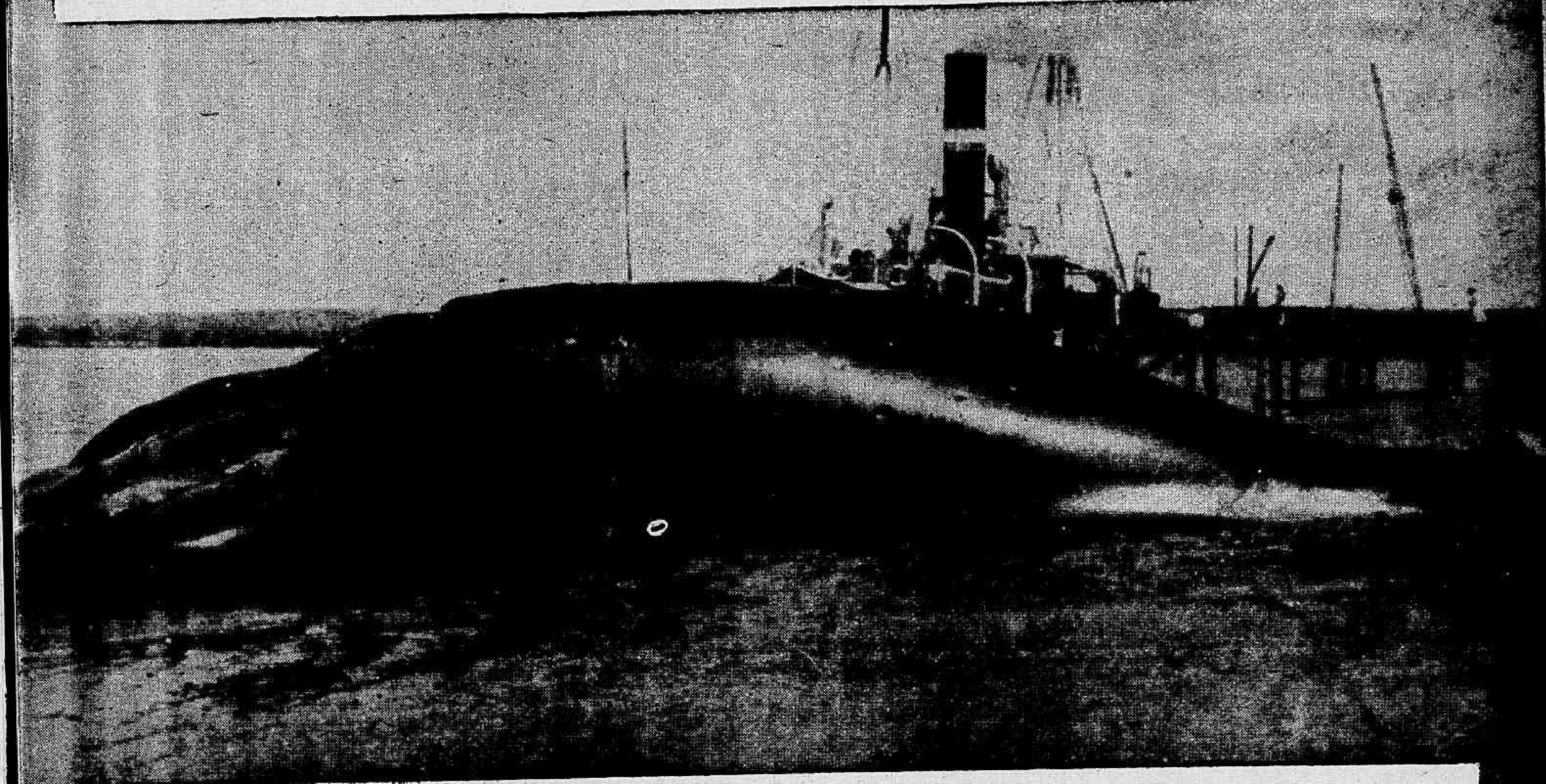
NOSSO país tem sido pioneiro e líder em certas indústrias, mas que, com o tempo e as mudanças de regime social, o intercâmbio internacional e o florescimento de outras indústrias e meios de comércio, tais iniciativas caem em desuso e, por fim, desaparecem do cenário de nossas atividades. Com a indústria da pesca da baléia já se deu isso. Afirmam historiadores das coisas do Brasil que, na Bahia, já houve uma indústria de pesca e beneficiamento da baleia, que era a maior do mundo, chegando-se a pescar de três a quatro baleias por dia!

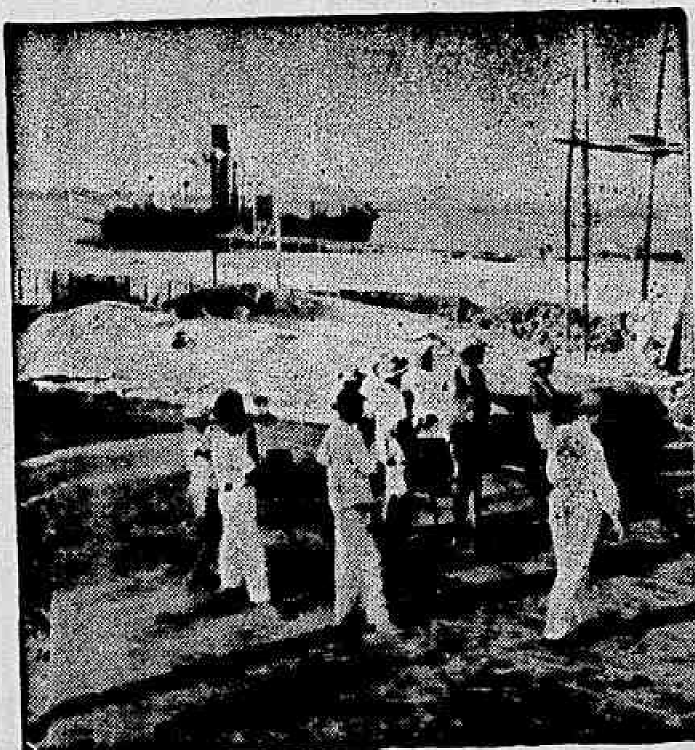
Nos começos de nossa civilização, apenas um século depois do descobrimento, a pesca da baleia foi introduzida no Brasil e floresceu admiràvelmente. Do corpo dêsses gigantes sentimentais e inofensivos dos mares do norte do país, colhiam-se milhares de toneladas de azeite e "ossos", barbatanas e, segundo asseveram alguns escritores, até âmbar. Deve haver confusão com os primos da baleia, os senhores cachalotes, parecidos com elas e, como as baleias, também mamíferos e muito úteis ao homem.

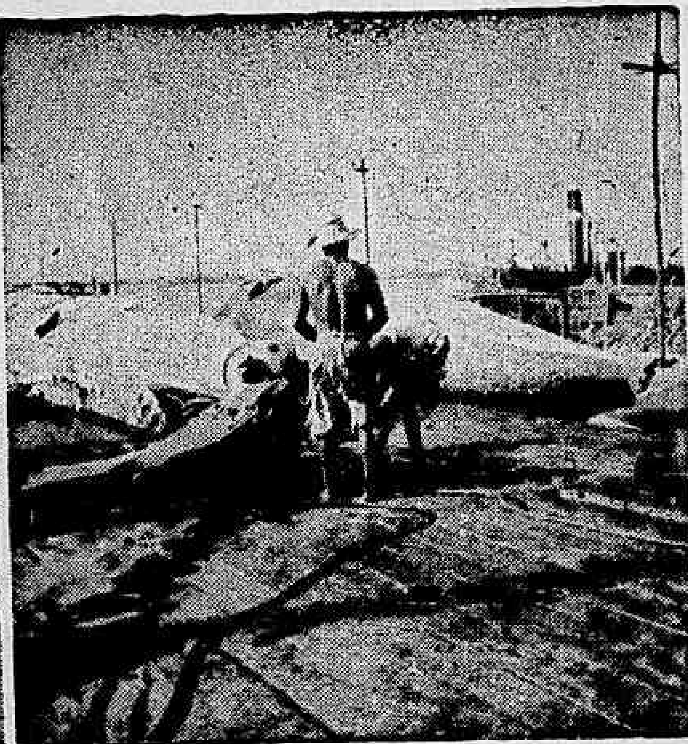
Antes da iluminação à gás e à eletricidade,



ÊSTE TRABALHADOR paraibano está saboreando um filé de baleia e declarou que é muito gostoso.

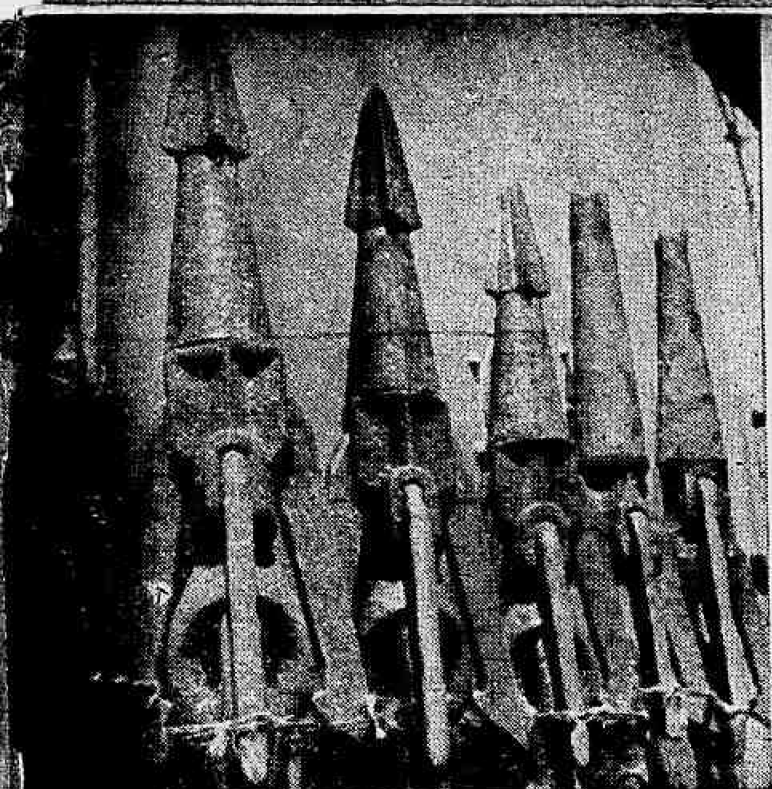








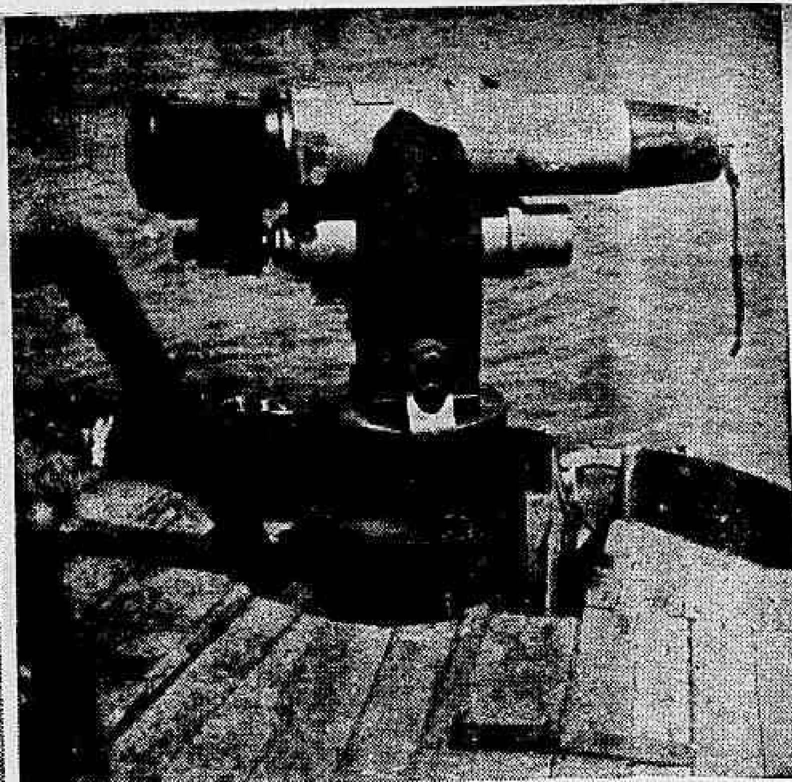
DEPOIS DE ARPOADAS em alto mar as baleias dos mares paraibanos são trazidas às instalações portuárias de Costinha, em frente a Cabedelo, para o beneficiamento.



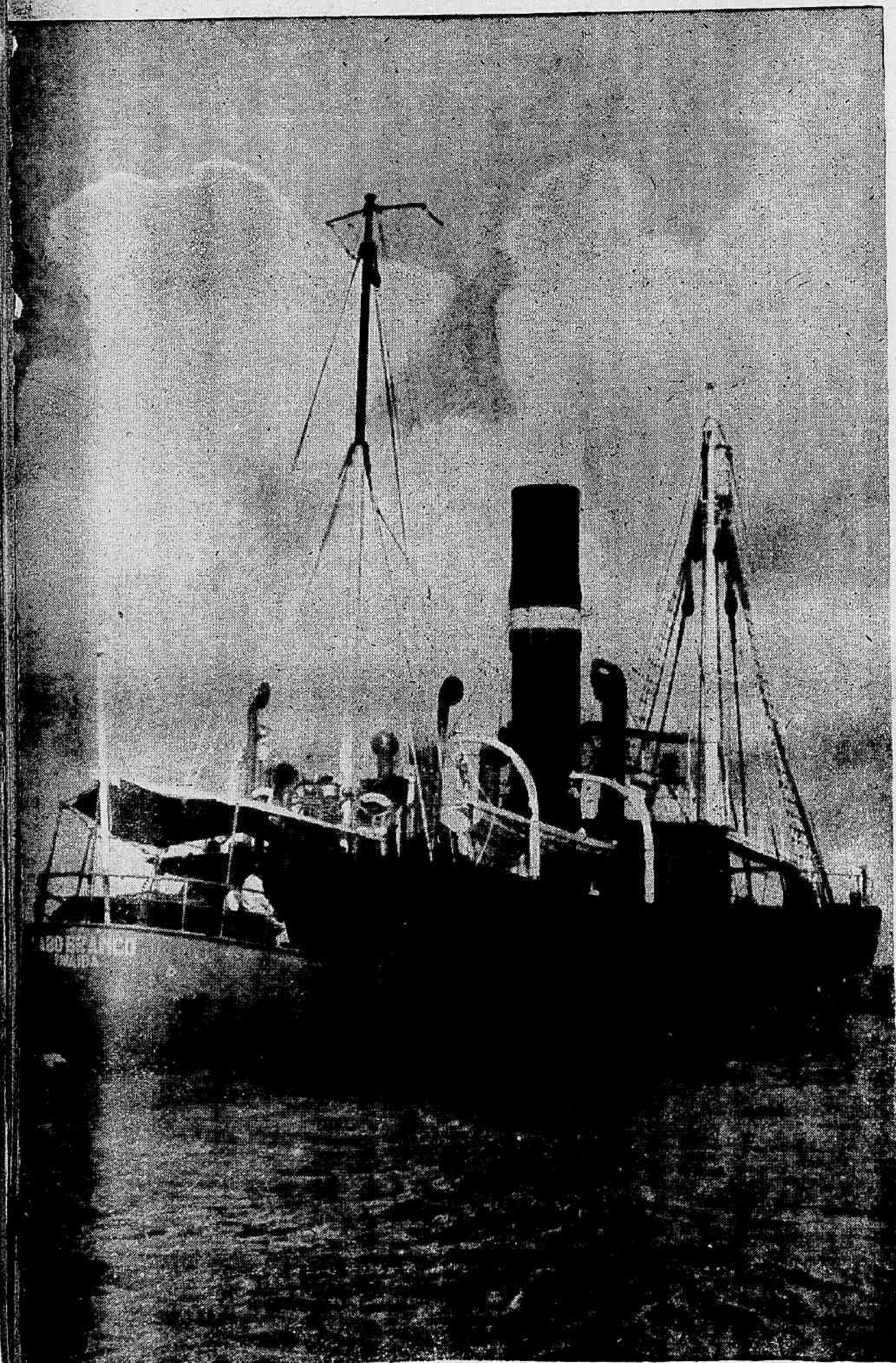
BATERIA de arpões a bordo do «Cabo Branco», para fisgar baleias.



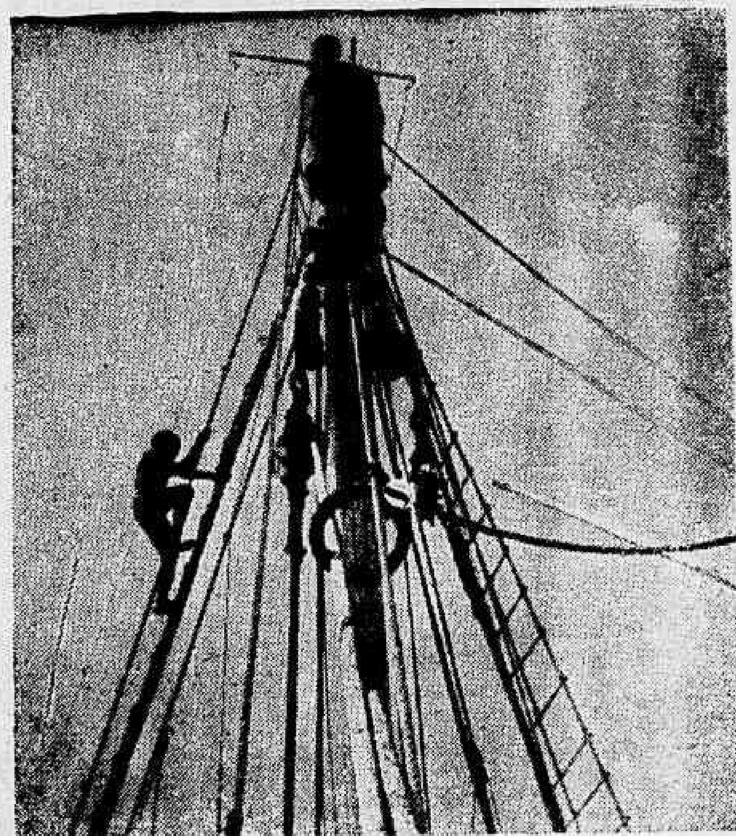
O TÉCNICO norueguês em carne de baleia, sr. Olav Halle Júnior.



O CANHÃO arpoador visto em tôda a sua estrutura, montado em ângulo que permite a mais perfeita execução.



UM DOS BARCOS da Companhia de Pesca Norte do Brasil «Cabo Branco», ancorado diante do pôrto de Cabedelo.



UM DOS «VIGIAS» subindo ao alto do mastro do «Cabo Branco», de onde espera dizer: — «Baleia à vista»!

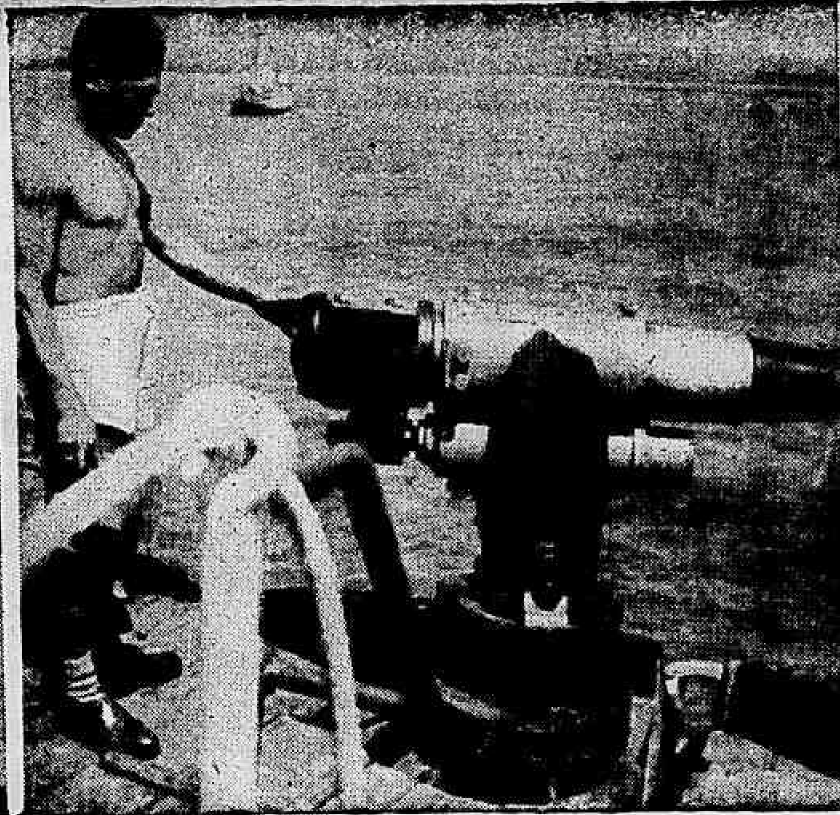
eram as baleias de muita procura. Nossos avós se iluminavam com o seu azeite, e as ruas das cidades tinham lampiões queimando azeite de baleia. Também servia a gordura para mistura com argamassa em construções de pedra e cal, como se viu, recentemente, com a demolição de igrejas do Rio, para a abertura da avenida Presidente Vargas. A argamassa era misturada com azeite de baleia para fixar os elementos de construção e rebôco.

Atualmente, porém, a indústria da baleia diminuiu em face de outros processos da civilização; entretanto, não morreu a indústria no Brasil. Há, na Paraíba, em frente ao pôrto de Cabedelo, no local denominado Costinha, uma emprêsa de pesca e beneficiamento de carne de baleia, ainda florescente e prestando reais serviços ao país. Data sua fundação, de 1912, pelo sr. Mendes Luis. No início da pesca só se aproveitava a massa de gordura dos cetáceos, para fabricação de óleo, desprezando-se o restante que era jogado ao mar. Por vêzes, tinha a Companhia que providenciar o enterramento dêsses restos que davam à costa causando reclamações de habitantes de povoações à beira-mar. Depois, porém, a Companhia aperfeiçoou sua indústria e a carne beneficiada é consumida, só em Cabedelo, por mais de 600 pessoas e a tendência é para aumentar o número de consumidores.

A carne de baleia é vendida ao preço de seis cruzeiros o quilo, podendo uma baleia fornecer duas toneladas de carne. Se houver entendimento e conjugação de esforços entre as várias Companhias de pesca de baleia existentes no Brasil, poder-se-á abastecer grande parte da população do país com carne de baleia, muito mais barata e muito saborosa. Não resta dúvida que a baleia,



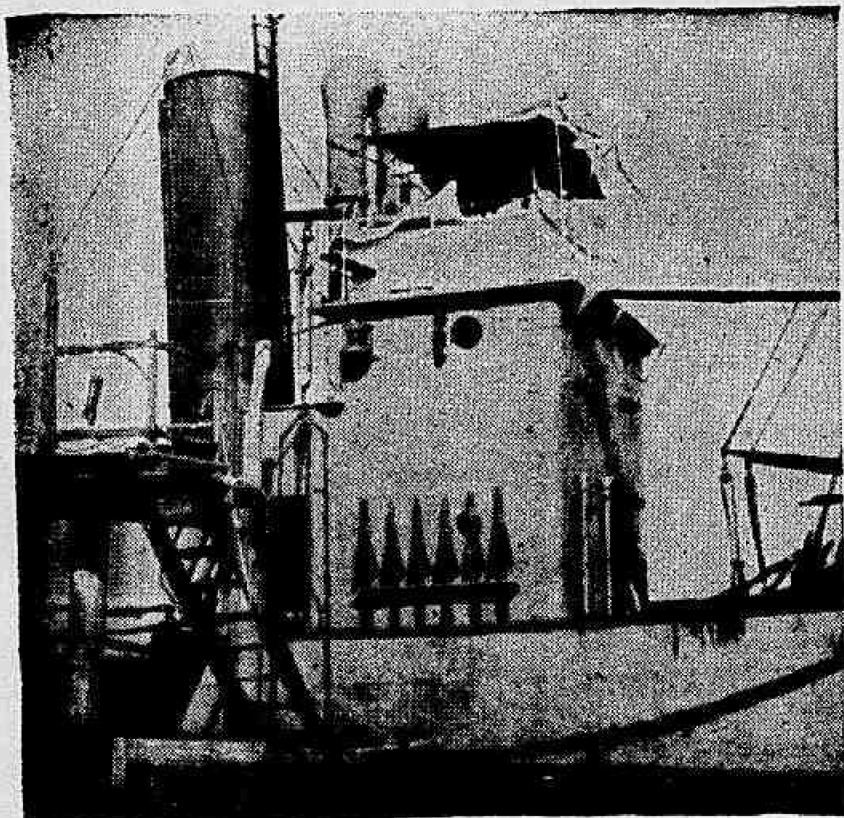
A PEÇA que lança o arpão contra os volumosos cetáceos do nordeste e que exige a maior perícia e exatidão.



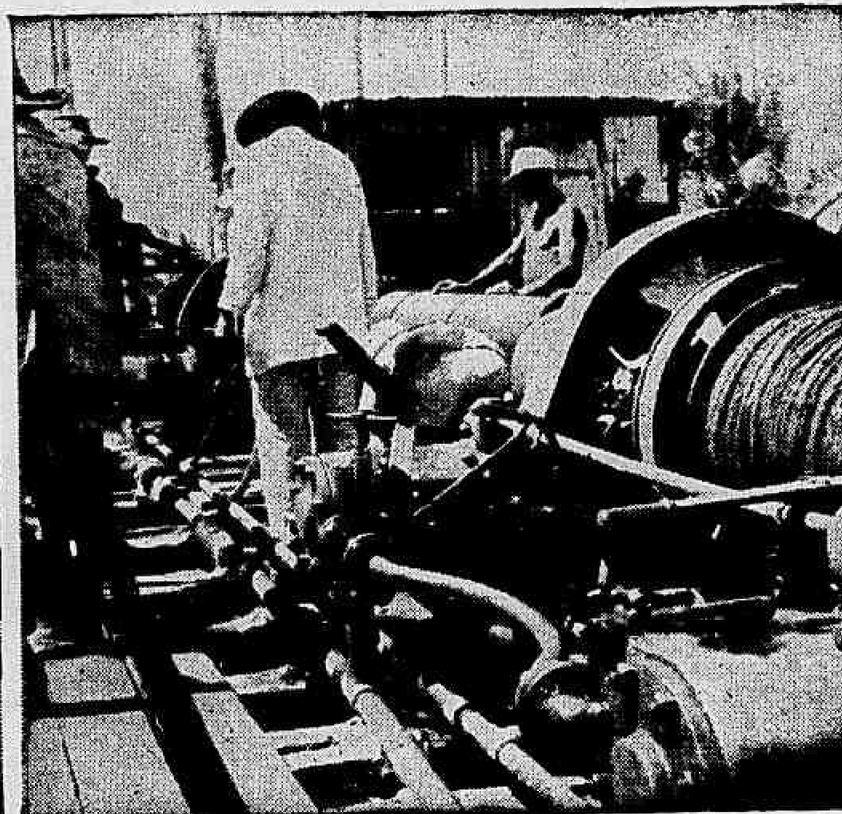
A BORDO de um dos barcos baleeiros, um trabalhador examina o canhão. Para tal serviço ganha 10 contos o arpoador.



UMA FASE da preparação da peça para o tiro contra a baleia que está à vista nos mares ao largo de Cabedelo.



DETALHE de um dos pequenos e velozes vapores da Companhia de Pesca Norte do Brasil, com sede na Paraíba.



AS INSTALAÇÕES de um navio que se dedica à pesca da baleia muito diferem das de outros barcos de carga.

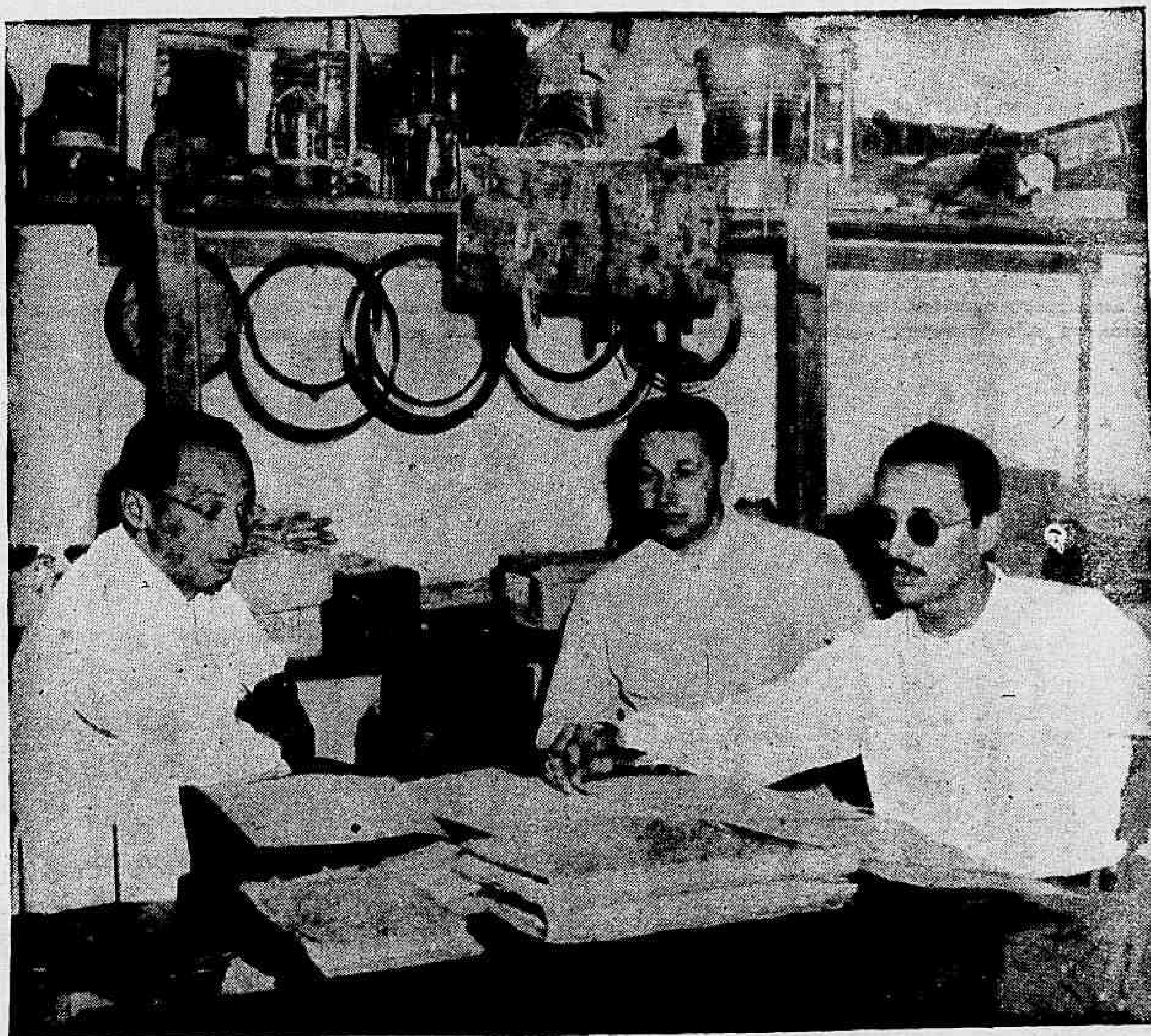


O COMANDANTE do vapor baleeiro, «Cabo Branco», velho lobo de mar do Brasil e que leva os barcos à pesca.

no momento atual, poderá constituir-se em sucedâneo da chamada "carne sêca", com grande economia para o povo.

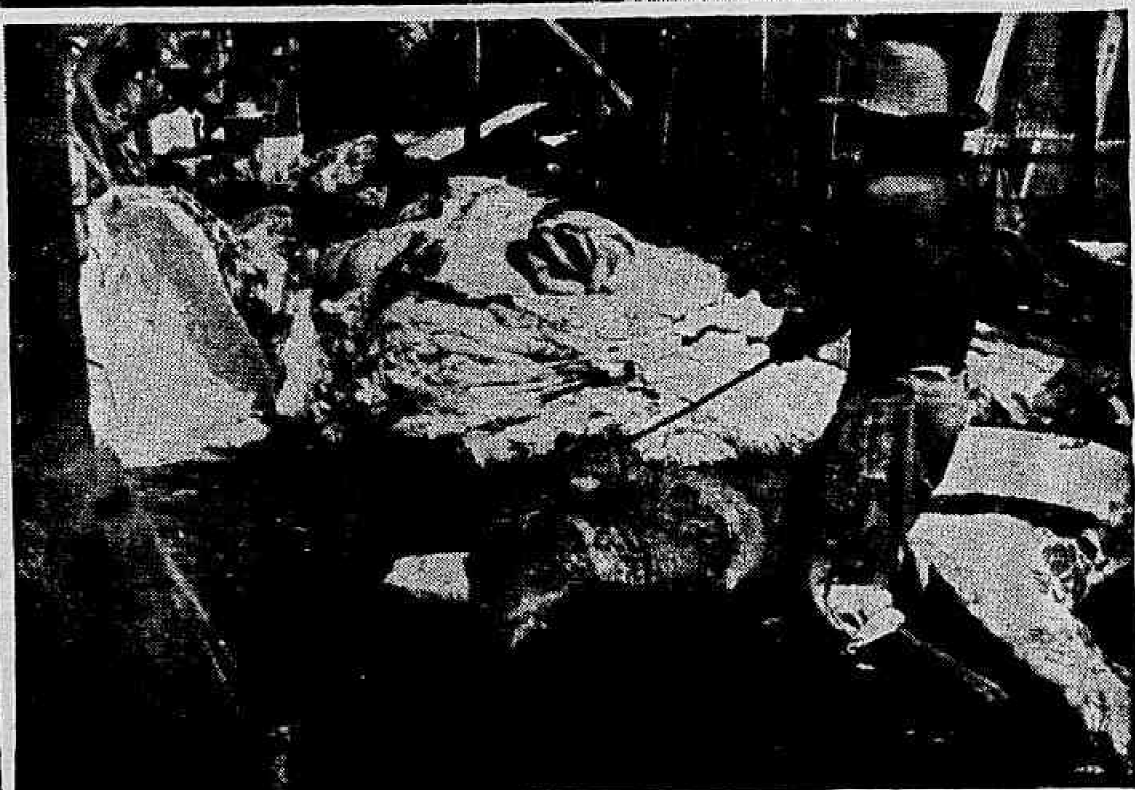
A REVISTA DA SEMANA, interessada em divulgar os esforços dos nossos patrícios em prol do progresso do país, mandou à Paraíba um dos seus repórteres para verificar "in loco" como se procedia à pesca da baleia e se aproveitava sua carne e gordura. Na reportagem, destas páginas, têm os leitores uma idéia geral sôbre o assunto, ainda desconhecido para a grande maioria dos brasileiros.

O repórter acompanhou a tripulação do barco "Cabo Branco" e assistiu às diversas fases da pesca a umas 20 milhas ao largo da costa paraibana. A bordo, soubemos que há, em nossos mares, sete espécies de baleias, sendo as mais comuns, a branca (espadarte) e a preta (humpblack). Achamos que também pode ser "humpback", porque essa baleia é corcunda e negra. Mas isso já é outro assunto. A Companhia de Pesca Norte do Brasil dispõe de três barcos de pesca armados com "canhões" para o lançamento do arpão, enorme e pesado dardo que fisga a baleia e a aprisiona. Mas, êsse serviço é de muita técnica. Para isso a emprêsa contratou um especialista norueguês, o "artilheiro" Haation Haationsen, com o ordenado de dez mil cruzeiros mensais e um gratificação extra de mais Cr$ 350,00 se fôr êle que avistar a baleia. E' interessante saber que, quando um tripulante avista o cetáceo e grita: "baleia à vista", ou então, "cachimbou!", já ganhou uma gratificação de Cr$ 100,00. Com o arpoamento do bicho, todos ganham automàticamente. Até o cozinheiro, que percebe Cr$ 25,00. Que significa "cachimbou"? As baleias, leitor, "cachimbam", mas sem pitar coisa nenhuma. Elas vêm à tona e lançam ao ar um jacto de água como se fôssem repuchos em jardins públicos. De



O sr. SAMUEL GALVAO (ao centro) diretor da Companhia, com o pagador e o Secretário da Companhia de Pesca.



O BENEFICIAMENTO da carne da baleia obedece a preceitos de técnica. Nestas fotografias tomadas nos terrenos da Companhia de Pesca Norte do Brasil, na Paraíba, vemos diversas fases do tratamento de uma baleia recém-arpoada, da qual são retiradas as gorduras e fressuras, mantendo-se a carne que é apresentada como grandes mantes semelhantes ao xarque.

longe, tais explosões de água assemelham-se a baforadas de quem estivesse a fumar um enorme cachimbo digno da enorme bôca de uma baleia. Quando é avistado o "cachimbar", a baleia está no papo...

Aproximando-se o barco a uma distância conveniente, o dardo é disparado pelo canhão e prêso a um cabo especial com cêrca de 650 metros. Sentindo-se ferida, a baleia procura fugir furiosamente, ainda vivendo algum tempo, percorrendo centenas de milhas, até perder as fôrças e entregar-se aos seus perseguidores. Recolhida ao costado do barco, ou sôbre o mesmo, injetam-lhe ar com uma seringa, operação essa que reduz o pêso específico do monstro abatido, tornando a baleia muito leve para boiar e ser rebocada até ao pôrto de beneficiamento. Na Noruega usam de uma forma interessante: arpoada a baleia, e injetada com ar, fincam-lhe um mastro com a flâmula da Companhia e a deixam boiando, enquanto os mesmos pescadores continuam a procurar outras. No regresso, juntam as "vítimas" e trazem tôdas de uma vez, com a tripulação em festa.

As nossas baleias negras têm 70% de óleo e 30% de adubo, enquanto o "espadarte", contém 10% de óleo e uma carne muito saborosa. Uma baleia negra pode produzir de 60 a 120 tambores de óleo. Tendo cada tambor, 180 quilos, multiplique-se aquelas quantidades pelo número de quilos e teremos um belo resultado econômico em favor dessa indústria extrativa à flor das ondas. A época mais propícia à pesca das baleias na Paraíba é de julho a fins de setembro, quando a colheita atinge, em média, cento e cinquenta dêsses cetáceos. Uma baleia deixa, em média, o lucro líquido de 130 a 160 mil cruzeiros.

A organização da Companhia de Pesca Norte do Brasil é da smais eficientes do país, e muito con-

(Cont. na pág. 54)



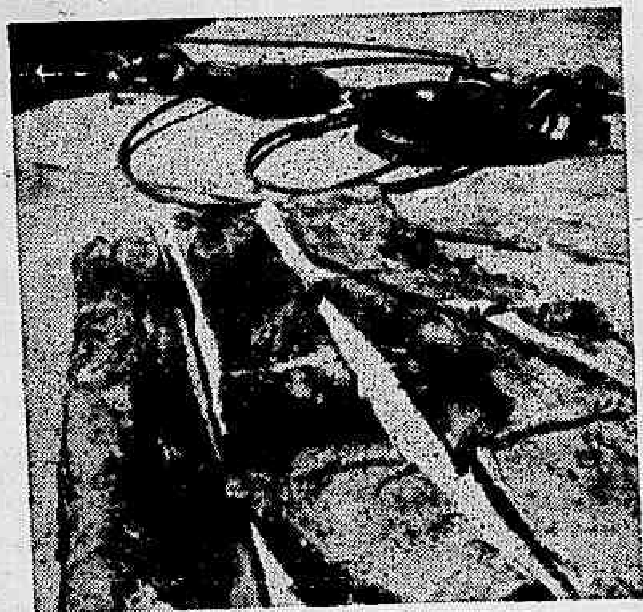
OPERÁRIOS na faina, ao ar livre, separando as diversas partes de uma grande baleia recém-chegada



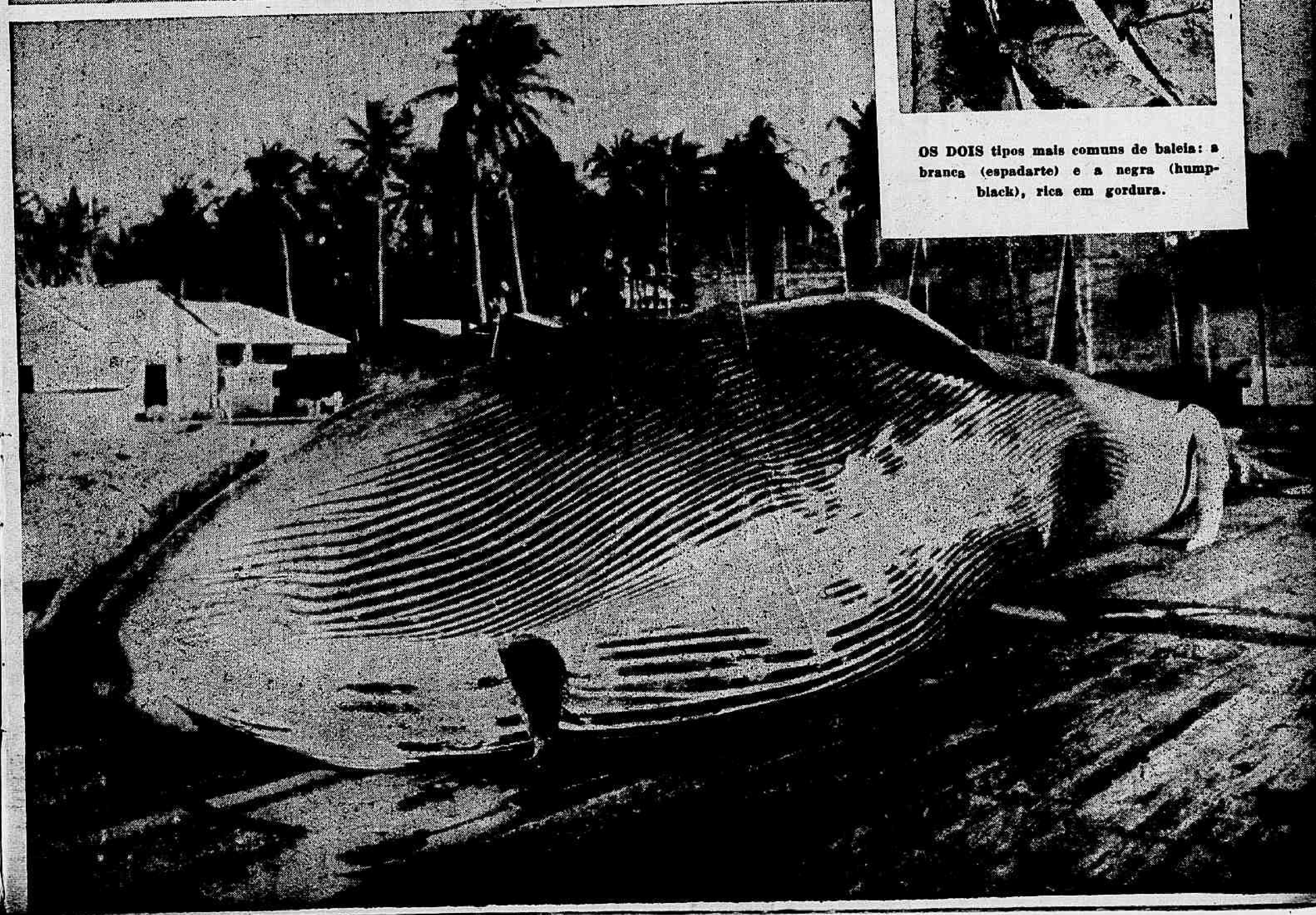
A BALEIA branca tem pouco toucinho; mas a prêta, nada menos de 12 centímetros em volta do corpo



ISTO é um pequeno trecho da cabeça de uma «humpblack», da qual são retirados caramujos e ostras.

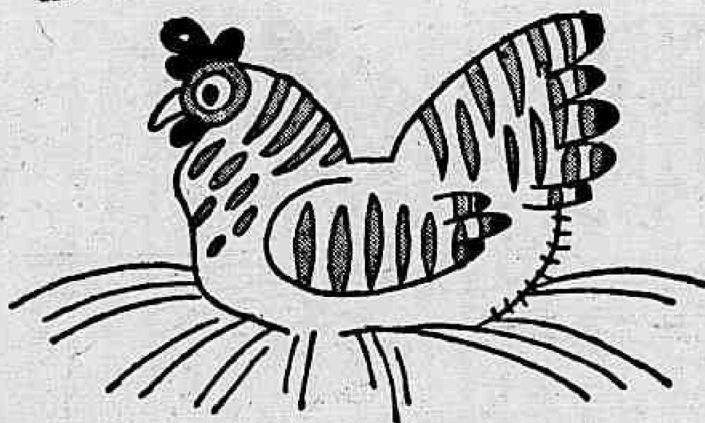


OS DOIS tipos mais comuns de baleia: a branca (espadarte) e a negra (hump-black), rica em gordura.



A VIDA assim é MELHOR





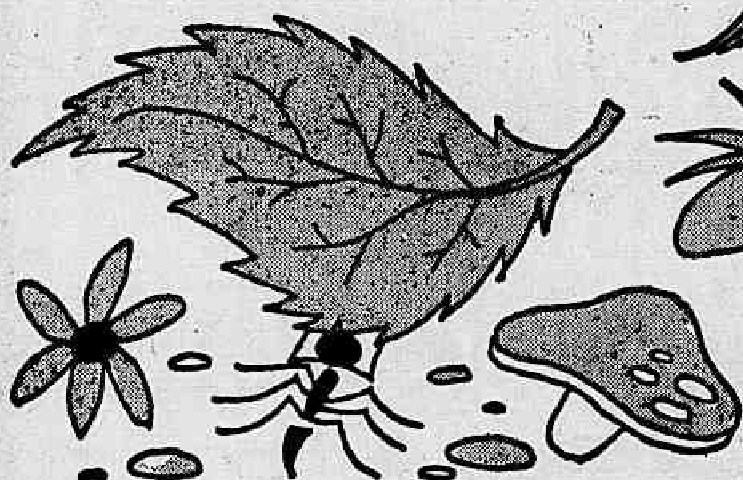
— Falta de ovos?! Se há sabotagem a culpa não é minha...

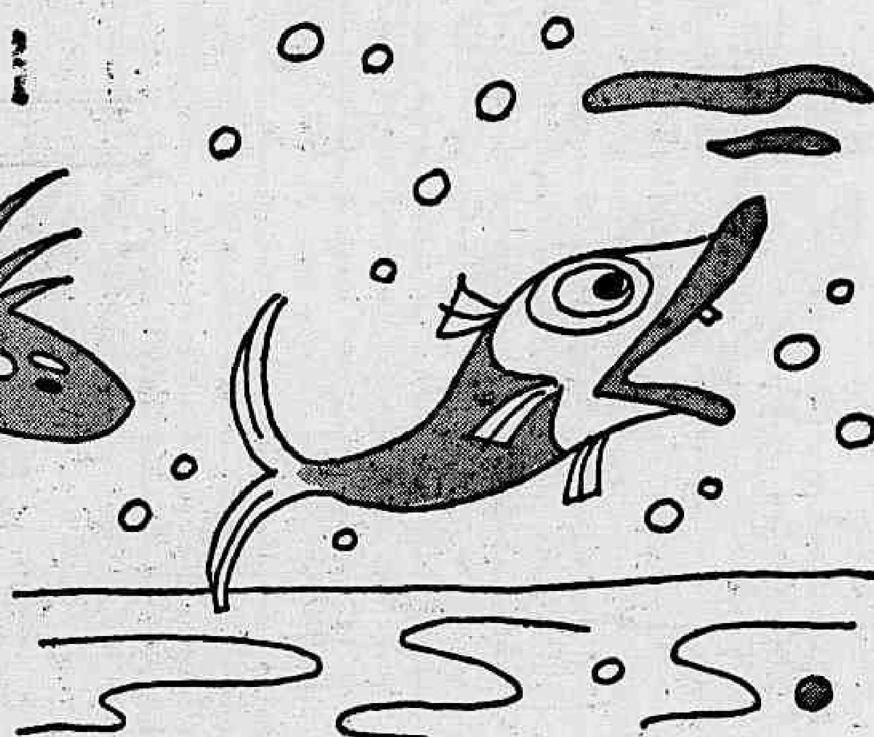


— Dificuldade de transportes? Mão, contra mão, sinais de tráfego? Para que tanta complicação?!



— Água no leite? E eu que até agora não havia dado por isso?!





— Falta de comida, só como piada...

— Relógio de ponto, férias, repouso remunerado... Que gente fracassada!

— Essa história de escassez dágua é de fato uma boa bola!

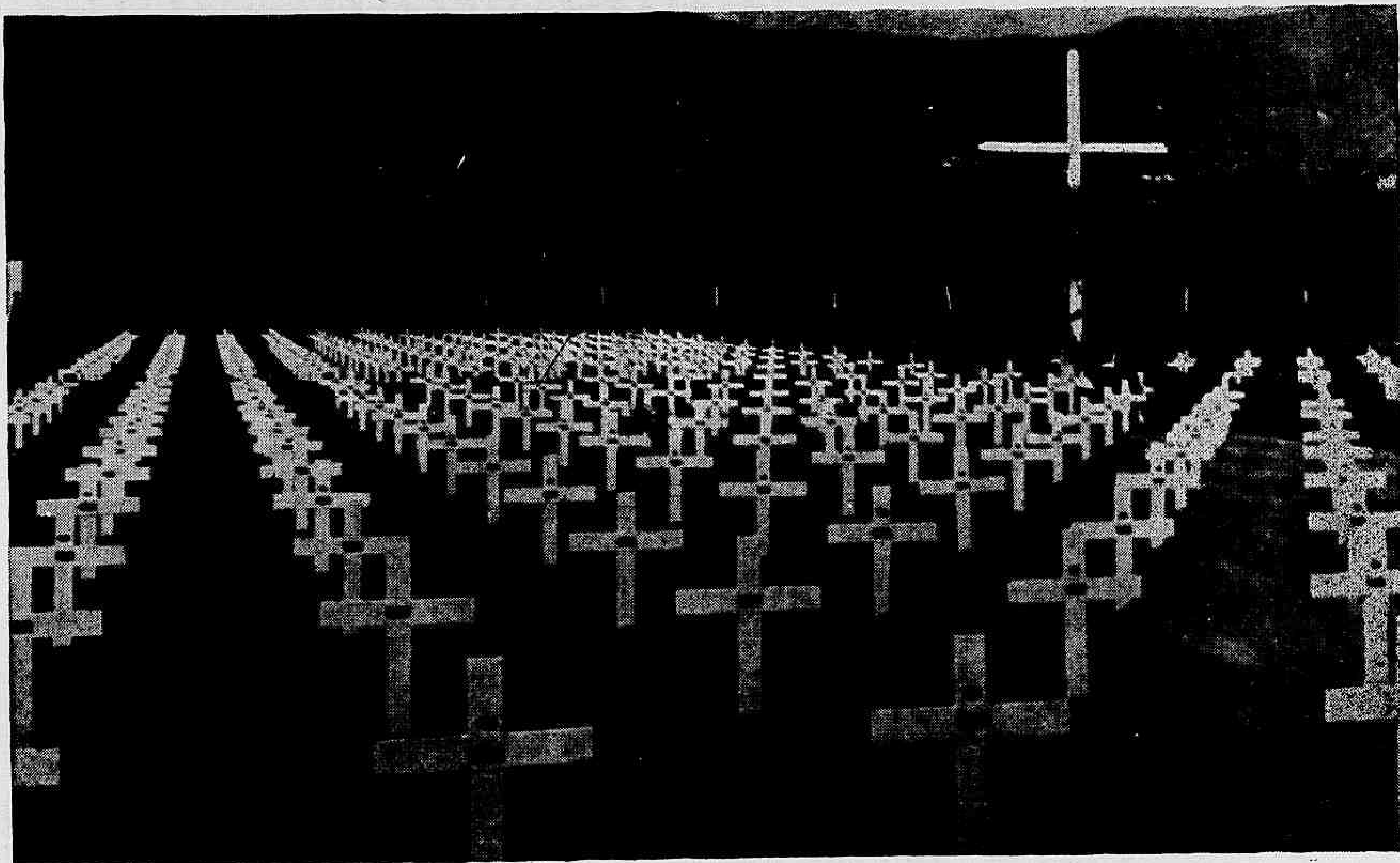


— Lixo debaixo do tapete, Secundina?!

— Pra que botá na lata, se o lixeiro não leva?



— Falta de casas? Eu, hein!...



PISTÓIA E O PANTHEON

VOLTA a falar-se na remoção dos despojos dos bravos que repousam em Pistóia, para terra brasileira; e já existe local destinado a recebê-los, na base do monumento a Caxias, na Praça da República. Também está sendo noticiado que outro Pantheon seria erguido em São João Del Rei, para guardar os restos mortais dos pracinhas daquela histórica cidade mineira.

Trata-se de um movimento piedoso e nobre, com o propósito de devolver à terra mater aquêles quatrocentos e tantos heróis que não puderam voltar vivos. Outros voltaram e por aí andam curtindo as suas mágoas. Quais dêles terão sido os mais felizes, não cabe agora discutir.

Mas a propósito do nosso cemitério militar em terra italiana já houve quem dissesse:

— E' preciso acabar com aquilo. Esquecemos que o povo de Pistóia, mesmo por educação reverenciando os soldados brasileiros ali sepultados, não podem esquecer que êles foram seus inimigos.

Pois daqui lhes diremos que é falso êsse juízo e não o merecem os foros de alto civismo da gente daquela bela cidade. Tivemos ocasião de visitá-la faz agora um ano e sentimos bem de perto uma verdade: o campo santo dos nossos pracinhas é também sagrado para os nativos, que nêle cultuam a memória de quem cumpriu com o seu dever. Um dêles nos disse, na presença do sargento-zelador Miguel Pereira:

— Gostaríamos que nos deixassem continuar dando êste tributo de homenagem aos seus patrícios. Vamos sentir grande falta dêsse santuário quando o levarem daqui, pois já nos habituamos a venerar a imagem de Nossa Senhora do Brasil, e para todos os italianos isto não é o cemitério de quem foi nosso inimigo, senão um templo que faz lembrar as misérias da guerra, quando todos morrem por um dever. Por que não deixam isto como está, amigo?

Outro afirmou ter servido aquêle pedaço de terra sagrado para mais ainda estreitar os laços afetivos entre brasileiros e italianos:

— E' um pedaço da Itália que serve de repouso aos nossos amigos "brasilianos" e isso muito nos desvanece.

★

Tôdas as tardes a cerimônia se repete: o pavilhão brasileiro que tremulou no mastro desde pela manhã, à entrada, é descido pelo sargento. Há uma igrejinha perto e escuta-se o badalar da Ave-Maria, enquanto gente humilde do povo, camponeses de Pistóia, lá vai fazer suas preces. Erguem aos céus suas orações, persignam-se em contrição e volvem os olhos para a bandeira verde-amarela, que vai baixando e espadanando ao vento, para erguer-se no mesmo tôpo na manhã seguinte. Há um minuto de espiritualidade em que comungam os corações da gente da terra e dos brasileiros presentes. E' um pouco do Brasil e da Itália que se irmana. E ninguém esquece que dentro daquele cemitério, não estão sepultados apenas brasileiros, mas também, num atestado de elevado espírito cristão, quarenta e sete soldados alemães. Os últimos reflexos do sol se vão espalhando por sôbre as campas de cruzes alvas, em muitas murchando as flores da saudade mandadas de longe. Capacetes perfurados pelas balas são conservados juntos às sepulturas de quem morreu com êles; e, com freqüência, visitantes brasileiros confraternizam do ritual sentindo os olhos umedecidos.

Foi essa a emoção mais forte que nos deu aquela peregrinação de Ano Santo, senhores. E serviu para revelar a verdade suprema de um paradoxo: Um cemitério de guerra está prestando inestimável serviço de paz.

★

Gostaríamos que os promotores da remoção dos despojos dêsses pracinhas assistissem a uma dessas cerimônias em Pistóia antes de levar adiante a sua idéia. Quem sabe se não seria melhor deixá-los, aos nossos irmãos, lá mesmo sob a terra da Itália, fertilizando-a com o mais nobre sentimento de fraternidade e gerando êsse sentimento ainda mais forte entre os dois povos?

Mas se os pracinhas têm que vir, que venham. Aqui fica nesse caso um apêlo: Não desprezemos aquêle pedaço de terra que os italianos puseram à disposição do Brasil com tanta generosidade. Nesse caso, nêle deveríamos deixar alguma coisa que marcasse, pela vida adiante, o nosso reconhecimento pelo respeito tributado aos soldados desta terra. Não há local mais próprio para ofertar àquele povo amigo as nossas homenagens, simbolizadas num preito de amor e de humanidade, acima de qualquer instinto bélico. Deixemos então Nossa Senhora do Brasil naquele mesmo lugar.

CELESTINO SILVEIRA

SUMÁRIO

REPORTAGENS
Vamos comer baleia! (Newton Viana) 3/7
Copa Rio (Levy Kleiman) ..... 12/16 e 56/57
Gostou da nova REVISTA? .. 18/19
A França quer arrebatar... (Domingos de Lucca Jr.) .. 23/25
Teria o espírito de Laureano se manifestado? (Abdias Rodrigues) 27/31

LITERATURA
Pistóia e o Pantheon (Celestino Silveira) 9
A Caneta Fatídica (Edgard S. Machado) 22
Ave-Maria (Gilvan Lemos) .. 36
Semana Literária (Edmundo Lys) 42/43
Diálogos Diplomáticos (Neo Portella) 58

SEÇÕES PERMANENTES
A Semana em Revista 10/11
Personagem da Semana 11
Puxe pelo Cérebro 48
Palavras-Cruzadas 49
A Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 44
Tudo isto aconteceu 52/53

HUMORISMO
A vida assim é melhor (Théo) 8
Nem cara... Nem coroa (Nicodemus) ..... 20 e 26
Êste mundo louco (Darcy) .. 32

CINEMA
A estrêla atômica do cinema italiano 33/35
Cine-Novela (Teresa) 46/47

FEMININAS
Detalhes 37
Sugestões juvenis 38/39
Week-End na Cozinha 40/41
A cultura física da mulher (Edith Torok) 45

FOLHETIM
A Timidez de Letty 55

HISTÓRIA
Um pouco de história do Rio de Janeiro (Augusto Maurício) 17

ILUSTRAÇÕES
Gil — Orval — Rafael.

FOTOS
Newton Viana — Celestino Silveira — José Santos — Jorge Lyra — Dario Terini — Abdias Rodrigues — M. G. M. — Avulsas.

NA CAPA:



Judy Holliday
(Foto Columbia)

A SEMANA

MAURICE CHEVALIER



NÃO é comum ver-se um astro do palco e da tela chegar à idade de 62 janeiros com o prestígio pessoal e artístico de Maurice Chevalier. Êsse "Príncipe de Paris", como é chamado nas rodas galantes e de arte, descobriu o segrêdo do triunfo através dos anos e venceu a ação do tempo. Maurice Chevalier, sexagenário, possui o mesmo calor dos seus 30 anos, quando levava alegria e entusiasmo às platéias mais exigentes. No cinema sua figura sempre dominou. Seu famoso chapéu de palhêta era simbólico, tão popular como o guarda-chuva de Chamberlain ou o charutão de Mr Churchill. Quem não gostava de ouvir uma canção tipicamente parisiense cantada por Chevalier? Com aquêle senso de malícia, o sentido duplo que tanto pode esconder uma irreverência como uma nota sutil, a alma de Paris, apesar dos seus dois mil anos de vida, estava sempre jovem na expressão dominadora da voz e da graça de Maurice Chevalier. Mas, ao dar suas impressões de chegada a um dos nossos colegas da imprensa do Rio, Maurice nos revelou porque continua moço na alma, apesar de seus 62 invernos bem vividos: êle não é saudosista, isto é, não procura cantar coisas do passado, de sua mocidade, dos seus contemporâneos nos palcos alegres de Paris. Nada de "Meus oito anos", com dolentes inflexões de voz capaz de fazer chorar a um velho, mas de provocar risos incoercíveis em um jovem de 20 anos. Maurice é sempre atual, interpreta canções de hoje, oportunas e modernas. E se usar o palhinha é porque procura fazer contrastes...

★

SÊCA



PELAS ruas e praças, ladeiras e bequinhos, viam-se pessoas de tôdas as classes conduzindo à mão ou à cabeça, vasilhas domésticas. Que seria? Que procissão seria aquela ainda tão cedo? Era gente em busca de água, leitor. Donas de casa, empregadas, serviçais, crianças, todos na direção do desconhecido: água! Mas, onde se passava êsse espetáculo? Em Crateús, no Ceará? Nos desertos de Gobi, na Ásia? Nada disso. O fato se passou e continua a passar-se, de quando em quando, na opulenta e rica zona sul do Rio de Janeiro, do Leme ao Leblon. Desde o dia 9 de julho, não houve água nas bicas, nem mesmo para fazer-se um cafèzinho. E por falar nisso: os cafés de Copacabana suspenderam a bebida por falta de água! Nos grandes edifícios de apartamentos as famílias suspiraram pedindo, ao menos, que o engenheiro Jonot Pacheco mandasse um aviãozinho furar umas nuvenzinhas que estavam ali pelo morro da Babilônia, só para chatear os sedentes. Uma sugestão ao serviço de águas da Prefeitura: quando os canos arrebentaram, o que é coisa muito comum em nossos encanamentos, mandem aos bairros aflitos alguns carros-pipa com o "precioso líquido" captado nos locais onde o dito corre. Se a Prefeitura fizesse isso, já contentaria um pouco os flagelados do Rio traiçoeiro que, sòmente para ser original e maravilhoso, esconde suas águas. (P. S. — Até ao dia 13 a sêca na zona sul continuava terrível...).

★

CUIDADO, MOTORISTAS!



A semana passada foi fértil em punições aplicadas pelo diretor do Serviço do Trânsito em motoristas que estão saindo da trilha do dever e derrapando contra a moral e os bons costumes. E' interessante lermos os motivos por que tais pessoas foram punidas com a apreensão de carteiras de motoristas e suspensões do volante desde 30 dias a seis meses. Assim, o sr. José Jorge teve que afastar-se do seu carro durante um mês a fim de submeter-se a tratamento médico; o sr. Antônio Ferreira, ao submeter-se a exame psicotécnico demonstrou não ter aptidão para o exercício da profissão de chofer, sendo-lhe aconselhado severo tratamento psiquiátrico; o sr. R. C. de M. foi suspenso por meio ano pelo fato de estar embriagado ao volante de seu auto, e, por isso provocara uma colisão na Av. Niemayer; enfim, o sr. J. N. F. teve a má sorte: meteu o seu carro particular por entre pessoas que acompanhavam uma procissão lá pela rua do Riachuelo, pondo em perigo de vida centenas de pessoas. Detido pelos inspetores do trânsito, foi levado à delegacia do 13º Distrito para explicar-se, sendo descoberto que o homem estava alcoolizado. Punição: seis meses sem guiar carro, embora possa tomar seus pileques. Mas só poderá acompanhar procissão a pé, por mais forte que seja o seu "santo"...

EM REVISTA

RAINHA DO ALGODÃO

HOSPEDOU o Rio uma outra rainha: a do algodão. Não do nosso algodão "Seridó", o de mais resistente e mais longa fibra do mundo, mas do algodão dos Estados Unidos. Chama-se ela Jeannine Holland, tem um metro e setenta, é loura e muito simpática. Miss Holland venceu o concurso para a eleição da Rainha do Algodão, festa tradicional lá do Tennessee, sob o patrocínio do National Cotton Council of America, de Memphis, naquele Estado. Como prêmio, a vencedora teria uma viagem à Europa e aos países latino-americanos. Como é de imaginar, foram numerosas as concorrentes, tendo saído vencedora Miss Jeannine Holland, com aplausos dos seus torcedores e votantes. Miss Holland estêve no Rio, hospedando-se no Copacabana-Palace. Uma das curiosidades lógicas que apresenta a encantadora rainha é a que se refere ao seu guarda-roupa. Não há vestidos de sêda nem de outros tecidos. Tudo é de algodão. Ao descer do avião, trajava um conjunto "cotellet", casaco prêto e vestido amarelo queimado, modêlo francês. Segundo informam, todos os seus vestidos são à base de algodão, criação de trinta (30 mesmo, leitor) modistas francesas e americanas. Seus chapéus são idealizados por três dos mais importantes manufatureiros norte-americanos e nada menos de sete criadores são os responsáveis pelo calçado que usa. Isso tudo está numa notícia em vespertino desta capital. Estuda na Universidade feminina Texas State e gosta muito de esportes. Miss Holland pouco se demorou no Rio, mas não chegou com muita felicidade: apanhou um resfriado daqueles!



★

TRÉPLICA

A redação do Código Civil brasileiro produziu um dos mais inesperado efeito: uma luta filológica e gramatical entre o famoso e sábio professor baiano Carneiro Ribeiro, e o não menos famoso e não menos erudito conselheiro Ruy Barbosa. Dêsse choque de gigantes do saber linguístico nasceu um pequeno volume de Carneiro Ribeiro, umas "considerações" acêrca das emendas de Ruy ao projeto do Código Civil. Ruy, não se conformando com as contestações do velho mestre da Bahia, saiu a campo com êsse monumento de saber filológico que é a imortal "Réplica". Embora escritor escorreito e muito cuidadoso com o escrever, não havia Ruy Barbosa provado ser o que já era de há muito: um conhecedor da língua e de seus mais recônditos segredos. Carneiro Ribeiro escreveu então a "Tréplica". Se a morte não os retira desta vida, ainda hoje estariam medindo fôrças verbais os dois Sansões das ciências filológicas, sem receio de qualquer Dalila, pois o segrêdo de tanto poder e fôrça de expressão, não lhes provinha das cabeleiras e sim do espírito, que nunca teve madeixas. Muitos possuem a "Réplica" de Ruy; mas, quanto à "Tréplica" de Ernesto Carneiro Ribeiro, ninguém a possuia. Agora, porém, está ela à venda em nossas livrarias. Os que, em verdade, sonham com tais obras, que suspiram por um volume, não podem comprar: Cr$ 300,00 brochado... Como vemos, tudo "triplicou"...



★

NOVAS ENCRENCAS

ESTAMOS, se não houver complicações, no final da guerra coreana. Também o caso do Irã se aproxima do têrmo, com a definição do govêrno da velha Pérsia diante da Inglaterra: nacionalização pura e simples do seu petróleo e saída da Côrte Internacional de Haia. Não é provável que a Grã-Bretanha responda pela fôrça a atitude do Irã, sobrevindo, com isso, a terceira guerra mundial. E' de esperar-se, pois, que inglêses e iranianos cheguem a entendimentos de natureza comercial, uma vez que o petróleo, embora chamado "o nervo da guerra", pode contribuir para esmorecer a tensão de nervos entre os dois povos que estão a pôr o mundo muito nervoso. Mas, quando a gente espera que a paz volte a reinar sôbre os homens de boa-vontade e má dita, eis que os telegramas dos jornais espalham uma notícia temível: "O govêrno do Cairo está disposto a reivindicar a participação de 50% dos lucros líquidos da companhia do Canal de Suez, em lugar dos 7% da renda bruta, como sucede atualmente. Se o govêrno egípcio não fôr atendido pelos inglêses, será apresentado ao Parlamento daquele país um projeto de lei nacionalizando a Companhia. Isto, leitor, significa estarmos diante de outra encrenca dos diabos, tão séria como a do Irã. Suez representa para a Inglaterra o mesmo que o Canal do Panamá em relação aos Estados Unidos. Saindo Suez da supervisão inglêsa, o Mediterrâneo já não é mais uma garantia ocidental.



A PERSONAGEM DA SEMANA



Sr. Nereu Ramos

OS Srs. Gustavo Capanema, Soares Filho e Brochado da Rocha, líderes das maiores correntes políticas na Câmara Federal, estão como que chamados mais uma vez a orientar os seus liderados em relação a um assunto gravíssimo. E' que tôda a imprensa do país tem as atenções voltadas para o projeto que o Sr. Dario de Barros apresentou à Câmara, parece que sem o ler bem, cujas conseqüências podem ser resumidas numa só: a morte da imprensa. O projeto em aprêço, inicialmente, não estava causando maiores preocupações, tão absurdos são os seus dispositivos. Mas, agora, a maioria da Comissão de Legislação Social deu-lhe apoio. E, então, a onda de apreensões não assoberbou apenas os jornais do interior, que serão fulminados, mas também os grandes jornais das capitais, casa o projeto vingue. A proposição não é apenas inconstitucional mas também de execução impossível tal o amontoado de absurdos e incongruências. Não se trata de um ajustamento dos salários dos profissionais da imprensa sob o fundamento da elevação dos preços, mas de um atentado à organização interna das emprêsas, e, — ainda que pareça incrível — mais uma ameaça de pesados ônus aos tesouros da Nação, do Distrito Federal e dos Estados. Basta considerar que, pela definição do projeto, até os porteiros e mensageiros das emprêsas jornalísticas são jornalistas. E todo êsse mundo de gente vai gozar de isenção do impôsto predial e de transmissão para a residência própria. E o cidadão em função pública, conta, para efeito de aposentadoria, o tempo em que serviu à imprensa. São os privilégios de classe, os favores pessoais valendo sempre contra o interêsse geral. E' mais um projeto inflacionista, injusto e esdrúxulo, conforme o disse, com outras palavras, o deputado Guilhermino de Oliveira que teve a coragem de vetar independentemente de qualquer conveniência. E o Sr. Nereu Ramos, da elevação em que se encontra, saberá compreender o sentido do projeto. E' o que a Nação espera.

CORREIO DA REVISTA

W.B.M. — Pôrto Alegre — «A grande aposta» foi reprovado. O amigo o tornou enfadonho desde o começo. Procure tornar seu estilo mais atraente, deixando de lado as amplificações desnecessárias, os detalhes repetidos. Notamos que sua composição revela qualidades de escritor; mas não basta saber escrever. E' preciso «descrever» com estilo agradável, fluente.

N.C. de O. — Belo Horizonte — Não foi possível publicar o seu «O matador». A senhora escreveu em ambos os lados do papel, o que não se faz para a imprensa. E' sòmente numa face. Além disso, o seu português está muito defeituoso. Não ajudou.

ELÍSIO PORTELA — Fortaleza — Ceará — Recebemos sua carta com os anexos. Entregamos tudo ao encarregado da Seção Literária.

ANGELO NOTARIO FILHO — Pôrto Alegre — Não guardamos o nome da editôra do livro «Cristo, o maior dos anarquistas».

JOSÉ DE OLIVEIRA NUNES — Rio — «O crime da árvore», «Um homem só» e «Amor num copo dágua», não conseguiram aprovação. «A fobia de Margarida» ainda não foi ilustrado. «Conte-me sua história», já está ilustrado e deverá sair dentro de pouco tempo.

FERUCCIO FABBRI — Distrito Federal — Muito bem escrito o seu «Sonho». Deixamos de publicá-lo porque o assunto não se situa no Brasil. Os contos desta Revista devem ser sôbre cousas nossas. A não ser assim, só mesmo cousa muito boa.

M.A.G.B.S. — Miracema — E. do Rio — Não foi possível aprovar o seu conto «Na outra encarnação». O estilo não concorreu para aprová-lo. Mas não desanime. Nesta mesma encarnação poderá escrever e ser aceita a sua produção aqui na Revista da Semana.

R. da C.D. — Rio — «O vencido» não pôde ser aproveitado. Fraquinho.

S.B. dos R. — Rio — Seu «Janela para o céu» não passou. Falta-lhe vigor. A história não possui emotividade

COPA RIO

OS MELHORES DE 51
BRASIL E ITALIA

A HISTÓRIA DO TORNEIO INTERNACIONAL ★ NO FUTEBOL NÃO HÁ LÓGICA ★ "ARTIGO DE PRIMEIRA NECESSIDADE DO POVO, O FUTEBOL" — PROCLAMA, NO SENADO, O SR. MOZART LAGO ★ A MARCHA DAS ELIMINATÓRIAS ★ DEU LUCRO A COPA ★ "PENALTIES" QUE RESULTARAM EM PRISÕES ★A CENSURA FOTOGRÁFICA NOTURNA

Reportagem de LEVY KLEIMAN
Ilustrações fotográficas de JOSE' SANTOS



A O.N.U. DOS JUIZES: Mário Viana (Brasil), Powers (inglês), o fujão Tordjman (francês)



CENSURA fotográfica noturna. Os fotógrafos interpelam o presidente da C.B.D.

A "Copa Rio", que terminou domingo passado, nasceu há um ano, quando terminou a "Copa do Mundo". O vulto das arrecadações no estádio do Maracanã, batendo "records" mundiais de bilheteria em espetáculos futebolísticos, sugeriu a idéia de um torneio que reunisse oito clubes campeões de diversos países. No Rio, agora a capital mundial do futebol, se fazia necessário proporcionar a um público tão amante do esporte inglês, um torneio com os mesmos atrativos da "Copa Jules Rimet".

O PAI DA "COPA RIO"

Coube a Mário Filho, diretor do matutino especializado "Jornal dos Esportes" e chefe da seção esportiva de "O Globo", a primazia da sugestão para que se realizasse em 1951, um ano após a *Copa do Mundo*, o mundial dos campeões, através uma série de artigos. Otorino Barassi, vice-presidente da F.I.F.A. (Federação Internacional de Futebol Association), achou interessante a proposta, e oficializou-a. A paternidade da "Copa Rio" pretende agora se transformar em polêmica, porque foi divulgada na semana passada ter a sugestão partido do jornalista John Tompson, do "Daily Mirror", de Londres, que veio fazer a cobertura do campeonato universal. O certo, porém, é que o "cabeça vermelha" da imprensa esportiva, foi o grande divulgador, o incentivador do certame internacional, findo domingo último.



«COPA RIO» — Oferta da Prefeitura.



A AUSTRIA deu um baile de valsa no Nacional do país campeão do Mundo. Logo na estréia os uruguaios perderam de 4. 2º goal da Austria. Aurednick.



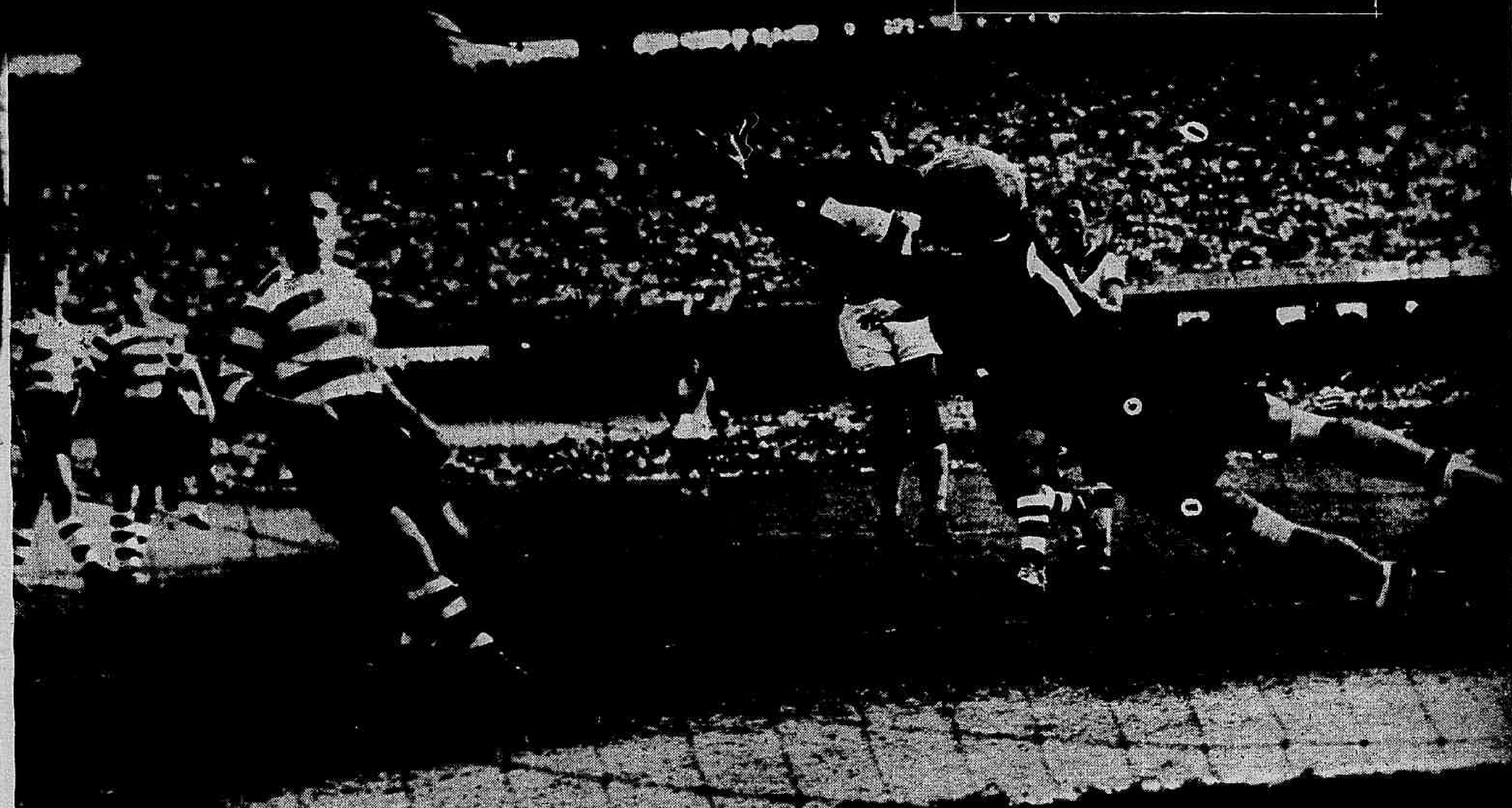
O PALMEIRAS liquidou, logo na estréia, o time francês Olimpic. Jair, o canhoneiro do campeão paulista, chuta de fora da rea e a bola bate na trave.



OS ITALIANOS venceram os iugoslavos apertadamente. Eis o primeiro goal do Juventus, marcado pelo louro italiano Boniperti, vencendo Krivokutcha.



ATÉ A DIPLOMACIA coopera com o futebol. O embaixador uruguaio Giordano Decker foi incentivar os rapazes do Nacional a vencerem o Sporting, por 3x2.



AZEVEDO, GOLEIRO do Sporting, teve que apanhar o couro no fundo de suas redes nada menos de cinco vêzes. Ei-lo vencido pelo 2.º goal do Vasco da Gama (Tesourinha)



O JUVENTUS VENCEU, mas o Olimpique quase ganhou. Eis o flagrante que furou a censura fotográfica da Confederação Brasileira: 2.º goal do Juventus. Praest superando Germain



A ÚNICA foto noturna do choque em que o Vasco liquidou com o Austria. Powers, o juiz inglês, ordena a paralização da partida para socorrer Maneca.



O PALMEIRAS passou com dificuldades pelo Estrêla Vermelha, da Iugoslávia. Eis Rodrigues, Luiz Villa, Aquiles e Ponce preparando-se para o jôgo.



A ÚNICA vitória dos franceses na «Copa Rio». O Olimpic ganhou do Estrêla Vermelha, por um goal de penalti. Ben Tifour marcando o 1º goal.



OS PORTUGUÊSES não foram felizes contra os austríacos. Num jôgo que mereciam empatar, perderam de 2x1. Eis Azevedo vencido pelo 2º tento, Huber.

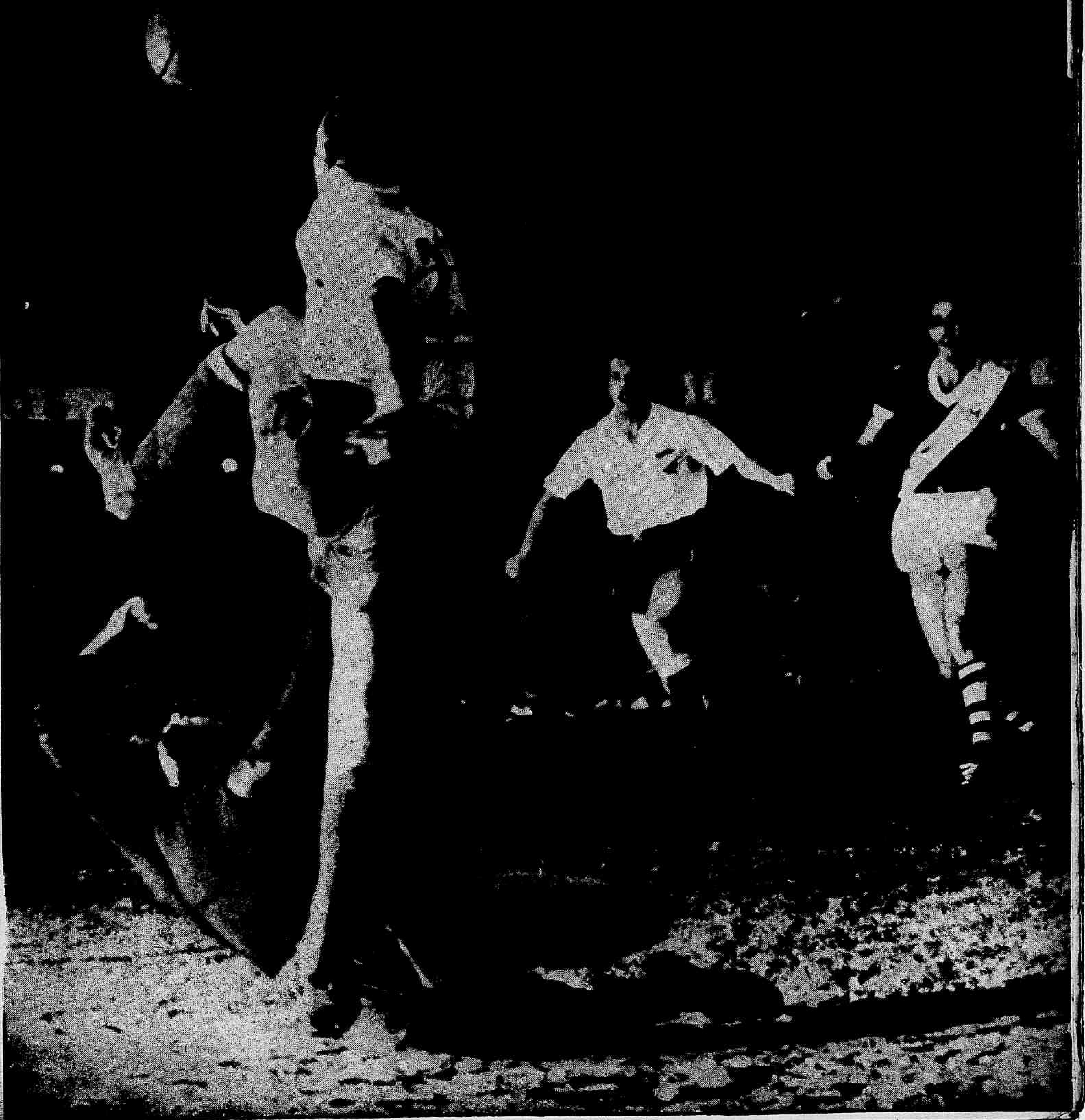
DIFÍCIL ARRANJAR OITO CAMPEÕES

Como tudo no Brasil, os preparativos da C.B.D. para a "Copa Rio" foram deixados para a última hora. Otorino Barassi, da F.I.F.A., teve que viajar a Europa em todos os sentidos para assegurar a presença dos clubes campeões. Estavam programados os campeões do Brasil (São Paulo e Rio, como os centros mais adiantados), do Uruguai (campeão do mundo), da Inglaterra (país berço do futebol), Espanha, Portugal, Itália e Escócia. Desistiram a Inglaterra, a Escócia e a Espanha. Foram então convidados os clubes campeões da França, Iugoslávia e Áustria. Duvidou-se que os times apresentados como campeões da Áustria e da Itália fôssem realmente os vencedores dos certames nos seus respectivos países. Acontece que, na Europa, as temporadas começam num ano e terminam no outro. Assim, Juventus e Áustria foram os campeões da Itália e Áustria, na temporada 49-50, tendo ambos se classificado em terceiro lugar nas temporadas recém-terminadas na Europa. Os campeões de 51 não quiseram vir, Milano (Itália) e Rapid (Áustria), e como o Vasco e Palmeiras, eram campeões de 50, o assunto ficou cronològica resolvido. Será interessante ressaltar que o Áustria venceu recentemente o campeão inglês, em Londres, e foi o time que o combinado Bangu-São Paulo teve como maior adversário na Europa,

(Cont. na pág. 54)



A GRANDE SURPRÊSA do torneio, a derrota que o Palmeiras sofreu ante o Juventus, campeão italiano. Os paulistas atribuem o placard de 4x0 ao goleiro Oberdan. Karl Hansen cobrou um penalti, Oberdan defendeu mas largou, e o atacante do Juventus emendou e marcou o 2º goal italiano.



O VASCO TEVE QUE LUTAR muito para vencer o Nacional. 2x0, foi um placard difícil em vista da segurança da defesa uruguaia. Prova êste sensacional flagrante. O goleiro Penalva depois de vencido por um tiro de Ipojucan, teve a sua meta salva por oportuna rebatida de Santamaria no momento preciso. (V. pág. 56)

OS OITO CONCORRENTES DA "COPA RIO"


JUVENTUS -- (ITALIA)


PALMEIRAS -- (BRASIL)


VASCO DA GAMA -- (BRASIL)



AUSTRIA -- (AUSTRIA


NACIONAL -- (URUGUAI)


OLIMPIQUE -- (FRANÇA)


ESPORTING -- (PORTUGAL)


ESTRELA VERMELHA -- (YUGOSLAVIA)

UM POUCO DA HISTÓRIA DO

RIO DE JANEIRO

DESCOBERTA E DENOMINAÇÃO ★ FUNDAÇÃO DA CIDADE POR ESTÁCIO DE SÁ EM 1 DE MARÇO DE 1565 ★ CAPITAL DO BRASIL

De AUGUSTO MAURÍCIO

DESCOBERTO o Brasil em 22 de abril do ano 1500 por Pedro Álvares Cabral, quando em caminho para as Índias, foi tomada posse da terra em nome da Coroa de Portugal. Reinava então na pátria lusa D. Manuel I, que, alucinado pelas riquezas e vantagens que as Índias podiam proporcionar ao seu reino, pouco aprêço deu à Terra de Santa Cruz. Não obstante, em maio de 1501, fêz partir do Tejo uma expedição composta de três caravelas, sob o comando de André Gonçalves, segundo uns, de Gaspar de Lemos, segundo outros — afim de explorar a nova possessão e dela tomar conhecimento. Essa flotilha veio descendo a costa, e a medida que ia atingindo pontos julgados importantes, os navegadores davam-lhes nomes dos santos do calendário, correspondentes aos dias em que se verificavam tais acontecimentos. Daí os cabos de S. Roque e Santo Agostinho descobertos em 16 e 28 de agôsto de 1501; rios S. Miguel, S. Jerônimo. S. Francisco, das Virgens, respectivamente em 29 e 30 de setembro, 4 e 21 de outubro; baía de Todos os Santos, a 1 de novembro, rio Santa Luzia, cabo de São Tomé, baía do Salvador, em 13, 21 e 25 de dezembro; o Rio de Janeiro, Angra dos Reis, ilha de São Sebastião e pôrto de S. Vicente, em 16, 20 e 22 de janeiro de 1502, e assim até o final da viagem de reconhecimento.

A expedição alcançou a barra da baía de Guanabara (nome indígena, que significa braço do mar) no dia 1 de janeiro de 1502. Supondo os portuguêses se tratasse da fóz de um grande rio, batizaram-na com o nome de Rio de Janeiro, por ter sido descoberto no primeiro do ano. A viagem, em seguida, prosseguiu até às visinhanças do Rio da Prata.

A quase indiferença de D. Manuel I pelo novo domínio, fêz com que corsários franceses para aqui se dirigissem e, pràticamente, se estabelecessem, notadamente no litoral de Pernambuco e Bahia.

Por cêrca de 1506 novas expedições chegaram do reino, com maior número de homens, e êsses bateram os franceses nos seus estabelecimentos, obrigando-os a deixar precipitadamente aquela costa do nordeste.

Rumaram, então, os piratas mais para o Sul, ocupando o litoral, dêsde Cabo Frio até à baía de Guanabara, dentro da qual conheciam já pontos estratégicos, lugares secretos, esconderijos seguros onde guardavam contrabandos, produtos de suas pilhagens no mar, e negociavam com os índios tamôios e maracajás, únicos habitantes humanos da abandonada região.

Em 1555, por sugestão do Conde de Coligny (Almirante Gaspar de Chatillon) ao rei Henrique II de França, partiu daquele país o Almirante Nicoláu Durand de Villegagnon, com a incumbência de conquistar para a sua pátria a baía de Guanabara. Protestantes que eram, tanto Coligny como Villegagnon, almejavam dispor de um refúgio garantido com que pudessem contar na aventualidade de terem um dia de fugir da França, devido à perseguição que à sua seita moviam os católicos.

Aqui, chegado, Villegagnon tratou logo de construir na ilha de Sirigipe (depois Villegagnon) um fortim que denominou Coligny, em homenagem ao Conde seu protetor e valido do rei de França. Ficava, dêsse modo, a Coroa da França com mais um brilhante florão, embora oriundo de um furto. Cumpria, pois, a Portugal, defender os seus direitos sôbre a sua terra. Contudo, a ocupação estrangeira durou cinco anos, sem que os rapinantes fossem sequer molestados.

No ano de 1560, Mem de Sá, Governador Geral do Brasil, deixa a cidade de Salvador, na Bahia, sede do Govêrno, e à frente de numerosas fôrças — cêrca de 2.000 homens de guerra e nativos domesticados e adestrados, — ataca a baía de Guanabara em 21 de fevereiro. Respondido o fogo dos navios portuguêses, êstes não esmoreceram no seu patriótico objetivo, não obstante a fôrça inimiga apresentar-se bastante superior, pois além de serem os franceses senhores da fortaleza sòlidamente construida sôbre rocha, contavam com mais de 120 homens municiados e ainda aproximadamente 1.500 tamôios seus aliados e afeitos a tôda sorte de luta.

Em uma sexta-feira, dia 15 de março de 1560, foi, enfim, travado o combate definitivo, que viria decidir de uma vez a posse da baía. Começou, simultaneamente, o bombardeio da ilha e do litoral da Guanabara; e o desembarque da tropa, sob saraivada de balas e silvos de flechas, foi por fim efetuado. O plano foi tão bem delineado, e executado em tão perfeita ordem, que no dia 17 os franceses abandonavam em fuga desabalada a ilha, bem como as posições às margens da Guanabara, escondendo-se nas matas ou escalando os navios, completamente derrotados. As perdas de vidas dos piratas ascenderam a elevado número na refrega.

Estava ganha a batalha. Ato continuo Mem de Sá ordena o arasamento do fortim, e logo depois retira-se para Salvador, sem ao menos tomar posse do litoral ou deixar algumas fôrças na ilha para garantir a vitória...

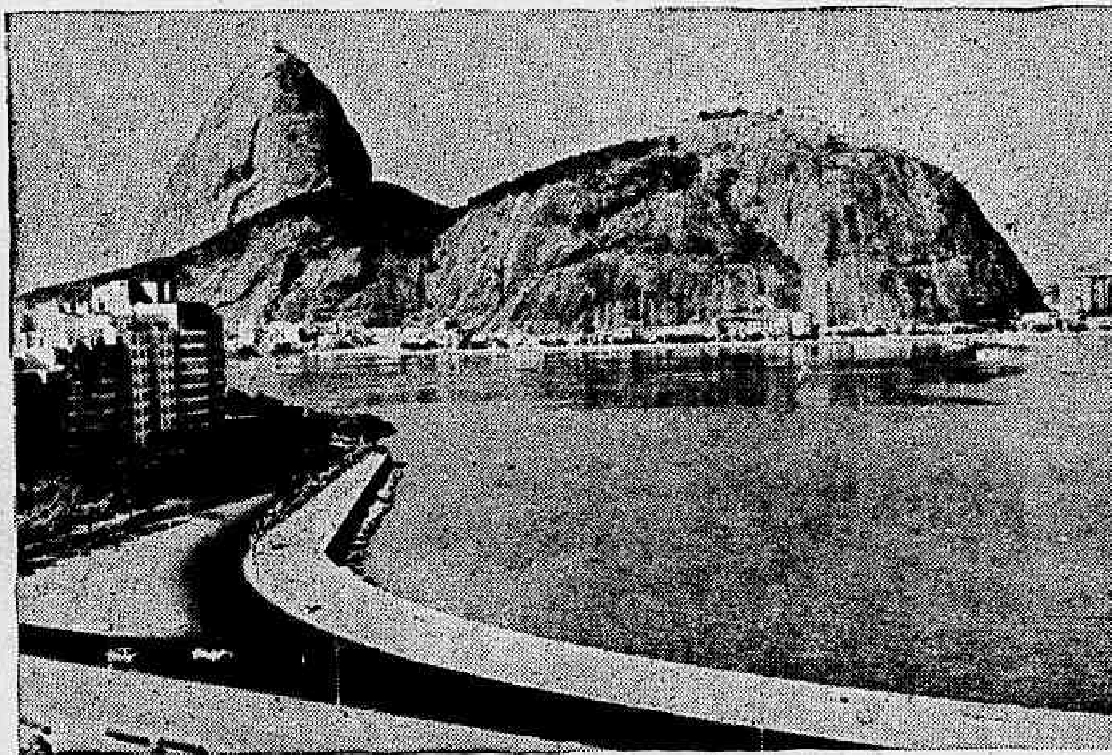
napecu (ilha dos Maracajás, depois do Governador).

Em 1564 partia novamente do Tejo o capitão-mor Estácio de Sá, no comando de uma esquadrilha armada por D. Catarina, com destino à Bahia, onde deveria receber ordens de Mem de Sá a fundação da cidade à margem da Guanabara.

Chegando às imediações da Guanabara, nos fins do ano de 1564, depois de ter recebido em Salvador instruções do Governador-Geral, Estácio de Sá procurou atrair para fora da barra os intrusos franceses para um combate em que contava derrotá-los; mas aquêles, bem avisados, não responderam sequer ao chamado.

Não tendo certeza plena das possibilidades do adversário, resolveu Estácio de Sá estender a viagem até a São Vicente, onde reforçaria sua tropa e voltaria então, com mais segurança, para desfechar a ofensiva contra os franceses e os índios.

E assim fêz. Com a ajuda dos Padres Manoel da Nobrega e José de Anchieta e do ouvidor-geral Braz Fragoso, conseguiu Estácio um auxílio apreciável de 200 homens. E a 27 de janeiro de 1565 deixou São Vicente com rumo a Guanabara, onde aportou no dia 28 de fevereiro após uma viagem acidentada e demoradissima, pois, na altura da ilha de São Sebastião, vários



Junto ao Pão de Açucar, no antigo Morro Cara de Cão (atual de São João), está o local exato da fundação da cidade do Rio de Janeiro em 1565.

Chegando a Salvador, Mem de Sá envia a Lisbôa o seu sobrinho Estácio de Sá, a fim de dar conta à rainha-regente D. Catarina (viúva de D. João III e avó do rei D. Sebastião, menor de 11 anos, nascido a 20 de janeiro de 1554) do triunfo alcançado sôbre os franceses e os nativos.

Ainda não havia chegado a Portugal o emissário do Govenador Geral e já os corsários, aproveitando-se do êrro de Mem de Sá em não manter ocupadas, ou, pelo menos, vigiadas, as posições conquistadas, voltaram a se estabelecer no Rio de Janeiro, construindo fortificações, desta vez em Biraucu-Mirim (outeiro da Glória) em Para-

navios sofreram danos devido a ventos desfavoráveis.

Reunida a esquadra fora da barra, fundearam os navios sem maior alarde, junto ao istmo que liga o morro Cara-de-Cão ao Pão de Açúcar. Desembarcaram Estácio de Sá e os seus comandados tomando posse do local, e nêsse mesmo dia já dormiram em terra firme, ao abrigo de barracas fincadas no solo. No dia seguinte mandou Estácio construir forte cêrca de madeira em tôrno do arraial que fundava, assim como cavar profundos fossos, a fim de se prevenir contra ataques dos índios, além de fazer rocar a terra para limpeza e plantação.

Ficava, assim, fundada a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, desde 1.º de março de 1565.

Resolvera Estácio de Sá dar à sua fundação o nome de São Sebastião do Rio de Janeiro, em homenagem ao seu rei, D. Sebastião, e ao santo do mesmo nome, que elegera para padroeiro da cidade.

Dia a dia a cidade crescia e se estendia; pela orla marítima as construções iam surgindo, e os cargos de mando iam sendo distribuidos por Estácio entre os companheiros que lhe mereciam maior confiança. Por iniciativa do próprio Estácio foi levantada uma capela; e nela exposta à veneração dos crentes a imagem de São Sebastião. Foi a primeira casa de oração que se edificou no Rio de Janeiro.

Mas os franceses e os índios não deixaram em paz os portuguêses. Logo depois da fundação da cidade iniciaram os seus ataques, visando expulsar do morro Cara-de-Cão e adjacências, Estácio e seus camaradas. Êsses, por sua vez, revidavam os golpes e ampliavam a conquista, com o direito legítimo que lhes assistia como possuidores da terra.

E a luta sem tréguas desenrolava-se, com tôdas as características de denodo, de parte a parte. Essa guerra de sortidas se estendeu pelo espaço de quase dois anos.

Mem de Sá, prevenido pelo Padre Anchieta da situação de certo modo embaraçosa, quiçá mesmo perigosa, em que se encontrava Estácio, parte de Salvador com uma expedição em socôrro do sobrinho, fazendo escalas em Pôrto-Seguro e Espírito Santo, para aumentar as fôrças que já trazia da Capital. Chegando ao Rio a 18 de janeiro, logo dois dias após, isto é, a 20, os seus homens, unidos aos do Governador, alargaram a escala das operações, atacando de frente os redutos mais fortes do inimigo, localizados em Birauçú mirim (Outeiro da Glória). Uruçumirim (Praia do Flamengo) e Pararapecu (Ilha do Governador).

O combate desenrola-se feroz; era uma pugna sangrenta e decisiva em que todos jogavam a vida, o direito de existência, a posse de uma propriedade legítima. Estácio de Sá, precedendo as fôrças sob seu comando, entregava-se destemeroso à batalha, desdobrava-se em bravura, expondo-se ás ciladas perigosas dos adversários, dando sobejas provas de heroísmo e dedicação à causa de sua Pátria. Pouco tempo depois de iniciar o combate, os inimigos foram expulsos das duas primeiras expedições, e entricheiraram-se em Paranapecu, para a derradeira resistência.

E a luta, sempre num crescendo, foi afinal decidida com vitória total das fôrças lusas, que expulsaram os inimigos de tôda orla marítima da Guanabara e das ilhas que lhe ficam ao centro.

Êsse feito glorioso teria, no entanto, que ser assinalado também por uma dolorosa ocorrência. E' que, no mesmo dia 20, no ardor da batalha, Estácio de Sá, o herói da peleja, o Governador da cidade do Rio de Janeiro, foi alcançado por uma flecha envenenada, desferida por um tamôio, durante o ataque a Paranapecu, e jazia gravemente enfêrmo. A seta ferira-lhe o rosto, dias depois o ferimento infecionava, agravava-se ainda mais com a declaração da gangrena e, precisamente um mês mais tarde, a 20 de fevereiro, em dolorosa agonia, expirava o fundador da cidade.

Morto Estácio de Sá, foi o seu corpo sepultado com a solenidade a que tinha direito pela sua posição e pela estima que desfrutava, no interior da pequena igreja que êle mandara construir em louvor ao padroeiro da cidade.

★

Em substituição a Estácio de Sá, morto gloriosamente, Mem de Sá nomeia para o

(Cont. na pág. 20)

GOSTOU DA NOVA REVISTA?

A CIDADE RECEBEU COM SIMPATIA E MUITO INTERÊSSE O NOVO FORMATO DESTA PUBLICAÇÃO ★ A REPERCUSSÃO EM TÔDAS AS CAMADAS DO PÚBLICO FOI UNÂNIME: "ÓTIMA! MAIS CÔMODA, MAIS SIMPÁTICA... E MELHOR!"

QUISEMOS sentir de perto a reação do leitor pela nova REVISTA DA SEMANA, que lhe estamos dando a partir da primeira edição do mês corrente e nos pusemos em campo, auscultando vários setores. Não houve grande trabalho, porque não chegou a haver mesmo nenhum, em recolher as apreciações de leitoras e leitores, novos e antigos. Pormenor curioso: nem uma opinião foi desfavorável, prova evidente de ter sido acertada a deliberação tomada pela administração da REVISTA.

— Sou leitora da REVISTA desde que me conheço — disse-nos a primeira jovem que encontramos, na Cinelândia, ao adquirir um exemplar. E' uma tradição, lá em casa, esta publicação, mas agora o interêsse pela sua leitura será maior. Eu mesma a compro, embora sabendo que papai já fêz o mesmo. Mas não resisti à tentação...

Outra:

— Parece que ficou mais feminina, sabe? Aquêle formato antigo impedia que dobrássemos a REVISTA, pelas suas dimensões maiores. Agora ficou mais portátil, mais dentro da época. E' caso para felicitar os seus redatores, por terem compreendido o resultado de uma evolução, de um novo hábito de nós todos...

Aquêle cavalheiro que saia do salão de barbeiro, com os vespertinos do dia e a nova REVISTA, abriu para nós um sorriso sadio e simpático:

— Quer saber? Está melhor. Não sou homem de fazer elogios, mas que está melhor, está. Talvez

(Cont. na pág. 54)

NOS BASTIDORES do Teatro Recreio, fomos surpreender estas «girls» admirando o novo formato da nossa Revista. Pedindo impressões, disseram-nos: está mucho buena, más cômoda, mas agradável, non).



A Sra. RUTH VIEIRA, fino ornamento de nossa sociedade não conteve sua admiração: custáveis.



LUZ DEL FUEGO e Freire Jr. nos desvaneceram com vastos elogios. E mergulharam na leitura...



ELVIRA PAGA elogiou a decência de nossa Revista e lamentou que ela não figurasse na capa...



O Sr. DURVAL PAES mostra a um colega de trabalho a melhora sofrida no formato da Revista.



NOS CABELEREIROS elegantes da cidade, a nova Revista foi muito disputada. Todos a queriam.



O sr. NELSON Fonseca Bastos, forte negociante desta praça, declarou: «Já era boa, agora está melhor».



AS SENHORITAS Dagmar Bastos e Léa Rocha, enquanto esperavam alguém, liam satisfeitas a Revista



O Sr. ARMÊNIO Borges Reis, gerente de um grande estabelecimento da cidade, felicitou à direção.



A sra. ESMERALDA Romero, funcionária pública, disse: «Esta nova feição honra a imprensa moderna»



A MANICURE já era fã da Revista pelas reportagens de sua «santa terrinha» e a freguesa já se vê...



O Sr. CÉLIO Teixeira e D. Lígia Fernandes eram leitores assíduos. Agora, disseram, se-lo-ão 2 vêzes.

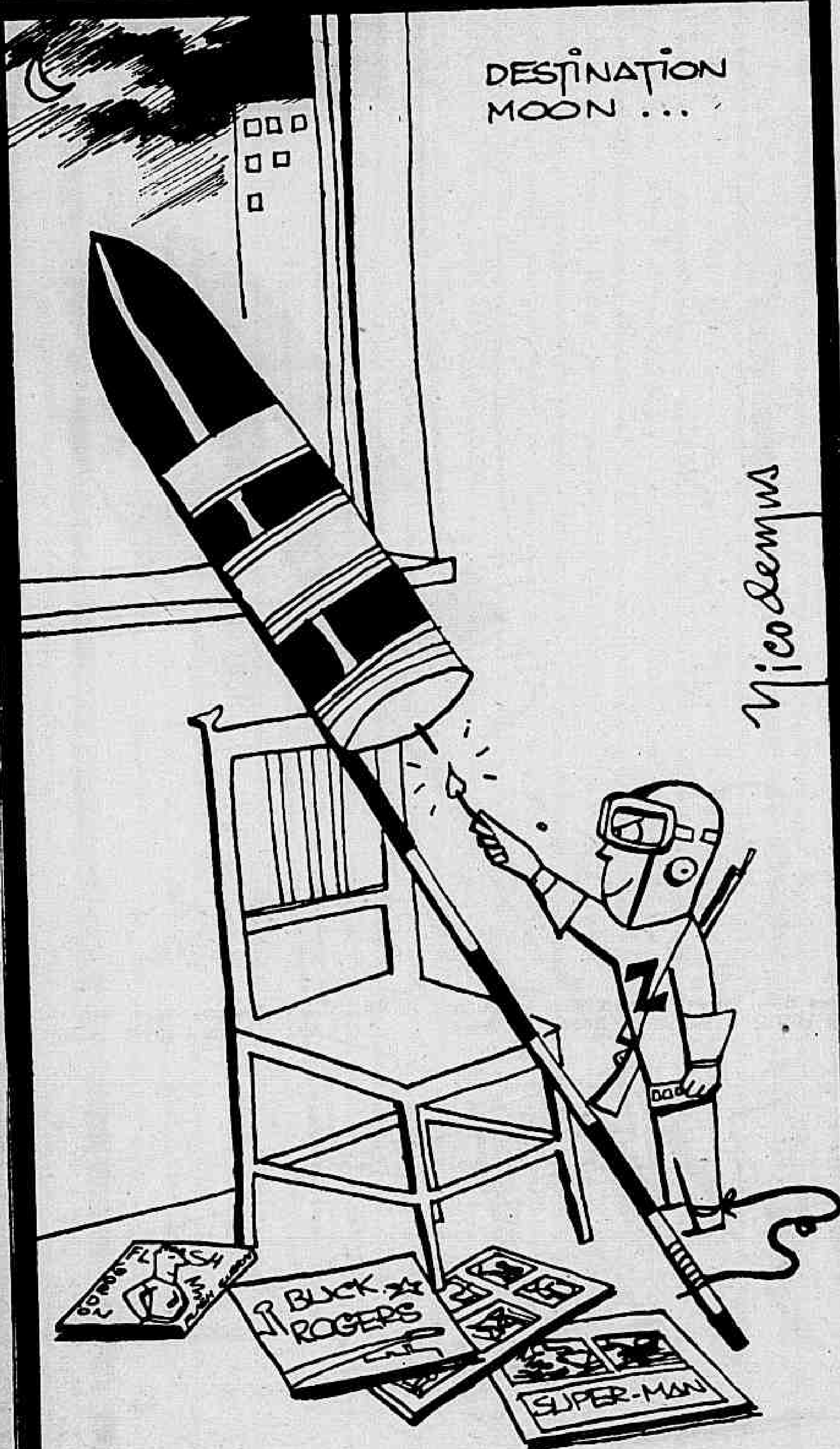


NOSSO AMIGO aqui, é fã da Revista e do Tenório Cavalcanti. O fígaro, parece, também o é.

NEM CARA...

FIGURINHA DIFÍCIL

SENHOR DE MEIA IDADE PROCURA JOVEM, LIVRE, DE BOA APARENCIA, PARA COMPLETAR ALBUM DE BALA RUTH ...



GRAFOLOGIA DE ACÔRDO COM AS LEIS DA GRAFOLOGIA PARA SE TER UM CARATER SERENO, JUSTO E ORDENADO, O MELHOR E' ESCREVER SEMPRE À MAQUINA... E. J. RONCELA

YESO NÃO SABE . . .

(Cont. da pág. 50)

Depois de sua consagração como o maior da França"i o povo, ao que êle mesmo nos conta, passou a assistir a um futebol diferente e mais espetáculo do que simples feira de pés. Aduziu, mesmo, que a tendência do futebol europeu é a adatação ao estilo sul-americano.

Os mais famosos jornalistas da Europa já escreveram sôbre o "Ás de Nice" e até o conhecidíssimo Jean Cocteau teceu palavra sde elogio a seu respeito. Êle foi uma verdadeira bomba-atômica em "canchas" européias e, semanalmente, ocupa as manchettes dos grandes jornais franceses.

O contrato com o Olimpic deverá terminar em agôsto próximo e Yeso "estudará" se fica ou não. Ganha cem mil francos fixos, mensais, e os prêmios de 18 mil francos quando o quadro vence no exterior, e 12 mil quando empata.

Dizem os homens da imprensa francesa, que seguem Yeso de perto com a esperança de publicar algo de inédito sôbre o invulgar brasileiro, que uma das peculiaridades do jogador é ir três vêzes por semana render graças à Virgem, rezando em voz alta, quando lhe leva, também, um "bouquet" de flores.

Amalfi mora em Nice, com sua espôsa Teresa, à R. Amiral-de-Grasse, onde adquiriu um pequeno apartamento. Sua familia é abastada e reside nesta capital. O "crack" pretende permanecer por muitos anos na Europa, dizendo apenas que encerrado seu contrato pleiteará um aumento de salários e caso contrário... nada nos respondeu.

TERESA

(Cont. da pág. 47)

caixa de charutos que trouxe para comemorar.

Entregou a caixa ao rapaz. Philip agradeceu ao pai e apertou-lhe a mão com calor. Parecia ver o velho sob um aspecto completamente diverso, talvez mais humano.

Embora certo de que não poderia ver a espôsa, Philip não teve coragem para sair. Permaneceu a noite tôda no hospital, sentado ao fundo de um corredor.

Quando raiou o dia, entrou na fila de vários pais aflitos, ansiosos e contentes. Apresentaram-lhe um pimpôlho, que Philip fitou embevecido — e depois sorriu. Pensou logo em Teresa e desejou estar com ela naquele instante.

Entrou logo no salão da maternidade e alcançou depressa o leito da espôsa. Teresa dormia. Philip ajoelhou-se ao lado de sua cama e beijou-a no rosto.

Teresa despertou. Encarou-o, parecendo não acreditar em sua presença.

— Alô, magricela — disse Philip suavemente. — Muito obrigado, querida.

Teresa sorriu, feliz. Via a confiança estampada nos olhos luminosos do marido. Esboçou um sorrisozinho.

— Eu já vi o garôto — disse Philip.

— Sim? E que tal? — perguntou Teresa.

— E' feinho... mas passa, não é? Teresa riu-se. Doia-lhe rir.

— Como se chamará? Já se pode saber?

— Filipo — sussurrou Teresa.

— Outro, menina? Não teve já bastantes aborrecimentos com o primeiro?

Teresa pôs-lhe o dedo por sôbre os lábios, interrompendo-o e levantou o rosto para um beijo.

Philip pagou ao "chauffeur". Segurava o bebê, que se sentia bem instalado em seus braços. Meteu a mão no bôlso e retirou uma chave.

— Já chegamos, Madame Quas — disse com orgulho. A senhora pode fazer as "honras da casa" — Teresa tomou a chave, cheia de alegria, e abriu a porta.

— Veja bem — mobilada e tudo — disse Philip. Colocou a criança na cama, e vendo que Teresa passeava encantada, como uma garôta, pelo apartamento, pediu-lhe que viesse para seus braços.

— Que tal ser a patroa de alguém? — perguntou Philip com ar irônico.

— Que tal ser o patrão de alguém? — replicou ela com alegria.

— E' simplesmente formidável — exclamou Philip. Olhou prolongadamente a espôsa e beijou-a ainda mais prolongadamente. O pimpôlho começou a chorar, exigindo alguma atenção. Philip e Teresa viraram-se, fitaram o filhinho e nesse momento sentiram comprender que ambos haviam deixado de ser crianças. Haviam amado e sofrido o bastante para sentir que haviam deixado para trás a infância.

FIM

Um pouco da história...

(Cont. da pág. 17)

cargo de Governador do Rio de Janeiro, outro sobrinho, Salvador Corrêa de Sá, primo do finado Estácio. Antes, porém, dessa designação, resolveu Mem de Sá escolher um melhor sitio para estabelecer a cidade, tendo em vista que a vizinhança do Pão de Açúcar, por ser muito plana e a barra, ficava mais à mercê de algum possivel pirata que pretendesse conquistá-la. Teve, então, a vista voltada para o morro do Descanso (depois Morro São Januário e do Castelo). Nesse local, por ser alto, a cidade ficaria naturalmente melhor resguardada. Assim, para ali foram a 1º de março de 1567, transferidos do morro Cara de Cão, os fundamentos da cidade, e providenciada a construção de uma igreja dedicada a São Sebastião. Êsse templo só foi terminado em 1585, quando para êle foram trasladados da Vila-Velha os restos de Estácio de Sá. Cobria o jazigo uma lápide de mármore, com os seguintes dizeres:

"Aqui jaz Estácio de Sá, primeiro Capitão e conquistador desta terra e cidade, e a campa mandou fazer Salvador Corrêa de Sá, seu primo e segundo Capitão e governador, com as suas armas. E essa capela acabou no ano de 1583".

Providenciou ainda Mem de Sá a edificação de um palácio para os governadores, prédios para o funcionamento de repartições administrativas e para residência de funcionários, fortificações para a defesa da cidade, e tudo quanto no primeiro momento se impunha.

★

Em 27 de janeiro de 1763, Dom José I, por instâncias do Marquês de Pombal (Sebastião José de Carvalho e Melo), elevava o Rio de Janeiro à categoria de Capital do Brasil. Essa resolução real foi devida ao fato de estarem em conflito no sul portuguêses e espanhóis por motivo de demarcação de fronteiras, e a Capital em Salvador ficar muito afastada do local das operações. Foi nomeado nessa ocasião (27 de junho de 1763) Vice-Rei do Brasil D. Antônio Álvares da Cunha, Conde da Cunha. Foi êle o nono Vice-Rei, mas o primeiro com sede no Rio de Janeiro.

Assim, desde 1763, o Rio de Janeiro, ou melhor a "mui leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro", fundada por Estácio de Sá em 1º de março de 1565, é a Capital do Brasil.

★

Na várzea do morro Cara-de-Cão, onde Estácio de Sá fundou esta bela cidade, fêz o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 20 de janeiro de 1915, levantar um marco comemorativo do feito, com a seguinte inscrição: — "Neste local, em 1565, foram lançados os primeiros fundamentos da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro".

★

O marco da fundação da cidade, a primitiva imagem de São Sebastião, e os restos de Estácio de Sá, encontram-se, atualmente, na igreja de São Sebastião, à rua Haddock Lôbo. Essa igreja foi construida depois do arrasamento do morro do Castelo, em 1921 (Vide o livro "Templos Históricos do Rio de Janeiro").

O Brasil teve, desde 1594 até 1808, 34 Governadores-Gerais e 15 Vice-Reis (Tomé de Sousa a D. Marcos de Noronha e Brito 8º Conde dos Arcos de Val-de-Vez). Em 1808, chegada que foi a familia real do Brasil, o govêrno passou a ser exercido pelo próprio Principe D. João, então regente do Reino.

TERIA O ESPÍRITO . . .

(Cont. da pág. 50)

mação A presença do dr. Laureano no recinto da Tenda, incorporado na médium G. R., vem afirmar categòricamente a verdade da imortalidade da alma, que é e continuará sempre irrefutável, embora os desprovidos de fé, sinceridade e boa vontade, insistam em não querer aceitá-la. Para consumação dêste quadro presenciado por uma assistência que ia além de sessenta pessoas, como consagração espiritual da tarefa que estávamos realizando, **o dr. Laureano, depois de muito conversar sôbre os problemas espiritualistas, nos leclara que se achava em missão percorrendo várias sinagogas espíritas para explanar a necessidade de congraçamento no sentido de todos suplicarem ao pai, alívio e misericórdia para todos aquêles infectados por tão** malsinado mal, dizendo ainda, que em **data futura viria novamente a esta Igreja de Deus e deixaria gravado com a caneta de ouro que ora recebera do Espaço, algo em benefício de quem**

(*Cont. na pág. 26*)



GRANDE
PRÊMIO
Brasil
5
DE AGÔSTO
1.000.000,00
1951
SWEEPSTAKE
5.000.000,00
Ronald

A CANETA FATÍDICA

DURVAL era advogado bastante atarefado, solteirão e habitava, sozinho, modesto apartamento. Desejando evitar a chuva que prometia cair a qualquer momento, pois desde cedo que nuvens escuras varriam o céu, acelerou os passos. Anoitecera. Um mendigo, entretanto, sem perceber à ânsiedade que fluía do ar apressado de Durval, atravessou o seu caminho e perguntou de chôfre:

— Seu Doutor, quer me comprar esta caneta automática? Estou morrendo de fome.

Durval possuía, de fato, o coração grande. Era conhecido pelos seus rasgos humanitários e gostava de defender os humildes. Embora desconfiando de o pedinte possuir aquêle objeto, não titubeou, perguntando:

— Quanto custa?

— Cinqüenta cruzeiros.

— Quer vinte? O mendigo aceitou incontinenti e Durval levou, com desdém, a caneta ao fundo do bôlso do paletó, assim como quem joga à lama um objeto repelente. Ás vêzes é de atos ou fatos insignificantes, ou de coisa que aparentemente escapa à nossa observação, que surgem os imprevistos, os grandes acontecimentos.

★

Eram onze horas da noite. Durval ainda escrevia. Levantou o olhar e o pousou, através da janela, no mar distante. Dir-se-ia que as ondas refletindo ao luar sua côr prateada, eram como se enviassem pelo éter a inspiração de que tanto precisava no momento o jovem e talentoso advogado.

Tratava-se do processo de uma sua constituinte que matara o marido em defesa própria. Êle bebia muito e batia na espôsa em seus agudos momentos de embriaguez. Não era caso fácil, uma vez que não havia testemunhas. Se perdesse, sentia comprometido todo o seu futuro. Era muito supersticioso, mas não queria pensar em fracassos. Dai a alguns dias compareceria ao Tribunal.

Durval levantou-se. Tirou um livro de Direito Penal da estante, sentando-se na confortável cadeira de braço e, mentalmente, começou a unir os retalhos daquele drama. Sentindo-se tonto de sono e cansado, recostou-se um pouco para aliviar as palpebras pesadas, enquanto lá fora a chuva caía ruidosamente, desfraldando a pequena cortina da janela e levando em turbilhão alguns papéis que se achavam em cima da mesa. Durval, todavia, nada percebeu.

★

O relógio calmamente bateu as doze badaladas da noite...

Aquela voz fina chegou aos ouvidos de Durval como se viesse de muito longe, de ponto inatingível:

— Dr. Durval... Dr. Durval...

Êle abriu os olhos e, espantado, olhou para todos os lados da sala. Não havia ninguém.

No silêncio da noite, a voz prosseguiu:

— Sou eu, daqui de cima da mesa. A caneta que o senhor adquiriu do mendigo. Está admirado? Eu tenho vida. E' meu destino levar a desgraça a todos aquêles que me possuem. Não desejo que algo aconteça ao senhor, pois sei que é homem bom. Ademais estou a par de todo o processo: Aquela senhora está com a razão. Eu a conheci. Ela era muito infeliz. O único filho que possuía, Sérgio, morreu de acidente. E ela era tão boa e carinhosa para como o filho! Que marido grosseiro e malvado! Maltratava-a muito. Precisa salvá-la. Eu não posso servir como testemunha? Perdão. Sei que não sirvo. Sou uma caneta. Mande-me embora. Jogue-me de janela abaixo. Se assim não fizer, estará acorrentado à infelicidade que me cinge desde o dia em que saí da vitrina lá na Avenida. E a mãe de Sérgio correrá perigo de passar o resto de seus dias nas grades da prisão.

Durval se dirigiu para a mesa de trabalho e aí ficou observando a caneta-tinteiro que permanecia imóvel. Não teve coragem de tocá-la. Era uma caneta comum, tôda preta. Modêlo muito antigo e de pequeno valor. Durval então falou, notando o seu aspécto sinistro.

— Pensa que vou acreditar nessa baboseira?

— Acredite ou não, deseja ouvir minha história?

— Pode principiar, a não ser que o sono m'o impeça.

Durval ouviu quando a caneta tinteiro tossiu ligeiramente, como quem se dispõe a longa conversa.

— Pois bem — iniciou ela — quando cheguei à idade da razão já havia saído dos Estados Unidos, chegado ao Brasil, e vivia tranqüilamente em uma vitrina da Avenida. Durante muito tempo alí permaneci, ignorando o poder diabólico que existia em mim. Você, que é estudioso, sabe bem da existência de pessoas que expelem o germe da infelicidade. Assim sou eu.

Naquela época, julgo, já possuía aspécto lúgubre. Nenhum freguês havia pelo menos me tocado, experimentado ou tido qualquel interêsse.

Todavia o meu dia chegou. Era muito cedo. O movimento insignificante. Uma empregada entrou na livraria acompanhada de um garôto. Desejavam comprar uma caneta-tinteiro. O caixeiro espalhou no balcão algumas delas. Eu permanecia imóvel na vitrina. O destino, às vêzes, age de modo incompreensível. O garôto — doze anos, me pareceu — não sei porque, virou-se, olhou para mim e disse:

— Eu quero aquela que está na vitrina.

— Cruz? — disse a mulher. — Caneta preta? Não presta para você, meu filho.

Foi o bastante. As crianças gostam de côres berrantes e alegres, porque escolher a mim, caneta de côr tão triste? Talvez por capricho, pelo fato de a empregada ter dito que não servia. As crianças são assim mesmo. Gostam sempre de fazer aquilo que lhes é proibido.

Eu deixei a livraria acompanhada do garôto. Como me sentia feliz! Ia conhecer o mundo. Ver a cidade. Mudar de ambiente. Ser útil. As minhas companheiras da vitrina ficaram com inveja. "Quem diria?" — disse uma delas. Justamente a minha companheira de lado que se sentia tôda orgulhosa com suas vestes de côr cinzento-vermelha e tinha sido tão boa amiga minha! Tôdas alí me consideravam como gata-borralheira. E eu encontrara naquele dia o meu Príncipe que iria mostrar-me a vida, para desapontamento de tôdas as minhas rivais.

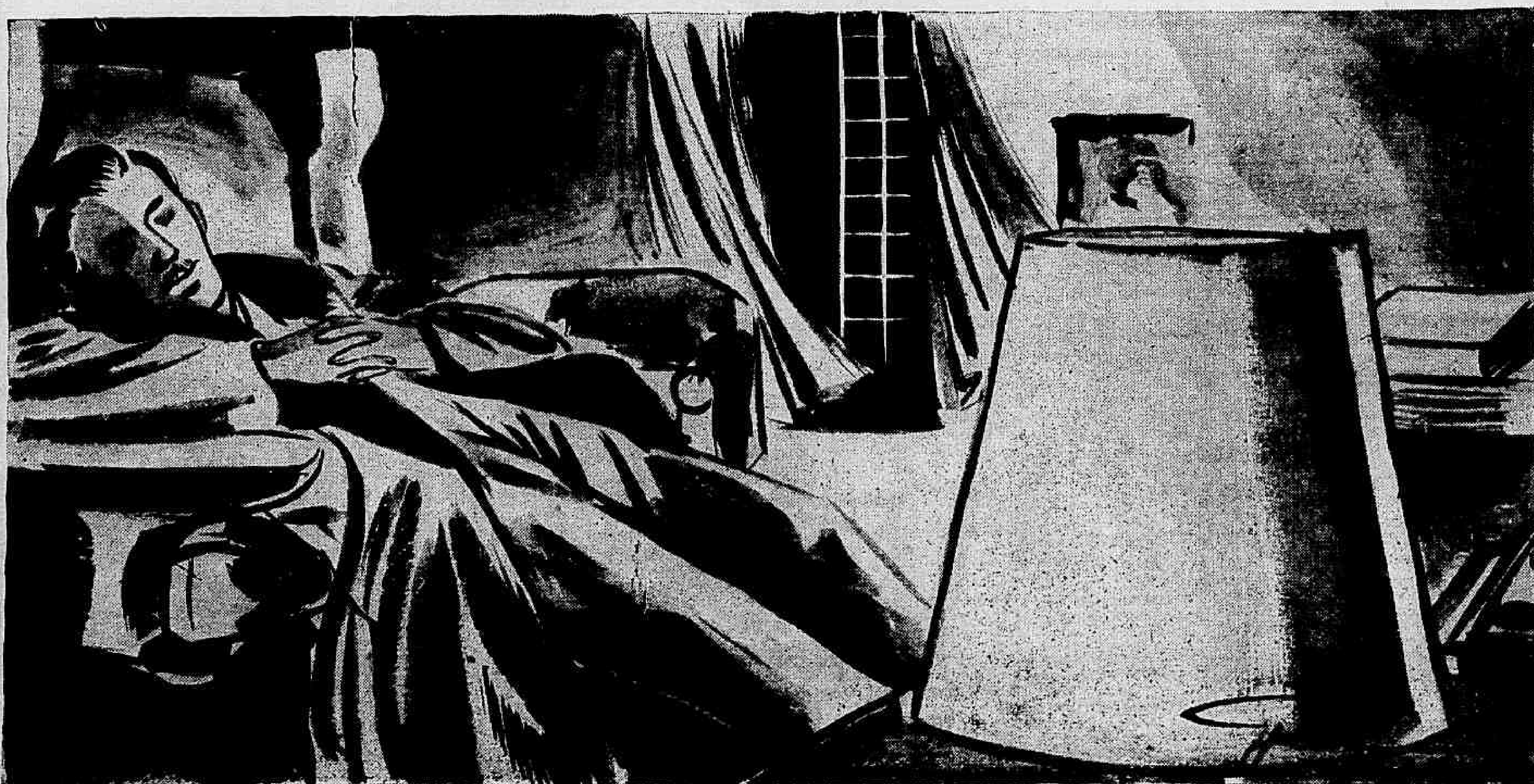
Percorri a cidade. Andei de bonde, de ônibus, fui à matinal, conheci o colégio, e o jogo de futebol me deixou tonta de tanto solavanco no pequeno bôlso de Sérgio.

Os pais do menino também não se agradaram de mim. A empregada foi repreendida. "Dinheiro perdido" — disse, grosseiramente, o pai, fora de si, pois bebia em demasia. Senti-me magoada. Eram as primeiras ferroadas da vida. Felizmente o garôto gostava de mim e eu dêle. Nunca nos separamos. A tragédia veio numa tarde de sol, dia lindo, céu limpo e sem nuvens. Que ironia! Nunca estamos preparados para a desgraça, pois ela não avisa a hora e nem a aguardamos. E' o inverso da felicidade. Sempre estamos à espera...

Pela manhã Sérgio fizera uma prova de geografia. Era inteligente e estudioso. Êle escreveu bastante e eu facilitei tudo.

(CONTINUA PAG. 48)

Novela de **EDGARD DE SOUZA MACHADO** ★ Ilustração de **GIL RIBEIRO**



A França quer arrebatar o jogador brasileiro

YESO NÃO SABE SE VAI OU SE FICA



COURTTEAUX, artilheiro famoso do Olimpic, graças aos passes que lhe serve o paulista Yeso.

MAS E' PROVÁVEL QUE EM AGÔSTO VOLTE DEFINITIVAMENTE PARA NICE COM O OLIMPIC ★ BRASILEIRO, O CAMPEÃO FRANCÊS DE FUTEBOL DE 1950 ★ FUGIU DE PARIS PARA JOGAR NA ITÁLIA ★ UM SAMBA E UM CLUBE COM SEU NOME ★ "VOCÊ JÁ ASSISTIU FUTEBOL DE "SMOCKING"? ★ A EUROPA SULAMERICANIZA O SEU FUTEBOL

Reportagem de
DOMINGOS DE LUCCA JUNIOR
e DARIO TERINI

S. PAULO, julho — Yeso Amalfi, jovem futebolista bandeirante, é a principal atração das "canchas" européias, atualmente, e, segundo se sabe, revolucionou o futebol do Velho Continente com a introdução da classe sul-americana, proporcionando ao público não apenas um jôgo pesado e bruto, mas, também, um espetáculo agradável à vista.

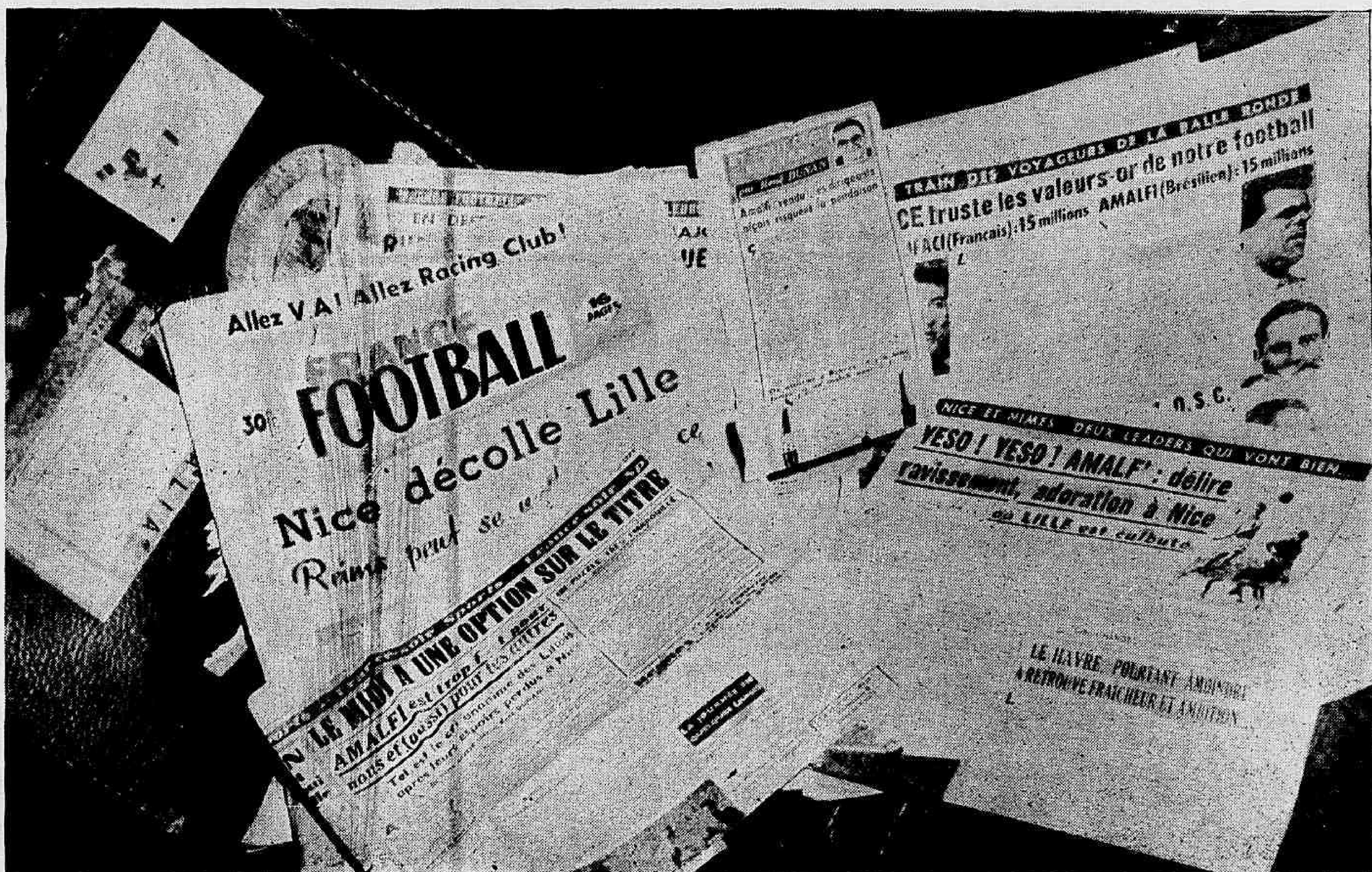
Amalfi reside em Nice, defendendo as côres do Olimpic local e é mesmo a coqueluche das multidões gaulesas e orgulho do futebol francês.

Moço jeitoso, diferente dos nacionais pelo seu tipo italiano, de bigodinho fino, é verdadeiro bamba da pelota tendo, desde o início, conquistado a simpatia dos franceses. Tornou-se um ídolo, um Sinatra das "baby-socks" americanas ou um Farney das sofisticadas de Copacabana.

Para que o leitor tenha a idéia de qual o prestigio de Yeso na França bastará contar-lhe que, em Nice, fundaram o Esporte Clube Amalfi, do qual os nicenses são ardorosos torcedores e o craque é patrono. Os sambistas franceses compuseram um samba em sua homenagem, intitulado "Le



CHUTEIRAS FIRMES, chutes potentes. Pronto, aqui está o fugitivo de Paris em condições de estilo, muita classe e em forma para reaparecer no Pacaembu.



AS MANCHETES dos jornais franceses consagram o irrequieto jogador brasileiro: Amalfi, dono das multidões, ídolo do público de França... «Yeso! Yeso! Amalfi! delire ravissement, adoration à Nice...» «Amalfi (brésilien): 15 millions!» E assim êle contribúiu para a sulamericanização do futebol europeu.



COM JAIR, pouco antes do prélio Olimpic x Palmeiras, quando Amalfi entregou ao patrício uma boneca tipicamente parisiense, oferta das gaulesas. Mais uma, menos uma, que importa? Êle recebeu outras às dezenas, durante suas excursões pelas canchas francesas. Quantas recordações para o resto da vida!

beau Yeso" — O belo Yeso — e dois amigos seus foram eleitos deputados, nas últimas eleições, graças ao seu apoio moral.

AVENTUREIRO

Amalfi é um jovem aventureiro, corajoso e com muita fôrça-de-vontade. Temperamental por excelência, podendo ser colocado no mesmo nível de Heleno, graças às suas "manias" e excentricidades, parou pouco no Brasil, após passar para o profissionalismo.

Iniciou sua carreira, pràticamente, no futebol universitário. Participou do onze de amadores do S. Paulo Futebol Clube, de 1942 a 1943 e de 1944 a 1946 do quadro de aspirantes, passando, em 1947, para o esquadrão titular do time do Canindé. Quando universitário, amador e aspirante, Yeso foi campeão várias vêzes, tendo a felicidade de usar, em 1948, a faixa de campeão paulista pelo S. Paulo.

Já em 1948 Yeso gozava de grande prestígio; mas, achando-se incompreendido e mal aproveitado, o que deve, em parte, ao seu gênio impulsivo, embarcou para a Argentina. E ingressou no Boca Juniors. Não contente, e tendo terminado seu contrato, cruzou o Prata, indo instalar-se confortàvelmente na belíssima capital uruguaia, integrando o esquadrão do Peñarol, onde permaneceu até 1950.

VAI PARA A FRANÇA

Mais experimentado e com saudades da terra, Yeso regressou a S. Paulo, onde, emprestado pelo tricolor, fêz algumas partidas para o Palmeiras,



NESTE BANCO do Pacaembu quantas vêzes Yeso já sentára, como simples reserva do São Paulo!



A ESPÔSA e o craque. Muito gentil, é ela quem ascende o primeiro cigarro logo ao despertar.



Yeso e H. Jalmarsson, dois moços do campeão francês, bons e inseparáveis amigos na Europa.



ALÔ! Se voltarei para a França com o Olimpic? Bem, quer dizer... Êles querem — mas não estou muito disposto. Daí, quem sabe?!

Nem Corôa!

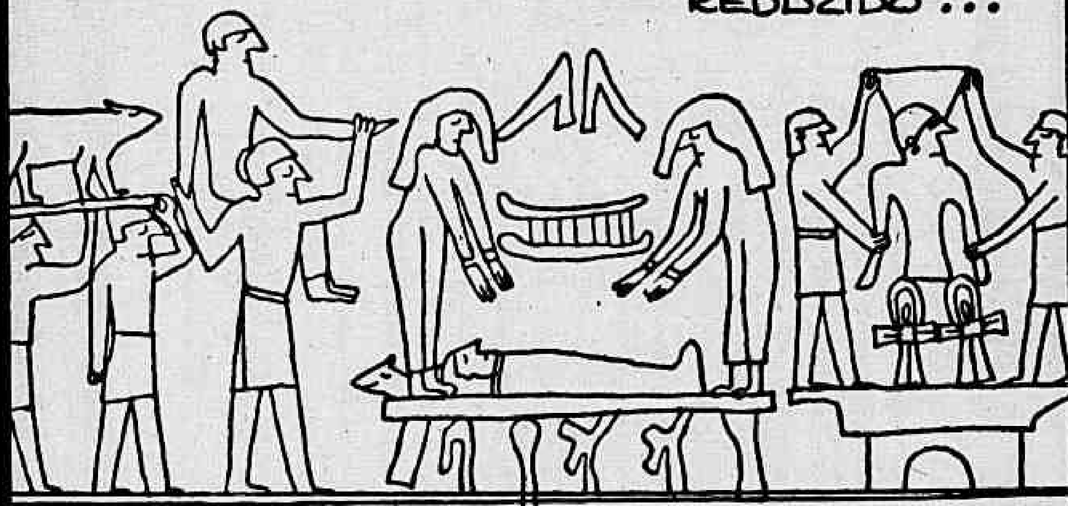
KA.

A INSISTENCIA NA IMORTALIDADE CARACTERIZAVA A RELIGIÃO EGIPCIA. OS CORPOS SERIAM HABITADOS POR UM DUPLO KA, CONCEBIDO À IMAGEM DO CORPO E TAMBEM POR UMA ALMA. OS TRES SOBREVIVERIAM SE A CARNE FOSSE PRESERVADA CONTRA A FOME, A VIOLENCIA E A DISSOLUÇÃO, DAÍ A MUMIFICAÇÃO.

NAS TUMBAS ERAM ENTÃO COLOCADOS ALIMENTOS, BEBIDAS, AS ESPOSAS E ESCRAVOS DO MORTO.

MAS, COMO NÃO CONVINHA DE MANEIRA ALGUMA ÀS ESPOSAS E ESCRAVOS ACOMPANHAR O MORTO NA OUTRA VIDA, PENSARAM EM OFERTAR DESENHOS QUE, SIMBOLICAMENTE, OS REPRESENTASSE.

A IDEA GENERALIZOU-SE. AO KA DO MORTO PASSARAM A SER OFERECIDAS PINTURAS, A PREÇO MUITO REDUZIDO...



PRETO NO BRANCO



EBULÇÃO

PENSAMENTO — A AMISADE DE DUAS MULHERES NUNCA E' MAIS QUE UMA CONSPIRAÇÃO CONTRA UMA TERCEIRA.

ALPHONSE KARR

YESO NÃO SABE...

após o que embarcou com destino à França, onde pretendia jogar.

Logo ao chegar, treinou e firmou contrato com o Olimpic de Nice, que tivemos oportunidade de ver jogar no recente torneio dos campeões, realizado no Brasil.

Diz Yeso que não estranhou o futebol europeu, mas o achou bruto, sem beleza e sem classe. Surgiram, então, as primeiras desavenças entre o jovem craque e o treinador do Nice.

Yeso achava que o onze francês deveria adaptar-se ao seu estilo de jôgo, pois classifica o futébol da América do Sul como o mais adiantado e perfeito do Mundo. O treinador, por sua vez, discordava, visceralmente, achando que êle é quem devia adaptar-se ao estilo europeu.

O futebolista brasileiro não achou jeito de concordar com o treinador e, como a diretoria do clube também tivesse duas opiniões, uma favorável e outra contra êle, Yeso resolveu pedir rescisão do contrato, o que lhe foi negado em inúmeras ocasiões.

"Nessa altura, — é Yeso quem nos conta — resolvi "dar o fora". Fugi para a Itália, sem dar satisfação a quem quer que seja, pois estava cansado da incompreensão do treinador e de alguns diretores do Olimpic. Sem que ninguém soubesse, embarquei para a Itália, onde fiz um espetacular treino no Torino. Fui tão feliz que a multidão, à saída do estádio, quase me esmagou e não fôra a ação pronta da policia eu teria ficado em frangalhos. Compreende-se isso quando eu contar que havia treinado com nome suposto, o que mais avivou a curiosidade dos assistentes do treino. Permaneci quatro

(Cont. na pág. 50)

TERIA O ESPÍRITO...

(Cont. da pág. 20)

procurasse as portas da Tenda para receber lenitivo e confôrto nos padecimentos terrenos, e que também poria sua assinatura quando tal oportunidade se oferecesse. Logo após, despediu-se em súplica ao Mestre, orou fervorosamente no que foi acompanhado por todos os presentes.

Com a retirada do dr. Laureano, apresentou-se pelo mesmo **médium** o espírito de **Pai Miguel,** êste incansável prêto velho que tem a alma branca. O referido Guia, em palavras simples, historia os quadros desenrolados espiritualmente na Tenda, lamentando que no momento não dispuséssemos de um vidente para descrevê-los, cuja descrição foi a seguinte:

«Os médicos componentes da Junta Médica Espiritualista, Osvaldo Cruz, Dias da Cruz, Bezerra de Menezes, Chapot, Carneiro da Silveira, Argemiro Duarte, e também Ana Néri, com sua bondade se encontravam presentes.

Essa apoteótica consagração, contava ainda com a presença de Adaína, que foi incumbida de colocar sôbre a cabeça do espírito homenageado, uma coroa de flores, além de florir a seus pés, pois, já vestido com a estola, foi acomodado numa espécie de trono. O espírito do dr. Laureano sentira-se comovido e com olhar de bondade, demonstrava encontrar-se sumamente satisfeito, naturalmente sem fugir à sua reconhecida modéstia. Aos espíritos acima, juntam-se outros como Pai Tomé, Vovó Teresa e outros não identificados; os de caboclos, Santa Teresinha, Azul e Branco, das Criancinhas e os Indus, do Círculo de Alhá da Tenda. E assim, depois desta inesquecível descrição que ficou gravada na mente de todos aquêles que tiveram a felicidade de ouvi-la, Pai Miguel retirou-se, depois de dar suas orientações com relação aos trabalhos que iriam se desenrolar na Tenda.

Devo declarar a bem da verdade que na tarde dêste mesmo dia, fui procurado no escritório onde exerço minhas funções materiais, por um repórter da REVISTA DA SEMANA, que por informações de várias fontes soubera dos eficientes e cabais trabalhos realizados pela Tenda em tôdas as suas modalidades. Pediu-me que fôsse o intérprete junto à mesma, no sentido de conseguir uma reportagem que evidenciasse o progresso do espiritismo e das curas realizadas pelo mesmo. Disse-lhe que o pedido era impossível de ser atendido porque a humildade característica da Tenda não comportaria propaganda e que preferiríamos continuar obscuros trabalhadores da seara do Pai. Perguntou-me também se eu sabia que o dr. Laureano havia baixado em um Centro espírita e se era possível, dado o seu recente desaparecimento, tal acontecer, ao que respondi afirmativamente, devido ao grau de iluminação espiritual que o mesmot rouxera na recente incarnação. Quis também saber se, comparecendo à Tenda, haveria possibilidade de atrairmos o espírito do citado médico a fim de estabelecer uma conversação com o mesmo. Fiz-lhe ver que a Tenda não se prestaria absolutamente a provas de tal natureza, porquanto, as comunicações que a ela vinham, eram sempre espontâneas e que jamais atrairíamos entidades para se submeter a provas dêste jaez. Em vista das dificuldades por mim apresentadas, contribuindo, assim, para a sua desistência no que desejava, disse-me se por acaso, em voltando à minha presença, conseguiria receber o assentimento para o desempenho de sua função, uma vez autorizado pelo dirigente espiritual da mesma, o que apenas concordei para satisfazê-lo.

Longe estava eu de supor que à noite teríamos a presença do espírito do inolvidável médico. Sob minha palavra de honra, nada dissera a G. do ocorrido, com relação ao caso do dr. Laureano. Foi por isso que, digníssimos convocados dessa Assembléia Geral, fujo um pouco ao assunto que me traz à vossa presença, neste momento, suplicando perdão a todos por caceteá-los com descrições que, em parte, fogem à finalidade que ora desempenho. Mas não poderia deixar de aproveitar a oportunidade para demonstrar a verdadeira posição inigualável que traz em todos os momentos de ação e tempo, a humildade, a simplicidade e a modéstia.

Que assim seja, caríssimos e digníssimos integrantes desta Assembléia Geral, e que Jesus possa dar sempre e em profusão, fôrça, luz e esclarecimento aos nossos espíritos guiando-os na estrada da verdade, e que tenhamos a resignação e a humildade precisa para que jamais nos afastemos e nos revoltemos com o que está traçado no Alto e que possamos da melhor forma possível, carregar nossas cruzes e depositá-las no fim da jornada, aos pés do Amado Mestre Jesus, depois de completamente espiritualizados.

Meus sinceros agradecimentos a todos que colaboraram comigo para o engrandecimento e progresso da Tenda, especialmente aos Guias e Protetores a quem tudo devo, no auxílio que sempre me prestaram nas emergências em que se faziam necessárias as suas intervenções, no sentido de suavizar os pesados encargos que por bondade sempre me confiaram.

Saúde, paz e tranqüilidade aos prezadíssimos irmãos, extensivos às suas exmas. famílias.»

Como vêem, segundo o depoimento do sr. João Crisóstomo Reis Filho, presidente da Tenda dos Humildes de Isabel, a Redentora, o espírito do dr. Laureano está em missão percorrendo várias sinagogas espíritas, para explanar a necessidade de congraçamento no sentido de todos suplicarem ao Pai, alívio e misericórdia para todos aquêles infestadas por tão malsinado mal, o câncer, dizendo ainda, que em data futura viria novamente à Tenda e deixaria gravado com a caneta de ouro que ora recebera no espaço, algo em benefício de quem procurasse as portas do Centro para receber lenitivo e confôrto nos padecimentos terrenos; e que também aporia sua assinatura quando tal oportunidade se oferecesse.

Dias após a ocorrência dos fenômenos narrados a «médium» Iveta Ribeiro psicografou o retrato do dr. Laureano, tendo na mesma oportunidade colhido também uma mensagem do espírito esclarecido de Frederico Figner. Êsse trabalho foi assistido por várias pessoas, conforme se poderá ver nas fotos que ilustram esta reportagem.

Voltamos à Tenda dos Humildes de Isabel, a Redentora por várias vêzes e tivemos ocasião de assistir a várias sessões. Numa delas Cauby, o chefe espiritual da Tenda, falou acêrca da nobre missão do «médium» Chico Xavier, acentuando que êsse iluminado irmão muito tem feito em prol do espiritismo. Terminou sua mensagem pedindo a Jesus, numa prece fervorosa, alívio para os padecimentos do autor de «Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho».

Acreditam os freqüentadores da Tenda que o dr. Laureano escolheu aquêle humilde Centro para se manifestar, pelo fato de já terem sido realizadas ali muitas operações de câncer. A própria irmã do presidente já foi operada, num seio, do terrível mal. E julga-se curada pelo Espiritismo.



MEMBROS da diretoria da Tenda dos Humildes de Isabel, A Redentora. Todos os presentes e mais cêrca de sessenta pessoas assistiram à sessão do dia 11 de junho, na qual, segundo relatório da diretoria da Tenda, fôra captada a mensagem do dr. Laureano. Sentado, no centro, vê-se o presidente.

Teria o espirito de Laureano se manifestado?

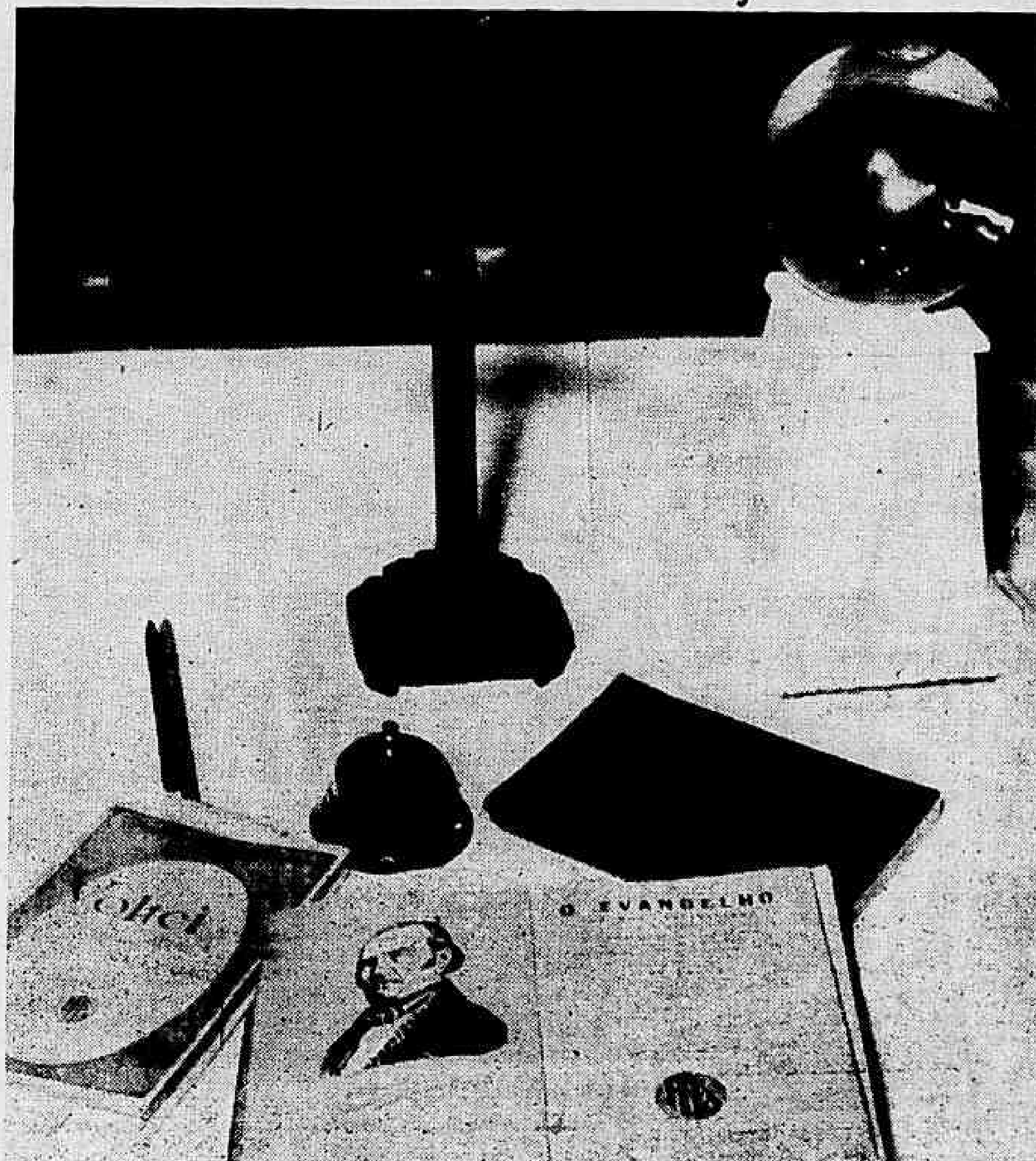
SIM! INFORMA A TENDA DOS HUMILDES DE ISABEL A REDENTORA



A MENSAGEM DO MÉDICO-MÁRTIR TERIA SIDO CAPTADA NO DIA 13 DE JUNHO ★ "ESTOU EM MISSÃO PERCORRENDO VÁRIAS SINAGOGAS ESPÍRITAS PARA EXPLANAR A NECESSIDADE DE CONGRAÇAMENTO NO SENTIDO DE TODOS SUPLICAREM AO PAI, ALÍVIO E MISERICÓRDIA PARA AQUÊLES INFESTADOS POR TÃO MALSINADO MAL" ★ "SÓ FIZ O BEM, ESTOU RECOMPENSADO" ★ UMA VISITA AO CENTRO DA ESTAÇÃO DO RIACHUELO ★ A POETISA IVETA RIBEIRO RECEBE, EM TRANSE, O RETRATO DE LAUREANO ★ OUTRAS NOTAS

Reportagem de ABDIAS RODRIGUES

PUBLICAMOS, no número anterior, uma reportagem feita em Recife, sôbre êste assunto. As conclusões então obtidas eram negativas: Napoleão Laureano não teria ainda se manifestado de além-túmulo, embora o guia do Núcleo Espírita Investigadores da Luz fornecesse, a seu respeito, revelações curiosas. Surge agora informação diversa obtida num centro espírita da capital da República. Com a mesma isenção de ânimo, e com o mero propósito de esclarecer o que porventura exista de real nesse sentido, aqui está o que apurou nossa reportagem.



ASPECTO da mesa em que se realizam os trabalhos da Tenda. Além do Evangelho, vê-se o Novo Testamento, uma bola de cristal e uma obra de Fco. Xavier.

ALGUMAS das obras de Francisco Xavier, que vêm sendo recomendadas por muitas entidades. Como se sabe são, tôdas psicografadas pelo grande «medium».



INTERIOR da Tenda dos Humildes de Isabel, A Redentora, vendo-se parte da mesa onde tôdas as segundas, quartas e sextas-feiras, se realizam os trabalhos.

Inicialmente devemos dizer que não somos espirita. Somos, sim, católico apostólico romano, embora não muito praticamente por falta de tempo. Nunca procuramos catequizar alguém para a nossa religião. Achamos que tôda criatura deve ter uma religião, seja qual fôr, pois — como disse Victor Hugo — "a vida humana sem religião é viagem sem roteiro, navegação sem bússola".

Assim, sentimo-nos à vontade para relatar os fenômenos ocorridos na *Tenda dos Humildes de Isabel A Redentora,* situada em Riachuelo, subúrbio desta Capital.

O caso começou assim:

Sete dias após a morte do Dr. Napoleão Rodrigues Laureano, tomamos um ônibus na Candelária e rumamos para o Meier para uma visita. No coletivo líamos o segundo volume das obras do dr. Inácio Ferreira — *Novos Rumos A Medicina.* Naquele capítulo o ilustre escritor, que é também diretor-médico do *Sanatório Esbírita de Uberaba,* depois de falar da



AQUI ESTÁ, destacadamente, um dos livros de Francisco Xaxier que já mereceu várias edições. O título é muito sugestivo e a leitura muito atraente.



O CENTRO onde o dr. Laureano teria baixado é muito modesto. Todavia, nestes vidros estão quistos de operações espíritas realizadas na referida Tenda.

TERIA O ESPÍRITO . . .



ALAN KARDEC também tem o seu retrato nas paredes do Centro.



SUGESTIVO desenho do Cristo, quando pregava o Evangelho.

Obsessão, da Loucura Psíquica e da Psicoterapia, dirige palavras de consôlo aos que sofrem, numa linguagem simples e comovente:.

..."O berço não testemunha os primeiros anseios da vida, assim como o sepulcro não resguarda os últimos estertores materiais... A vida não começa com o vagido da criança no berço, e não termina no túmulo com o último suspiro do ancião... O sepúlcro nada mais representa do que a porta de um corredor sombrio por onde atravessamos o caminho de outras vidas, à procura de outros mundos. De posse dessa compreensão, tornamo-nos um pesquisador de túmulos, através dos quais levamos as mensagens de perdão entre iventes dêste mundo material e entes que vivem no mundo espiritual... Muitas tragédias temos evitado; muitas lágrimas temos enxugado; muitas angústias temos atenuado e nos esquecemos mesmo, por vêzes, dos próprios desesperos, para acudir a desesperos maiores! Na terra existem milhões de criaturas que, embora revestidas de sentimentos bons, verdadeiros padrões e exemplos para os demais seres viventes, não deixam, todavia, de sofrer dias amargos, tendo por únicos companheiros as lágrimas, as dores e os tormentos."

"No mundo invisível existem milhões de sombras ainda revestidas com os mesmos sentimentos de maldade, de ódio e de amor, perpetuando o seu atraso na evolução, engolfadas que estão nos propósitos de vingança, de desforra! As primeiras sofrem conseqüências de torturas e males que espalharam em existências passadas, destruindo felicidades, derruindo lares, espargindo dores e angústias! Essas últimas, nada mais do que procurando, agora, pela sua vontade, que é fôrça, e pelo seu livre arbítrio, que é o poder, fazer com que aquelas mesmas criaturas sofram iguais tormentos, as mesmas infelicidades que espalharam... Dêsses choques resultam tôdas essas tragédias que se desenrolam entre lares, provocando todos êsses tormentos que a ciência dos homens é incapaz de evitar ou mesmo atenuar... Tendo tido a felicidade de antever, através dos reposteiros do infinito, o mundo espiritual; vendo o sentimento nos seus arcanos as mesmas convulsões de dores e desesperos que dependiam apenas de mensagens que encerrassem conselhos amigos e palavras de carinho, nos colocamos junto às tumbas, nelas instalando-nos o pôsto de trabalho!..."

Quando o ônibus passava na Estação de Sampaio interrompemos a leitura para dar passagem a uma senhora que se sentou ao nosso lado.

Prosseguimos:

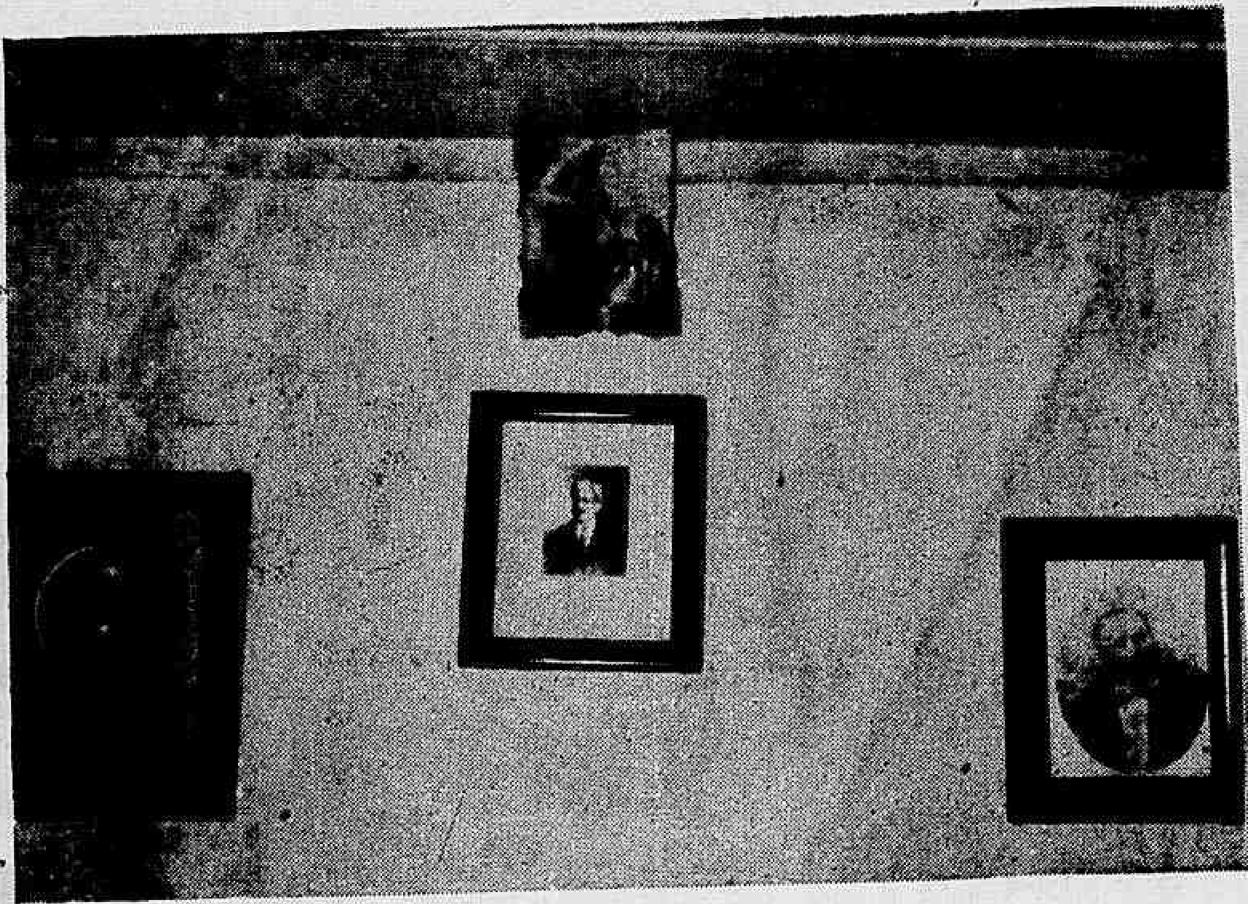
"Enquanto tivermos o aparelho através do qual recebemos e transmitimos essas mensagens, nos conservaremos sempre atentos e dispostos, embora os tufões, as tempestades e os vendavais humanos lancem-nos as pedras de suas ignomínias e de suas perfídias no afã de que abandonemos êsse pôsto de intermediário entre os dois mundos!..."

A página que líamos fês com que a senhora ao nosso lado, nos perguntasse:

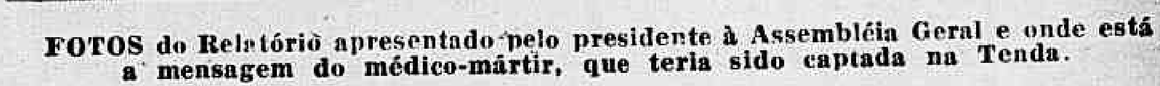
— Desculpe, moço, o sr. é espírita?

— Não, senhora.

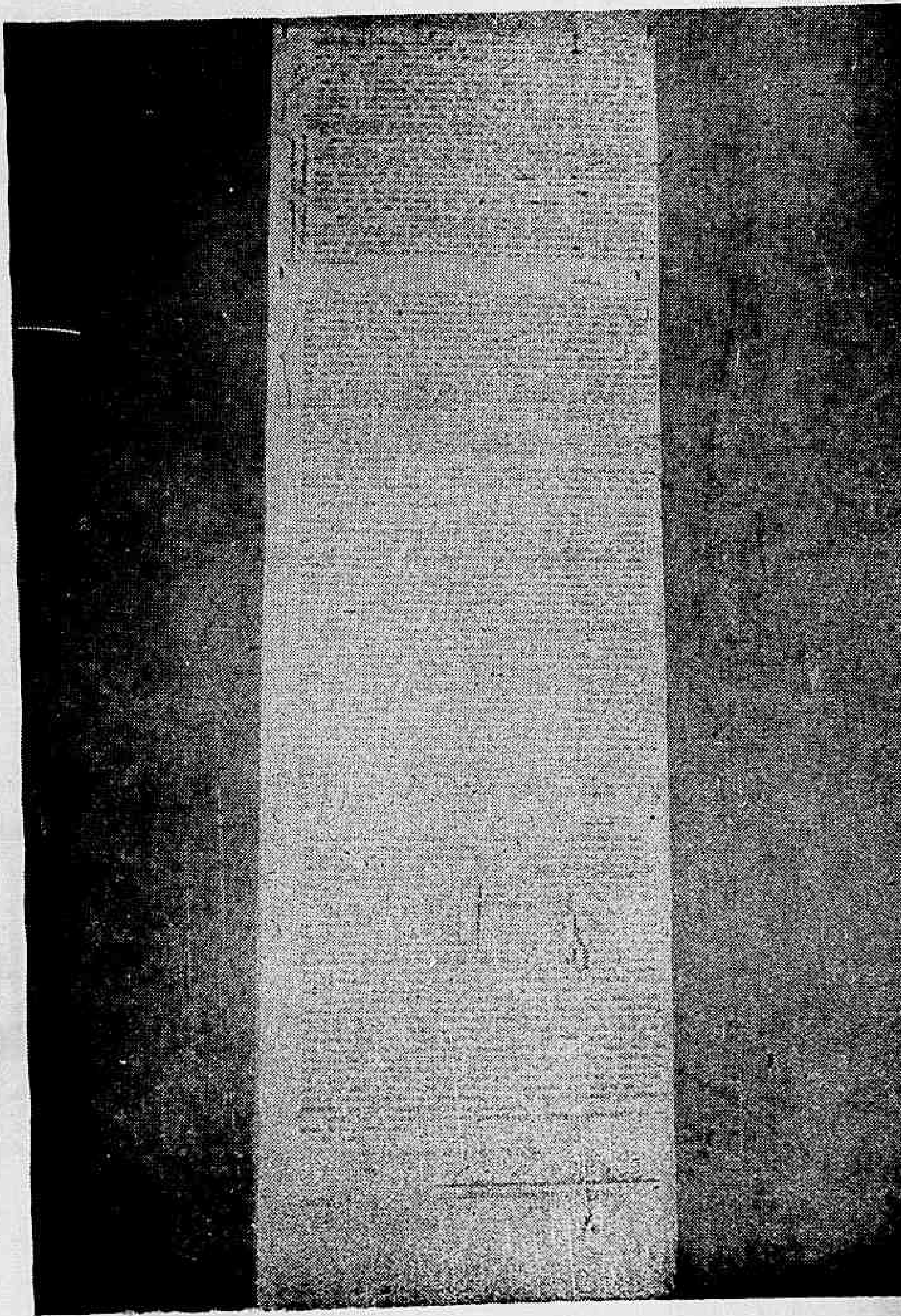
— Ah! naturalmente o sr. não acredita, mas...



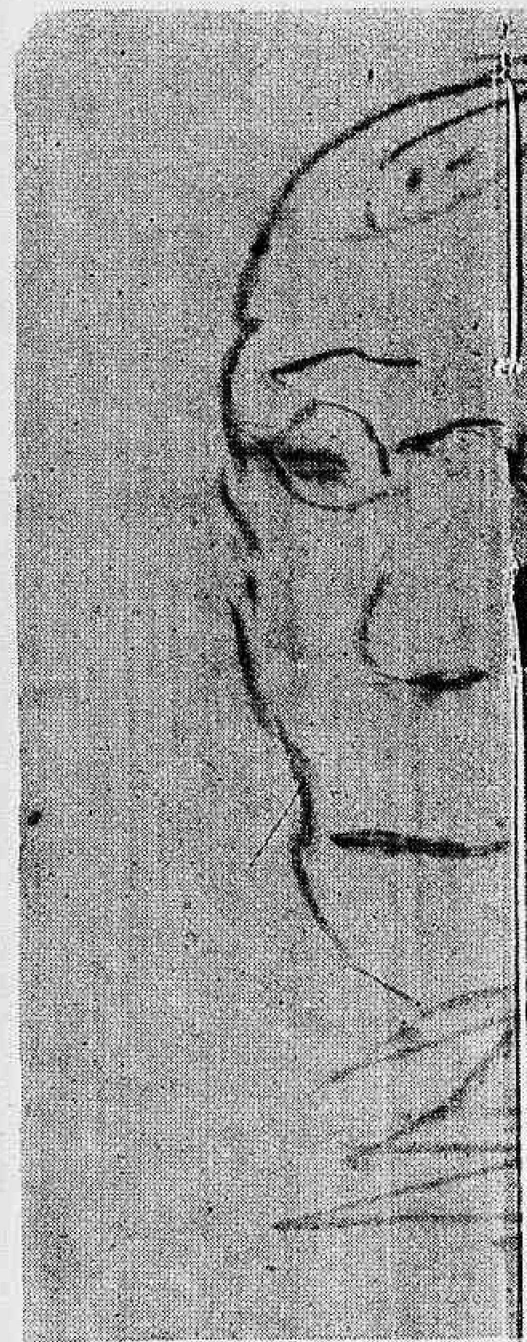
FOTOGRAFIAS de eminentes personalidades ornamentam as paredes da casa. Na foto aparecem, da esquerda para a direita, Chapot Prevost, Oswaldo Cruz e Bezerra de Menezes.



FOTOS do Relatório apresentado pelo presidente à Assembléia Geral e onde está a mensagem do médico-mártir, que teria sido captada na Tenda.







RETRATO psicográfico do dr. Laure
ta Ribeiro. Não há dúvida,

A MEDIUM E POETISA Iveta Ribeiro, quando recebia a mensagem de Frederico Figner. Outras têm sido psicografadas por seu intermédio.

— Tem alguma coisa sensacional a nos relatar? — interrogamos irônico.

— Para nós, os espíritas, não é nada sensacional... mas para os que não acreditam no espiritismo é alguma coisa de transcendental...

Agora, já interessados deixamos de lado a ironia e passamos a sondar a coisa. Num relance vimos que se tratava de "algo do outro mundo". Fechamos o livro e fomos direto ao assunto.

Algum fenômeno?...

— Sim. E' deveras uma coisa fenomenal. O dr. Laureano baixou no centro que frequento, em Vila Isabel.

Onde fica êsse Centro?

— Bem... Isso eu não lhe posso dizer...

Em seguida o ônibus parou. E sem que desse tempo para mais qualquer pergunta, a senhora despediu-se com um *até à vista* e saltou.

Prosseguimos viagem, mas, agora, com o veneno da curiosidade na cabeça. De quando em vez perguntávamos a nós mesmo: teria de fato o médico-mártir baixado em alguma sessão espírita?...

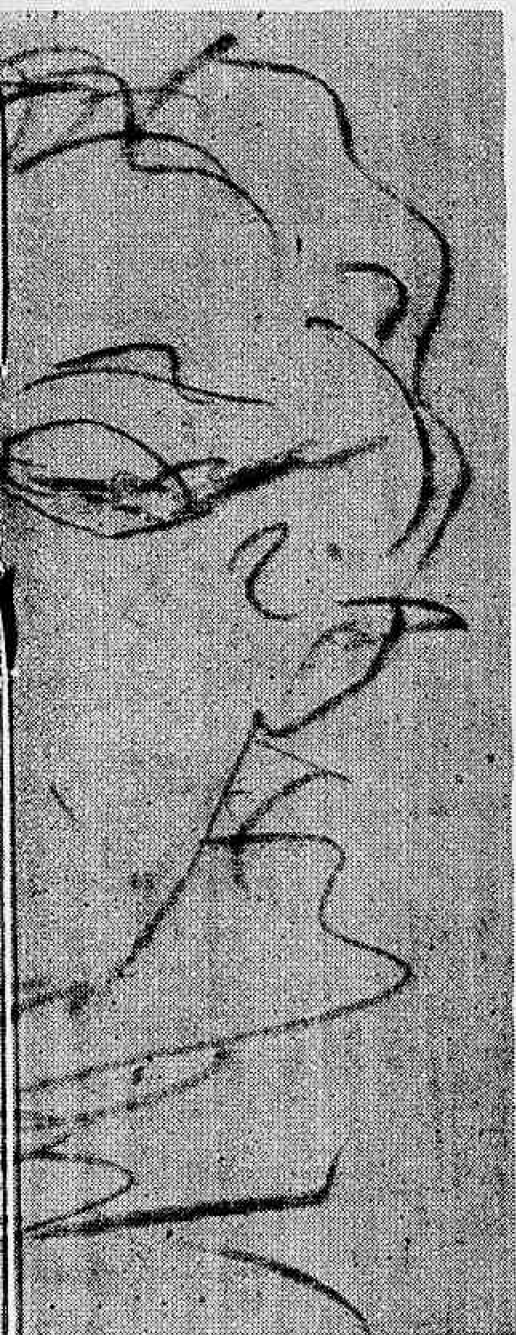
Chegamos ao Meier. Fizemos a visita, que, aliás, foi rápida. Os amigos estranharam a nossa pressa e o desinteresse na palestra. Em verdade nada mais nos interessava naquele dia, senão saber com certeza se o dr. Laureano havia baixado à terra. Voltamos e metemos mãos à obra. Percorremos diversos centros durante a semana. Uns na segunda, outros na quarta e outros na sexta-feira.

Finalmente, encontramos algo de posi-





FLAGRANTE da mesa dos trabalhos, vendo-se em pé os artistas Branca Mauá e Nuripê Bitencourt. Sentados, estão a sra. Esmeralda Ribeiro e o autor teatral



...reano, também feito pela senhora Ive... tem traços de semelhança.



OUTRO FLAGRANTE de D. Iveta. Está psicografando um retrato. Provàvelmente, uma cabeça de índio. Tudo é feito muito rápido e em estado de êxtase.



tivo acêrca do fenômeno. Laureano falou do além-túmulo.

Ao leitor, naturalmente, ocorre, logo, a pergunta: — Como?

É o que vamos relatar baseados no Relatório que o presidente da *Tenda dos Humildes de Isabel A Redentora,* apresentou, no dia 13 de junho, à Assembléia Geral, reunida naquele centro espírita.

..."Para positivar a necessidade e os benefícios da simplicidade e da humildade, a Tenda tem recebido inúmeras provas de graças e dádivas nesse sentido e procura, na medida do permitido, destribuí-las a todos que as mereçam, proporcionando, assim, momentos de alegria e satisfação a quem tem a felicidade de assistí-los Tanto é verdade que na noit edo dia 11 de junho, por ocasião da Sessão de Caridade, tivemos mais uma confirmação do que acima assevero.

Após a prece de abertura da reunião em epígrafe e quando aguardávamos a chegada do nosso diretor espiritual para determinar a ordem dos trabalhos, *tivemos a ventura de receber em nosso recinto, o espírito iluminado do médico desencarnado dr. Napoleão Laureano, que viera em missão especial do Alto substituir aquêle dirigente....*

O citado espírito maravilhou a todos durante dez a quinze minutos com suas palavras de fé, resignação e bondade, demonstrando dêste modo não só seus vastos conhecimentos da espiritualidade, como também teve ocasião de agradecer ao Mestre a oportunidade que lhe fôra concedida em resgatar e redimir provas de incarna-



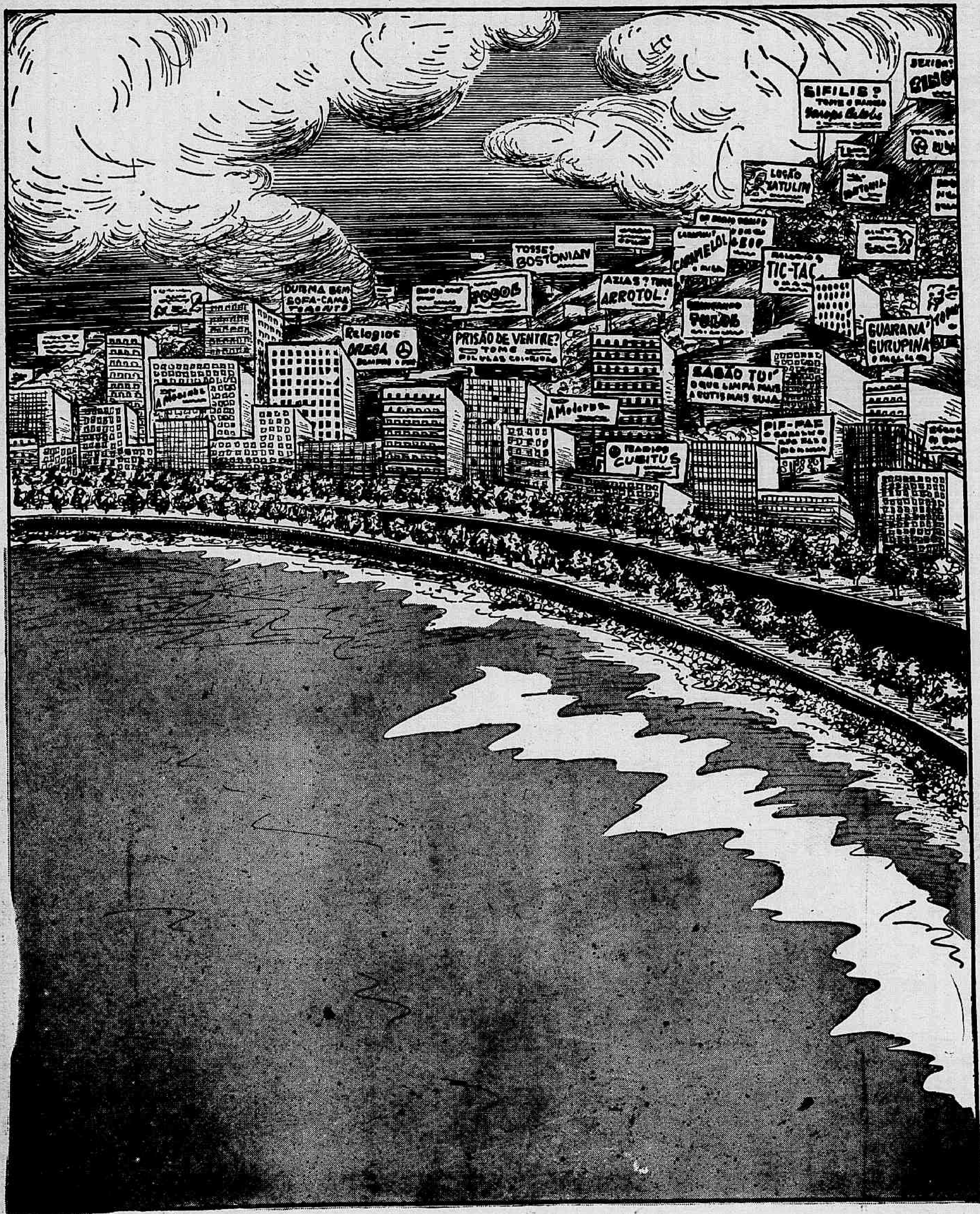
sr. J. Ribeiro. No centro a «Medium». Do lado esquerdo, a mensagem de Frederico Figner já na íntegra, e à direita, cabeças psicografadas por D. Iveta.

ESTE MUNDO E O OUTRO

CRIAÇÃO DE DARCY

CIDADE MARAVILHOSA

7 - AS "BELEZAS NATURAIS"





DUAS POSES de Silvana Mangano, a quem o Rio conheceu, faz pouco tempo, em carne e osso. Casou-se em julho de 1949 com o produtor De Laurentis de cujo consórcio nasceu Verônica, de ano e meio.

A ESTRÊLA "ATÔMICA" DO CINEMA ITALIANO



SILVANA Mangano, italiana nascida em Roma a 21 de abril de 1930, é um dêsses casos assombrosos do cinema. Jamais pensou em ser estrêla; nunca se mostrou ambiciosa de glórias; por sua cabeça nenhum desejo de brilhar diante de platéias ou câmeras cinematográficas. Muito simples, sem vaidades, sem excessos de sonhos, Silvana se candidata a um concurso de beleza em sua terra e sai vencedora. Isto em 1947. Imediatamente os produtores cinematográficos a assediaram. Aceitasse uma parte num filme que ia ser rodado, Silvana Mangano depois de relutar, consentiu em interpretar um papel secundário em "Elixir de Amor". Foi muito feliz. Veio então "Arroz Amargo", em cuja história ela se afirmou como estrêla de primeira grandeza. Até agora, além dos dois filmes citados, figurou em mais dois: "Il lupo della Sila" e "Il brigante Musolino". Agora está filmando "Ana", em papel dificílimo e que exige todos os seus talentos artísticos. Silvana Mangano é, atualmente, uma das mais festejadas artistas do cinema mundial.



SILVANA MOSTRANDO à sua pequena Verônica, uma boneca, que, segundo a expressão da «bambina», não lhe despertou muito interêsse. Depois de filmar «Il lupo della Sila» e de haver desposado Dino De Laurentis, desejou retirar-se do cinema e dedicar-se, exclusivamente ao lar e à família. Mas não resistiu ao povo.



SILVANA, mãe de Verônica, quando ainda a filha não tinha mais que alguns meses de idade. A êsse tempo estava ela tratando de emagrecer, o que conseguiu: 20 quilos a menos...



SILVANA NO INTERVALO do seu quinto filme, «Anna», numa interpretação admirável. Trata-se de romance dos mais tocantes em que ela reafirma todo o seu poder criador.

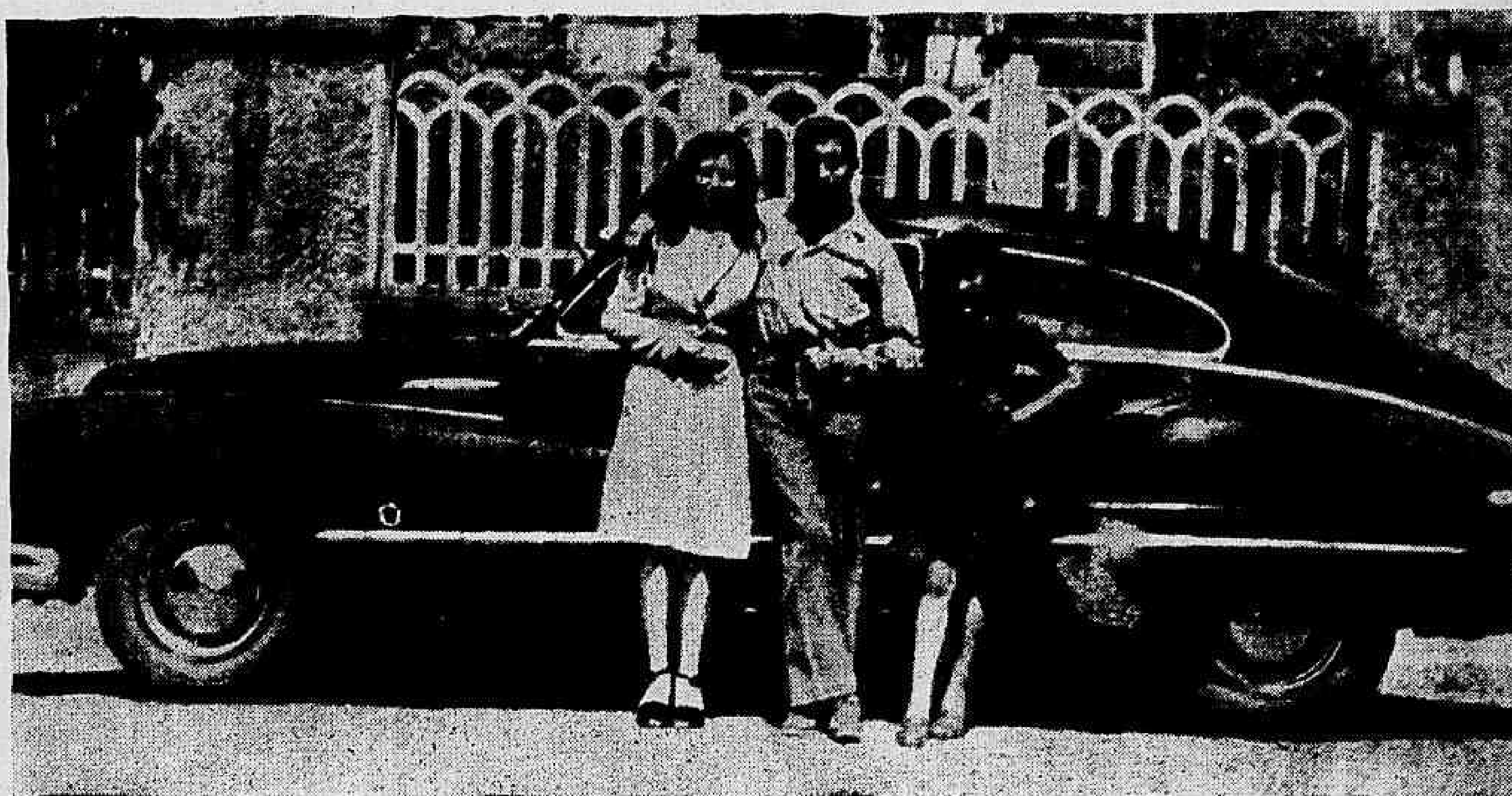




AOS SETE ANOS, Silvana fazia o curso de balé de Jia Ruskaja. Mas longe estava de pensar que seria uma estrêla do cinema mundial. A outra foto, uma

AOS DEZ ANOS, Silvana passeava na Sicília. Embora filha de inglêsa (Ivy Webb), não conhece a língua materna. Seu pai, Amadeo Mangano, é da Sicília e ferroviário. Patrícia, Roy Mangano e Natascia, irmãos





pose atual. Em baixo, Silvana (no meio) aos 5 anos, ao lado dos manos Roy e Patrícia.

de Silvana. Patrícia também é artista de cinema e Roy é técnico de som. Como vemos, há precedentes na família. Na última foto, um instantâneo em que Silva.ıa pesava a recém-nascida Verônica, ajudada pela avó.





Ave Maria

NOVELA DE GILVAN LEMOS

D. Cândida vivia, como se fossem de outra, os próprios pés metidos nas sandálias macias. Os óculos de aro dourado também lhe pareciam um luxo excessivo. Lembrava os chinelos pesados, feitos das velhas botinas de Joca; os óculos de arame que não eram sòmente seus, mas também do marido, quando se dispunha a ler o jornal; a fala emocionada do Chiquinho — Oh! não é mais Chiquinho — Francisco): "Ainda tenho fé em lhe tirar dessa trabalheira, mamãe". E lembra, sobretudo, que nos chinelos pesados, vendo através de óculos ordinários, imersa no trabalho cotidiano, não achava a vida como a acha agora. E, em pensamento, Joca explica-lhe: "A gente só sabe que foi feliz, depois que a felicidade já está longe, Cândida".

D. Cândida definhava. As empregadas notavam-lhe a magreza:

— Também a senhora vive socada nesse quarto, triste, sozinha...

Triste, sozinha...

Chiquinho (Chiquinho, sim. No seu pensamento será sempre Chiquinho...) deixava-a assim, triste sozinha. Mas êle não tinha culpa, vivia tão ocupado. Antigamente...

Estudava na sala. Ela lavava os pratos. Joca lia o jornal. O filho era ambicioso, queria ser gente, rico, famoso.

— Para que, meu filho? Seu pai sempre foi pobre e não existe homem melhor no mundo.

Tinha pena do filho, porque se esforçava de mais. Pensava que Chiquinho nunca coseguia ser o que desejava. Mas formara-se, casara muito bem e hoje não dependia dos pobres pais. Joca fôra-se desta, e ela, agora, dependia de Chiquinho.

— A senhora é feliz — dissera a mulher desconhecida,visita da nora — Com todo confôrto, cercada de netos. Pois os netos são como nossos filhos renascidos, a senhora não acha?

Filhos, netos... Tão distantes! Fernando era corado, os olhinhos meigos, como os de Chiquinho, quando tinha a sua idade. E as mãozinhas? Curtas, gorduchas... Quanto lhe recordava o filho!

— Você é velha, dissera-lhe à mesa.

A nora emproada, nada quisera ouvir.

— Não diga isso, meu filho, ela é minha mãe.

— Deixe, Francisco, Fernando é uma criança e... eu sou mesmo uma velha.

Tentara sorrir. Mas quem pode disfarçar uma tristeza arraigada, com anos de existência?

Poderia ser feliz naquela casa, se não fosse tão desprezada. A nora vivia repreendendo-a:

Por favor, D. Cândida, Francisco já é homem feito. Que apelido insuportável!

Ou:

— Olhe a saia de baixo aparecendo. A senhora não penteou o cabelo hoje?

E para tudo uma observação. Procurava escondê-la das visitas. Só a tratava com desprezo.

D. Cândida era agradecida ao filho. Tirara-a da trabalheira". Mas morria de saudade do seu Joca, único na amizade, sem ambições desmedidas, sempre presente em sua vida. Já o filho quase não a procurava mais. Às vezes subia para falar-lhe rapidamente. Tinha bastante serviço para fazer, não podia perder tempo.

— A senhora está bem? É feliz aqui conosco, mamãe?

— Sim, meu filho, graças a Deus. Deus lhe abençoe. Sou muito feliz.

E ficava chorando, quando o filho se retirava. Ouvia-o conversando com a mulher, brincando com as crianças. D. Cândida não devia estar ali, no meio de todos?

— D. Cândida, não se deve beijar as crianças no rosto.

Ora, meu Deus, onde já se viu criar meninos sem beijos? !

Os netos tinham-lhe mêdo. A nora impingira-lhes êsse temor.

À noite ouvia o chôro do caçula. Tinha gana de levantar-se para ir niná-lo. Como se sentiria feliz, amparando-o no colo, fazendo-o dormir, como fizera muitas vêses a Chiquinho! E naquele tempo até se aborrecia, sem saber que estava sendo feliz.

Oh! Chiquinho, quanta preocupação! As primeiras doenças — febre, tosse, diarréias; os primeiros sapatinhos de sola, a carta de abecê, o boné... E D. Cândida velando e sofrendo. Chiquinho crescera, frequentara a escola. O dinheiro escasseava. Joca ganhava pouco.

— Que pena não botar êsse menino para estudar.

D. Cândida trabalhava para ajudar o marido. Costurava de ganho, economizava na mercearia (às vezes deixava até de comer),lavava a roupa em casa... Joca não queria vê-la se matando assim:

— Não, minha velha, só devemos fazer o possível.

Mas Chiquinho fôra para o colégio. Terminara o ginasial, entrara no científico. Andava alinhado como os colegas (muitos dêles rapazes ricos), embora D. Cândida não tivesse sapatos para sair, nem Joca chapéu para botar na cabeça.

D. Cândida vivia num enfado eterno. Sentia dores nas costas, dormência nas mãos. Os dedos feridos de lavar roupa, as unhas pretas das panelas, as mãos furadas da agulha. Joca deixara de fumar, de ler jornal (sua única distração), de andar de bonde. Fazia extraordinários na repartição Chegava em casa abatido, extenuado do esfôrço despendido. Ia para a sua cadeira, na sala, esperar o jantar. A testa suada, o cabelo ralo em desalinho.

— Ai, ai... Que enfado, Cândida.

Pegava no sono. D. Cândida tinha pena de despertá-lo. Ficava na varanda, esperando. Então êle acordava, tossia a sua tosse.

— Cândida?

— Está pronta a ceia, Joca.

— Vamos, minha velha?

Levantava-se bocejando. O rádio do vizinho tocava uma música bonita, d. Cândida sentia-se triste:

— Que música é esssa?

— Não é a Ave Maria de Gounot?

Guardava aquela música. Ouvia-a sempre à mesma hora, justamente quando Joca se levantava da sua cadeira,

— Vamos, minha velha?

— Tudo nêle era familiar. As camisas puídas no colarinho, os tamancos, o antebraço circundado por uma parte mais alva, que não levava sol, as mãos descançando nos braços da cadeira, os dedos enodoados de nicotina... Aquelas manchas nunca largaram. No cangote enrugado, alguns pêlos brancos despontavam brilhantes...

Últimamente dera para ter tanta saudade do marido, do seu ar cansado, de sua companhia. Até da sua tosse seca, tarde da noite.

— Pensei que quando deixasse de fumar, essa danada se fosse.

— Coma um açuquinha que passa.

CONTINUA NA PAG. 48

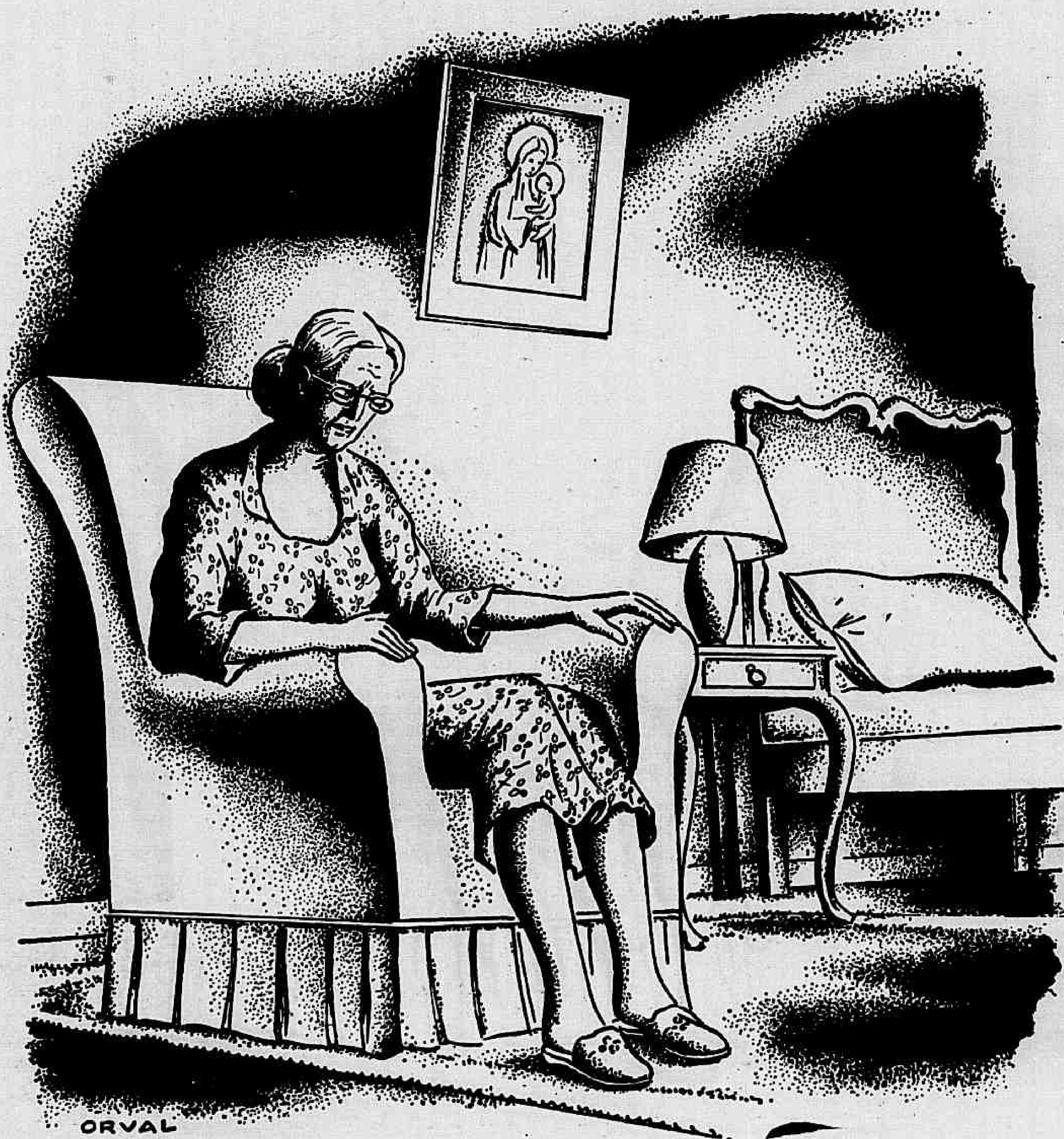


Ilustração de **ORVAL**





DETALHES

UM pequeno detalhe, constitui às vêzes tôda a originalidade de certos modelos. Um exemplo do que afirmamos são as ilustrações que aqui estampamos, e que por certo constituirão ótimas sugestões. Em cima, pequena «echarpe» desfiada, no mesmo tecido da saia; grande pala pespontada, com botões e «pois» bordados em azul-marinho. Em baixo, nos dois modelos, um finissimo lenço estampado, colocado originalmente, num modêlo para passeio e num modêlo esportivo, constitui a nota de novidade e elegância.



ALGUNS MOMENTOS

HOJE queria que ficasses com a cabeça no meu peito, em silêncio e esquecimento, para eu te contar a vida — uma vida que imaginei para o nosso sonho. E tudo aconteceria como desejo, porque só o sonho é que existe.

★

AMO-TE tanto, tão intensamente, que todos os dias me admiro de que possas viver a vida, fora de nós, de nosso mundo, fora dos momentos de sonho e de eternidade que vivemos juntos.

★

NÃO sei se já reparou que nos amamos muito mais do que nós sumos: As realidades do amor excedem tôdas as fantasias.

★

AMAR é sofrer por alguém. Se sofres por alguém, podes ter certeza: é o amor. A suprema felicidade no amor consiste em podermos dizer:

— Meu adorado sofrimento!

LYSE











ALGUMAS sugestões interessantes para jovens, você encontrará nestas duas páginas. À esquerda, ao alto, dois modêlos para esporte bastante sugestivos, apesar do seu corte simples, ambos executados em algodão estampado, são de fácil execução. Em baixo, para passeios, um outro modêlo bastante gracioso e juvenil, frente da blusa plissada, saia ampla, formada de pregas bem largas. Em cima, modêlo para viagem, em algodão creme, com "viez" em azul-marinho. No detalhe, gracioso modêlo, em linho azul,mari-



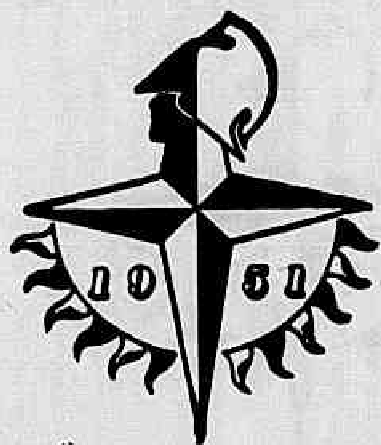
Sugestões

JUVENIS





nho, próprio para passeio. A seguir, temos um sugestivo modêlo, em fina lã quadriculada, próprio para os dias frios na montanha. E' um modêlo todo fechado, abotoado em tôda a extensão, mangas amplas com pequenos punhos, cinto do mesmo tecido. No detalhe, vemos uma sugestiva "sweater", em lã azul-marinho, com desenhos brancos na gola e nos punhos. Finalmente, outro modêlo para passeio, em finíssima lã cinza-claro, saia bem franzida, ajustada na cintura com um cinto largo do mesmo tecido, fivela e botões forrados.



De maio a setembro
a Grã-Bretanha
receberá o mundo

Impossível descrever tôda a grandiosidade do Festival de Artes e Indústrias que o povo britânico está organizando e que abrange todo o país. Nêsse festival será posto em exposição — de uma ponta a outra — o território das Ilhas Britânicas, perante os nacionais e perante os estrangeiros. Seja, o senhor também, um dos visitantes da Grã-Bretanha, que se prepara condignamente para o receber. E para essa visita, viaje pel ar. A tripulação da B. O. A. C. se caracteriza pela prática e experiência em vôos a longa distância e é famoso em todo o mundo pela gentileza e atenção que dispensa ao passageiros.

VÔE PELA B·O·A·C
COM A TRADICIONAL CORTESIA BRITÂNICA



BRITISH OVERSEAS AIRWAYS CORPORATION

SÃO PAULO RIO DE JANEIRO RECIFE

Senhora!
Na toilette diária nunca deve ser esquecida a sua
HIGIENE ÍNTIMA

Metrolina

ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA



WEEK-END

LINGUIÇA DE LOMBO DE PORCO

Toma-se um ou mais lombos de porco, gordos, temperando-se com sal, alho, caldo de limão, vinho branco, pimenta do reino e cheiro verde em galhos grandes. Cobre-se o alguidar em que se temperou o lombo com uma peneira e coloca-se em lugar fresco. No dia seguinte, retira-se o lombo dêsses temperos, passa-se pela máquina de moer, usando-se o ferro de dentes mais largos ou pica-se em pedacinhos e enchem-se as tripas (já bem limpas), furando-se de vez em quando com um espinho de laranjeira: — amarram-se as pontas das tripas e dependuram-se as linguiças sôbre o fumeiro ou em lugar fresco.

DOCE DE BATATA DOCE

Cozinham-se as batatas doces sem casca, descascam-se depois de escorridas e passam-se pelo espremedor, enquanto quentes. Mede-se a



massa obtida em pratos fundos, juntando-se-lhe o mesmo número de pratos de açúcar, alguns cravos, uns pedaços de canela em pau, e uma xícara de leite.

Mistura-se tudo e leva-se ao fogo brando mexendo-se sempre até que comece a aparecer o fundo da panela. Retira-se então e depois de morna põe-se em compoteira. Se preferir o gôsto de baunilha, pode substituir a canela e os cravos por um pouquinho de essência, que, nesse caso, se junta ao doce no momento de retirá-lo do fogo.

SALADA DE ARROZ COM BANANAS

Tomam-se em partes iguais arroz cozido em água com sal e bem sôlto e rodelas finas de bananas prata. Arrumam-se o arroz no centro da saladeira e as rodelas de banana à volta. Enfeita-se com pedaços de ovos cozidos, azeitonas e fatias de maçã. Rega-se tudo com môlho de salada. Dispõem-se à volta de tudo umas fatias finas de presunto cru.

BÔLO INGLÊS BRISTOL

Pesam-se 12 ovos, repetindo-se o pêso para o açúcar, a farinha de trigo (que deve ser peneirada) e a manteiga. Batem-se as claras em neve, juntam-se as gemas, bate-se mais, junta-se o açúcar, bate-se até ficar um creme esbranquiçado e, por fim, batendo-se sempre, junta-se a manteiga, a farinha, um pouco de passas sem caroços e um cálice de conhaque. Passa-se em forno quente, numa fôrma untada de manteiga e polvilhada de farinha de trigo.

PRESUNTO COM AIPIM

Faz-se um môlho com azeite, 1/4 de quilo de tomates, côa-se o môlho e cozinha-se nêle, meio quilo de aipim, pesado sem casca, juntando-se mais um pouquinho de água. Cozido o aipim, arruma-se num prato Pirex uma camada dêle com um pouco de môlho, polvilha-se com parmezão ralado, cobre-se com fatias finas de presunto cru, outra camada de aipim com parmezão e presunto e assim até que se acabem os ingredientes. Despeja-se em cima o resto do môlho que ficar, polvilha-se com bastante parmezão ou queijo mineiro duro e leva-se o prato ao forno quente por uns minutos.

RAPADURINHAS DE ABÓBORA

Desmancha-se bem a abóbora, depois de cozida. Mede-se 1 quilo de abóbora para dois quilos de açúcar refinado. Vai ao fogo, quando estiver em ponto bem alto, acrescentam-se 250 gr de queijo. Deixa-se ferver um pouco, para dar o ponto, tira-se do fogo, bate-se um pouco, e se arruma depois em montinhos. Deixa-se secar e para resistirem bastante tempo, guardam-se em latas bem fechadas.

MASSA PARA EMPADINHAS

500 gr de farinha de trigo, 4 gr de manteiga, 1 colherinha de sal, 1 colherinha de fermento Royal, 4 colheres de vinho do Pôrto, 4 gemas, 2 claras.

Faz-se uma massa, sova-se um pouco e com ela fazem-se empadinhas, pasteizinhos, etc., cozinhando-os no forno. A metade desta receita dá para fazer 42 empadinhas.

NA COZINHA

CROQUETE DE CAMARÃO

200 gr de batatas para cada lata de camarão. Cozinha-se a batata sem casca e desmancha-se bem. Quando o parmezão estiver bem refogado e bem sêco, tira-se do fogo e mistura-se com a batata, 2 gemas, 2 colheres de farinha de trigo. Fazem-se os croquetes, recheando-os com 1 camarão inteiro. Passam-se no ôvo e na farinha de biscoitos, e fritam-se ligeiramente em banha ou azeite quente.

BIFES ENROLADOS

Cortam-se os bifes bem fininhos. Temperam-se com cebolas e temperos verdes e com as tiras de toucinho com que devem ser enrolados. Enrolam-se e se põem na frigideira, deixando a parte do arremate para baixo. Antes de deitar os bifes na frigideira, pode-se fritar na banha uma meia colher de farinha de trigo. Depois de fritos os bifes, acrescenta-se cebola, temperos verdes e umas batatas partidas em quatro. Abafa-se e deixa-se ferver em fogo lento.

PRATO DE PÊSSEGOS

5 a 6 pêssegos, açúcar, caldo de limão, 500 gr de morangos.

Cozinham-se 4 colheres de açúcar com ½ litro de água: põem-se nesta calda os pêssegos descascados, cortados pelo meio e sem caroços, deixa-se amolecerem uns 6 a 8 minutos e esfriarem em seguida.

Entretanto, limpam-se e lavam-se os morangos e passam-se por uma peneira grossa, misturam-se bem com o caldo de limão e o açúcar e cobre-se com êles os pêssegos, despejando-se por cima a calda em que foram cozidos.

SOPA OU CANJA DE CORDEIRO

Corta-se o espinhaço pelas juntas. Põe-se no fogo numa panela com água fria. Se a carne fôr nova, deixa-se ferver, mexe-se seguidamente para engrossar. O arroz deve ficar bem cozido e quase desmanchado.

PUDIM DOS DEUSES

Torradas de pão de leite, compota de ameixas, pretas ou de outra fruta, creme de semoline.

Põe-se primeiramente em uma fôrma de porcelana uma camada de torradas, depois uma de ameixas quentes, um pouco amassadas, e por último o creme quente de semoline, ao qual se juntam 2 claras batidas em neve. Deixa-se esfriar bem e serve-se com caldo de fruta ou com creme de baunilha.

TORTA DE CIDRA

125 gr de manteiga, 125 gr de açúcar, 5 ovos, 500 gr de farinha de pão, 50 gr de cidra cristalizada bem picadinha, 800 gr de farinha de trigo, 1 colherinha de fermento em pó, casca ralada de limão e um pouco de vinho branco.

Bate-se um creme com manteiga batida, as gemas, o açúcar e a casca de limão: juntam-se aos poucos a farinha de pão embebida no vinho, a cidra picadinha, as claras em neve e a farinha de trigo peneirada com o fermento. Põe-se esta massa em uma fôrma bem untada e leva-se ao forno regular. Depois de fria, cobre-se a torta com glacê de limão, esparge-se cidra e amêndoas picadas e enfeita-se com pedacinhos de geléia vermelha, formando uma coroa.



"Seja Kolynos-ista, como eu!"



Na fórmula científica e maravilhosa de Kolynos há ingredientes especiais que eliminam realmente os ácidos bucais, causadores das dolorosas cáries. Provas científicas, realizadas por famosas universidades norte americanas e européias, demonstraram que Kolynos destroi até 92% das bacterias que formam esses ácidos.

A espuma refrescante e penetrante de Kolynos limpa melhor os dentes e a boca, purificando o hálito. Siga os conselhos do seu dentista: proteja os dentes escovando-os com KOLYNOS depois de cada refeição.



1. *Você já teve uma boa dor de dente? Então sabe o quanto são prejudiciais os ácidos bucais que atacam o esmalte dos dentes...*



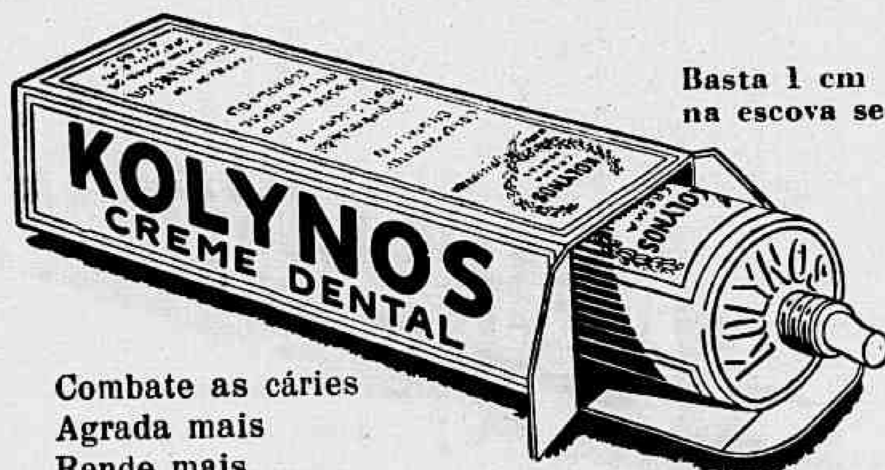
2. *Como se formam esses ácidos?... O dentista disse-me que são milhões de bacterias que os produzem e... que essas bacterias são muito dificeis de destruir!*



3. *Dificeis de destruir?... Não, senhor! Basta usar Kolynos! Kolynos destroi essas bacterias que produzem os ácidos causadores das dolorosas cáries.*



4. *E, o que é mais, o famoso Creme Dental Kolynos refresca realmente o hálito, clareia os dentes, tem sabor agradavel e... protege a saúde!... Seja Kolynos-ista!*

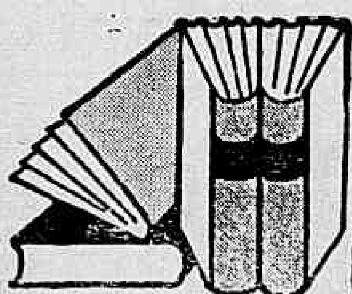


Basta 1 cm na escova seca

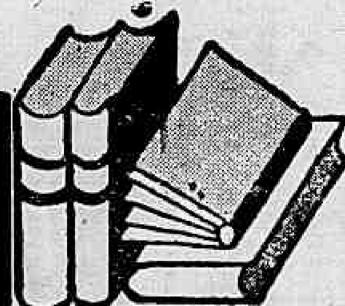
Combate as cáries
Agrada mais
Rende mais

Não há nada melhor que KOLYNOS para combater a cárie dentaria.

K-407-P



SEMANA LITERARIA



NOTICIAS DE SÃO PAULO

Da cidade de Taubaté, Estado de São Paulo, vem o livro de Wilson de Carvalho, "Poemas Desiguais". Trata-se de uma obra de caráter social, onde o seu autor apregoa a bondade, a paz e a comiseração. Livro profundamente humano, "Poemas Desiguais" traz uma apresentação do conhecido poeta e romancista Afonso Schmidt.

★

Domingos Carvalho da Silva pretende publicar, dentro de alguns meses, um novo livro de versos. A obra intitula-se "O Inimigo do Mundo", e parece que terá igualmente um sentido social, tendência do poeta de "Praia Oculta".

★

O "Jornal de Notícias" acabou com a sua magnífica página literária. Segundo noticiário da imprensa, Fernando Góis deixou aquêle matutino, por motivos de ordem pessoal. São Paulo intelectual está com Fernando Góis, escritor e jornalista de reconhecido valor. São Paulo intelectual sente a falta de Fernando Góis no "Jornal de Notícias" e na organização de um suplemento literário digno da tradição bandeirante.

★

O teatro em São Paulo continua uma utopia. No T.B.C., a adaptação de um conto de Dickens, "O Grilo da Lareira", não tem despertado muito interêsse da parte do nosso público. No Auditório Pequeno do Teatro Cultura Artística, Armando Couto e Ludy Veloso estão apresentando "Os inimigos não mandam flores", de Pedro Bloch, para uma platéia de onze pessoas. Enquanto isso, os cinemas esgotam as suas lotações com qualquer fitinha medíocre norte-americana. Perguntamos: Sinal dos tempos?!...

★

E, por falar em Ludy Veloso, queremos registrar aqui a nossa admiração por esta jovem atriz do teatro brasileiro. Pois, não resta a menor dúvida que o ponto mais alto de "Os inimigos não mandam flores" é justamente Ludy Veloso, num papel dificílimo de mulher feia e desajustada, verdadeira revelação artística para todos nós. Ludy Veloso, que há muito tempo acompanhamos, teve a sua grande oportunidade nesta peça de Pedro Bloch. Sua interpretação estêve acima do comum, não sòmente salvando o espetáculo, como nos dando a esperançosa satisfação de têrmos ganho mais uma atriz verdadeiramente digna dêste nome.

★

Um grupo de poetas pretende lançar, em breve, uma nova revista literária, chamada: "Ulisses" (revista de poesia). O diretor responsável será o poeta Reinaldo Bairão. E o comissão de redação será constituída por Ciro Pimentel, Edgar Braga, José Escobar Faria e Vicente Augustus Carniacelli. Ao que parece, o primeiro número surgirá no dia 13 de agôsto, data do terceiro aniversário da Primeira Exposição Paulista de Poesia Ilustrada.

★

Darci Penteado foi convidado para ilustrar livros infantis editados pela Companhia Melhoramentos. O conhecido desenhista ilustrará igualmente a coleção José de Alencar desta mesma editôra.

EDMUNDO LYS

JULIEN GREEN TIROU O "PRÊMIO MÔNACO"

Um júri de escritores belgas, suiços e franceses, outrogou o "Grande Prêmio Literário de Mônaco", no valor de um milhão de francos, instituido pelo príncipe Reinier III, ao romancista Julien Green. Conta-se, a propósito, que o príncipe, admirador do escritor Graham Greene, havia gentilmente insinuado êsse nome para a láurea. O júri ponderou a S. A. que Greene é inglês, ao passo que Green, embora natural dos Estados Unidos, é um escritor francês, destinando-se o prêmio, taxativamente, a escritores franceses. Sua Alteza, com um suspiro de pesar, teria dito: — Está bem... De qualquer forma, é um Green que levará o prêmio, embora lhe falte o "e" final...



A poetisa Susana de Campos, laureada pela Academia Brasileira de Letras, com o prêmio «Olavo Bilac».

★ *CONFERÊNCIA DE MENOTTI — Na série de conferências promovida pelo sr. Simões Filho, no Ministério da Educação, tivemos oportunidade de ouvir a palavra de Menotti del Pichia, que contou os episódios principais da "Semana de Arte Moderna" de São Paulo, em 1922, a primeira manifestação de nosso modernismo literário e artístico. Menotti intitulou sua palestra — "Uma Revolução sem Sangue" e foi aplaudidíssimo.* ★ *GODOFREDO FILHO ESTÊVE NO RIO — Entre os gratíssimos emissários de seu lirismo que os Estados costumam mandar ao Rio, tivemos, agora, o poeta baiano Godofredo Filho, um dos mais expressivos valores da poesia moderna do Brasil. O laureado cantor da cidade do Salvador, matou saudades da paisagem e dos amigos cariocas, entre êles muitos também baianos, falou de poesia e de beleza, foi muito festejado por todos nós que o admiramos e o queremos com o afeto que êle merece, recitou versos e prometeu-nos um livro para breve. Já regressou, depois de poucos dias com seus amigos, dias (e algumas noites) que nos pareceram muito curtos, tanto foram alegres e agradáveis.* ★ *"SILHUETA" — Juiz de fora acaba de pôr em circulação mais uma revista — "Silhueta", que aparece com aspecto simpático e manifesto "élan" para a vitória. Dirigida por José Leonardo de Meira Fernandes e Phintias Guimarães, jornalistas de boa cepa, com agradável feição gráfica, muito seleta de colaboração, fartamente ilustrada, "Silhueta" vem preencher a famosa lacuna de que se ressentia a imprensa da "Barcelona mineira", como batizou Ruy a cidade do Paraibuna.*



DULCINÉA PARAENSE

LETRAS MINEIRAS

O poeta Nilo Aparecida Pinto teve a oportunidade de sentir o quanto é querido e admirado nos círculos intelectuais e sociais de Belo Horizonte, por ocasião de seu aniversário natalício, transcorrido em 25 de julho último. Ao autor de "Música da Fonte" foi prestada uma homenagem, que constou de um "drink" na Confeitaria Tirolesa. Estiveram presentes numerosas figuras das letras de Minas, senhoras e senhorinhas da sociedade belorizontina. Todos os oradores destacaram Nilo Aparecida Pinto no cenário da poesia nacional, como um de seus valores mais autênticos e representativos.

★

O poeta Emílio Moura vai lançar uma coletânea de poemas, que está sendo aguardada com muito interêsse. Trata-se de um volume enfeixando três livros dêsse notável poeta mineiro: "Cancioneiro", "Canto da Hora Amarga" e "Espelho e a Musa". O novo livro de Emílio Moura, uma grande voz da nossa poesia, está entregue às Edições João Calazans.

★

O poeta Djalma Andrade foi convidado para pronunciar uma conferência em Juiz de Fora. Sua palestra sôbre "Trovadores Brasileiros" foi vivamente aplaudida. Djalma Andrade continua em forma, para dignificar as letras pátrias.

Não podemos deixar de ressaltar o plano cultural que o prefeito Olavo Costa, daquela cidade, vem pondo em execução, convidando intelectuais de renome para incentivar ainda mais o gôsto pelas artes, na cidade de Belmiro Braga.

★

Regressou ao Rio de Janeiro, a declamadora patrícia, Dulcinéia Paraense que, nesta capital, realizou um recital de Declamação, marcando uma época, nos meios artísticos e sociais. Patrocinaram o recital poético de Dulcinéia, o vice-governador do Estado, Clóvis Salgado, e sua senhora, d. Lia Salgado, o maior soprano lírico de Minas Gerais.

★

A compositora mineira Angélica Garcia de Paiva, homenageou, em sua residência, a pianista patrícia Vitalina Vital Brasil, com uma hora lítero-musical. Compareceram a essa festa de arte figuras de destaque do meio social e artístico de Belo Horizonte. A homenageada, que descende de uma das mais ilustres famílias do país, realizou no Teatro Francisco Nunes, um concerto de piano coroado com os mais calorosos aplausos.

POEMA DA MADRUGADA

Dirceu Quintanilha

É nesta hora noturna
De inexistentes coisas,
— Nenhum relógio parando o meu [destino,
A rua deserta irmã gêmea de tanto [sofrimento —;
Que meu pensamento te envolve
Suave, em tentáculos mornos de [esperas.

Agora, sim:
— Da tua existência em mim,
Restam-me apenas
Êstes braços vazios
E a angústia da noite acordada.

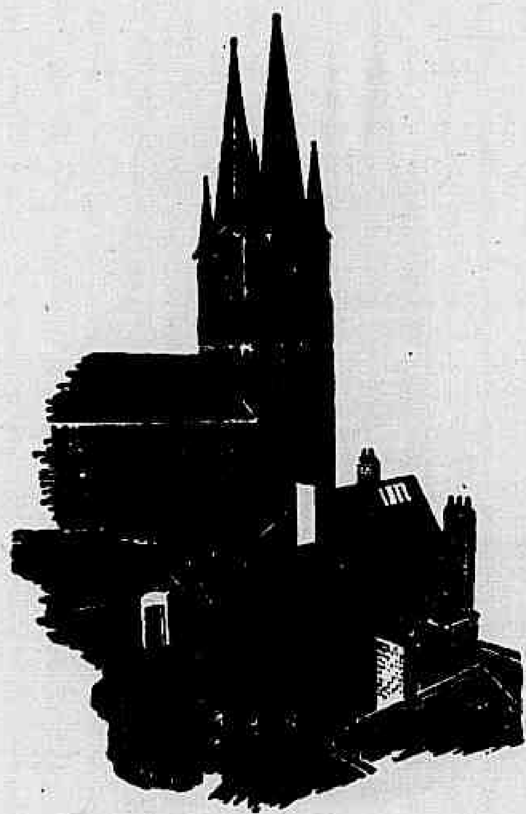
Hostil silêncio na hostilidade calma
Dos objetos,
Desejava amar, neste instante,
O perdido tempo dos desencontros.

Sofrer calado, bálsamo e fogo,
A amargura maior em te não ter.

Rua deserta, perdida no mundo,
Das calçadas nascem murchas
As flores ofertadas.

Rosas ou cravos
Da nossa solidão.

(Inédito)



INICIAÇÃO GREGA

Reynaldo Bairão

Existe a terra redonda
e o sacrifício dos inocentes
ressuscitados em dor.
Há trezentos e dois cavalos brancos
escorrendo pelas paredes do quarto [vazio,
oh a vida sem nenhuma sensação!
Enquanto existe o poeta, criança e [louco,
berrando mentiras na praça silêncio,
existe o vaidoso coberto de flores.
Existe o covarde, abraçando a vida.
Existe o neófito, contemplador de [coisa nenhuma.
Existe a própria Virgem, deixando a [Noite
para nunca mais.

(Do livro inédito: "O Tempo do Cansaço")

Fora do Prelo

MEDICINA E MÉDICOS — Waldemar Berardinelli — José Olympio — Rio. Se quisermos adotar a pitoresca denominação encontrada por Manuel Bandeira, a propósito de poetas, poderemos dizer que o professor Waldemar Berardinelli é um «escritor bissexto».

Isto, no que toca à literatura gratuita, sòmente, porque, como mestre da moderna medicina, o professor Berardinelli é um publicista de extensa e significativa obra, versando problemas da ciência.

«Medicina e Médicos», embora suas relações com a medicina é, antes, um livro de escritor que, valendo-se dos conhecimentos científicos, enriquece suas observações e suas idéias, no campo literário. Antes de tudo, o que temos aqui é o escritor, voltado para assuntos de interessantes possibilidades e, não, o cientista, abordando o assunto por uma imposição do próprio estudo e de sua divulgação. «Medicina e Médicos» possui principalmente qualidades literárias. E nos traz, versando um tema de seu íntimo conhecimento, o escritor que procura, no prazer desinteressado da arte, um motivo para dilatar o seu campo de ação, ao mesmo tempo que ilumina com suas luzes, a visão de pequenos mas significativos problemas literários.

Iniciando o livro com dois estudos curiosíssimos sôbre a ciência médica e seus cultores, vistos na obra de escritores, o professor Berardinelli nos revela, quer em nosso Machado de Assis, quer em alguns clássicos franceses, ângulos pitorescos e vivos que de muito servirão à história literária. Em seguida a essas páginas tão originais como elucidativas, o livro enfeixa uma série de estudos sôbre assuntos médicos ligados à vida social, coletivos ou individuais, tratando, por exemplo, da relação entre os pecados e as glândulas de secreção interna, sôbre o barulho urbano ou os problemas dos quarentões, sôbre a obesidade e os falsos cardíacos.

Escrito com a elegância de estilo e a boa prosa em que Waldemar Berardinelli sabe animar os assuntos mais pesados, aqui com a cumplicidade do pitoresco dos seus temas, «Medicina e Médicos» representa uma «reussite» literária das mais expressivas, um livro que se lê com grande deleite espiritual e que é, ao mesmo tempo, de grande utilidade, por sua inteligente contribuição no campo da medicina, pròpriamente, das letras e dos problemas, por assim dizer, médico-urbanos, ou médico-mundanos, como quisermos entender.

★

CÔMOROS DE AREIA — Elias Karam — Centro de Letras do Paraná — Curitiba. Em edição do Centro de Letras do Paraná, aparece-nos esta coletânea de crônicas de Elias Karam, premiada em primeiro lugar no concurso de livros do Centro, em 1949, iniciativa do Clube Curitibano, merecendo o maior louvor.

Estas crônicas versam vários assuntos, fixando, desde as impressões paisagísticas e os quadros da natureza, passando pelos momentos de sensibilidade e intimismo, até à crítica e ao louvor de obras e artistas que comoveram o escritor. Elias Karam escreve com espírito, em estilo simples e agradável, êsse difícil estilo da crônica que é o comentário poético, irônico ou piedoso do dia, dos acontecimentos e das figuras que passam.

«Cômoros de Areia», título inspirado em uma tela do pintor paulista Campos Ayres, é um desfile inteligente de horas e de nomes inesquecíveis, recapitulando, na brevidade de suas manchas, grandes momentos de emoção e de beleza. E', como acontece nas páginas dos cronistas de vocação, obra de estética, de poesia, de crítica e de fantasia, elementos que se fundem e que nos dão um livro que é uma obra de afeto e de arte.

★

OUTROS LIVROS Com uma segunda tiragem de «Imagem das Horas», anteriormente publicado, Cécil Meira nos dá, neste volume (Pongetti) que encerra ainda dois outros livros — «Ressurreição e Vida» e «Rota Obscura» — uma colheita de pensamentos filosóficos, de variado assunto, gênero em que o autor foi já consagrado pela crítica e que revelam uma segura personalidade de pensador, seguro do meio técnico em que vasa as idéias e os conceitos que lhe inspiram a vida e os acontecimentos.

★

Anuncia-se para breve (Editôra A Noite), um novo livro da escritôra Lucília de Figueiredo, há pouco falecida. Trata-se de uma série de estudos musicais, enfeixado, o livro, os trabalhos que ela apresentou em jornais e revistas ou como comentários a programas musicais da Rádio Ministério da Educação. Êsses trabalhos de Lucília de Figueiredo se contam entre o que de melhor, no sentido da vulgarização da música, tem sido escrito no Brasil.

★

POEMA DO ESQUIZOFRÊNICO — Flávia da Silveira Lobo — Pongetti — Rio. Consagrada pelo seu talento poético, em livros anteriores, Flávia da Silveira Lobo apresenta-nos agora êste poema de profundos acentos dramáticos, onde busca interpretar o mundo, misto de real e imaginário, de um louco. Seus poemas, onde a fôrça emocional supera os enigmas dêsse universo doloroso e denso de notações líricas, dão-nos a impressão de um documentário registrado com um extremo sentimento de poesia e, ao mesmo tempo, com um perfeito domínio técnico do verso vasado que é, todo êle, em uma forma de prodigiosa conveniência para o assunto. A sensação de vago, de impreciso que colhemos a cada página dêste volume, parece-nos um achado independente do artesanato, da poética, uma descoberta do maior interêsse, por sua correspondência perfeita com o assunto. Uma obra pungente e bela.

★

FARANDOLA — João da Silva Correia — Inquerito - Lisboa Por intermédio da Livraria Antunes, recebemos êste livro de contos do autor do romance «Porta Aberta», cujo recente aparecimento foi já comentado neste registro bibliográfico.

«Farândola» é uma obra antiga, em que o autor reuniu alguns contos de magnífica fatura técnica, naquela linguagem escorreita e naquele estilo comunicativo, simples e forte, que compõe o seu vigoroso meio expressivo.

Os contos de «Farândola» encerram páginas de sápido regionalismo, dando-nos agrestes e coloridas paisagens de Portugal, fazendo desfilar à nossa frente tipos e grupos palpitantes de vida. João da Silva Correia registra o pitoresco sem fazer dêle o núcleo de suas histórias que valem pela fabulação, pelos ambientes nítidos, ricos de detalhes, como pelas criaturas que põe a andar, a falar, a gesticular, a viver. Poderá ser que tenha, aqui, se deixado levar um tanto mais pelo caricatural e pela «charge». Mas a macieza dos seus traços dá tanta doçura ao caricato, quanto o humor de suas ironias graças aos «sketches» vivazes e cheios de substância emocional e poética que êle compõe.

Neste livro, estamos em face de um fabulador capacíssimo, de um escritor que sabe servir-se do talento inventivo, da acuidade psicológica e do espírito de observação, como de seus miraculosos dons descritivos de paisagista.

O LIVRO ILUSTRADO



Ilustração de Pernambuco de Oliveira para o livro «Poemas», de Anna Amélia, que acaba de aparecer em edição da Casa do Estudante do Brasil.

Com Eletricidade...
- tudo é mais Fácil!







Economize
Eletricidade!



SAÚDE DO BEBÊ

A CEFALÉIA NA INFÂNCIA

DR. SABOIA RIBEIRO



As cefaléias (dores de cabeça) são um padecimento pelo qual à miude o pediatra é solicitado, reconhecendo variadas causas que cumpre remover no sentido de uma cura satisfatória, integral, muitas vêzes possível. No menino de peito, sua manifestação oferece certas características, e em primeiro lugar está em que, geralmente, traduzem uma afecção orgânica, o que faz que, ao mesmo tempo, outros sinais existam de sofrimento físico ou de doença.

O tumor cerebral, a meningite, a encefalite, estão no número das moléstias a que acompanham as cefaléias. A criança assume, então, uma atitude que mostra seu sofrimento e inquietação, trazendo as mãozinhas à cabeça a todo momento, afundando os dedos pela cabeleira, a fronte enrugada, ou chorando com desespêro. Nisto, às vêzes, vão até ao ponto de arranhar-se no rosto, com as unhas. O sintoma é devido, principalmente, à compressão, assim do cerébro, como das meninges, motivada pelo processo orgânico em desenvolvimento.

Nos meninos de poucos meses essa compressão aparece na hipertensão manifesta ao nível da moleira, a qual está fortemente tensa e abaulada. Uma causa que pode estar presente é a infecção sifilítica, umas vêzes denunciada por outros sinais externos, outras vêzes apenas demonstrável pelo exame do líquido céfalo-raquídio.

Quando uma criança, suspeita de sífilis, dá de chorar, a miúde, sem que se encontre um motivo que explique a causa do pranto, pode-se supor a existência da cefaléia, que cumpre despistar pelos exames. Na meningite tuberculosa a cefaléia se traduz por um grito agudo e súbito, que interrompe, aos quandos, o estado de sonolência da criança.

Não se conclua daí, porém, que tôdas as vêzes que a criança chora é que se trata de uma afecção orgânica, de localização cerebral ou meníngea. Sobretudo as afecções do ouvido e as cólicas devem ser pesquisadas com cuidado.

Nas primeiras (otite média) provoca-se um acesso de dor fazendo-se a compressão do trazo (ponto em frente ao lóbulo da orelha) ou um leve repuxamento do pavilhão da orelha.

Nas dores devidas às cólicas há, ao mesmo tempo, passado dispéptico (diarréias), estando o ventre distendido pelos gases.

Na idade escolar a dor de cabeça reconhece o caráter puramente neuropático, sem lesão, em grande número de casos.

Noutras vêzes(de certo a maioria dos casos) a cefaléia é antes motivada por uma causa ocular, ou pelas vegetações adenóides.

Eis por que se torna imprescindível um exame com o especialista de olhos e de garganta, em todos êsses casos.

Uma criança com passado de otite supurada está particularmente sujeita, mais tarde, a uma forma grave de cefaléia.

As crianças de tipo franzino mostram uma certa predisposição às cefaléias.

Acompanhadas de crises de tonturas e vertigens, o caráter constitucional é bem provável, bem como quando cessam com os vômitos. Um exame que não deve faltar, nos casos suspeitosos, é o de raios X e do líquido céfalo-raquidiano, pois em crianças mais idosas, as dores de cabeça podem ser devidas a uma meningite tuberculosa, aliás, um sinal precoce, permitindo, hoje, um tratamento profícuo pelos antibióticos modernos (estreptomicina, etc.). Finalmente, na idade escolar, a simples fadiga mental pode levar à cefaléia. Mas para chegar a essa conclusão é necessário, sempre, excluir, com critério, as outras causas que podem estar presentes, o que exige exame cuidadoso pelo médico.

CORRESPONDENCIA DAS MÃES

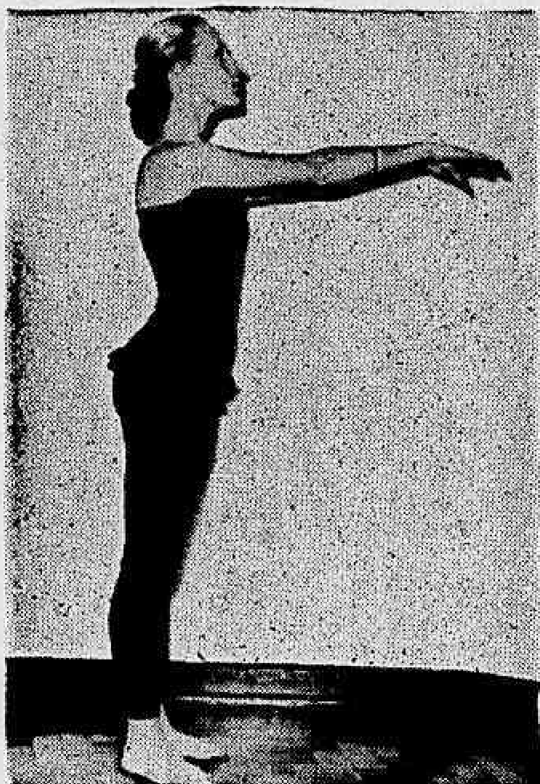
E. R. (Nesta) — Quando a criança amamentada ao selo não evacua diàriamente, ou dia sim dia não, tanto pode ser uma falsa prisão de ventre por insuficiência do leite, como devido ao leite ser muito gordo. Quando é por insuficiência do leite, o pêso da criança está parado; no outro caso isto não se dá. No leite pouco é preciso dar uma ração supletiva, quando do leite muito gordo é preciso após as mamaduras dar água com bastante açúcar (algumas colheres), ou entre aquelas. Na prisão de ventre da criança é ainda responsável, às vêzes, a carência do complexo B; suco de frutas entre as mamaduras é recomendável.

S. V. (Nesta) — No segundo trimestre prepare as mamadeiras com uma e meia colher-de-chá de farinha e outro tanto de açúcar, que levará ao fogo 5 minutos, e leite 120 gramas. Sendo o leite em pó, desmanchar 4 e meia colheres-de-chá bem cheias em 120 de água filtrada e fervida, que juntará ao mingau preparado como acima. Horário de 3 em 3 horas. Dá uma vez suco de frutas (50 a 100 gramas).

A CULTURA FÍSICA DA MULHER

(III) — A IMPORTÂNCIA DA GINÁSTICA FEMININA

Pela Prof. EDITH TOROK



Posição errada da coluna vertebral

PARTINDO do principio de que pais sadios geralmente têm filhos sadios, podemos dizer que a melhoria das faculdades físicas tanto dos homens quanto das mulheres influi diretamente no aperfeiçoamento físico das gerações posteriores. Aliás, uma das finalidades da cultura física, é formar gerações fortes sadias e disciplinadas. As meninas portanto, deviam começar, já na idade escolar, a prática de ginástic respiratória especial, diferente en parte, da ginástica masculina.

Por que deve ser a ginástica femi nina diferente da masculina!?

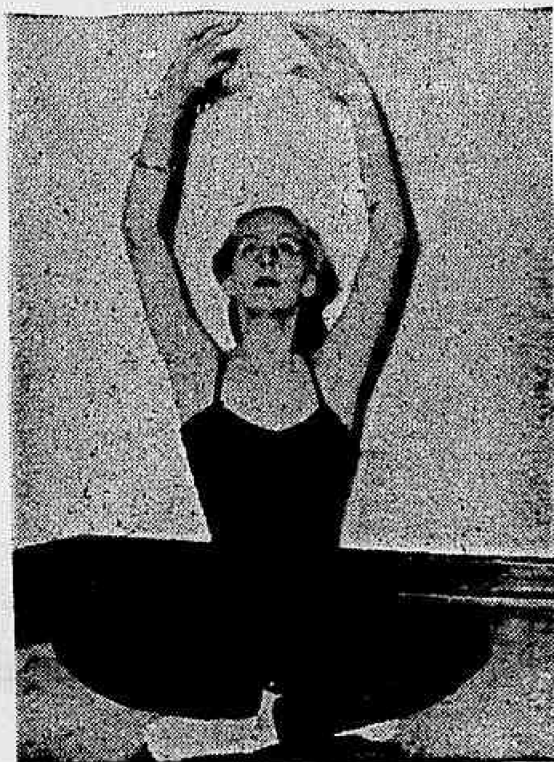
Porque enquanto os homens prati cam exercícios físicos com o objetiv de adquirir maior resistência e vigo físico, as mulheres devem, além do fatores citados preparar seu corp com exercícios adequados e especiais a fim de melhor corresponderem à cansativas exigências físicas do pe ríodo da maternidade; isto, para qu após o nascimento dos filhos, não f. quem vestígios desagradáveis.

Durante o perodo da gestação o útero aumenta muito de volume e pêso, fator, que contribui para o desequilíbrio do corpo, pelo deslocamento do centro da gravidade; a bacia inclina-se para a frente com o pêso do útero, forçando e dilatando as paredes abdominais; a coluna vertebral, que deve suportar o pêso do corpo, curva-se demasiadamente para a frente a altura das cinco vertebras lombares, enquanto que na região das 12 vertebras toráxicas — dorsais — compensadoramente ela se inclina para trás. Isto resulta a posição tão característica das gestantes.

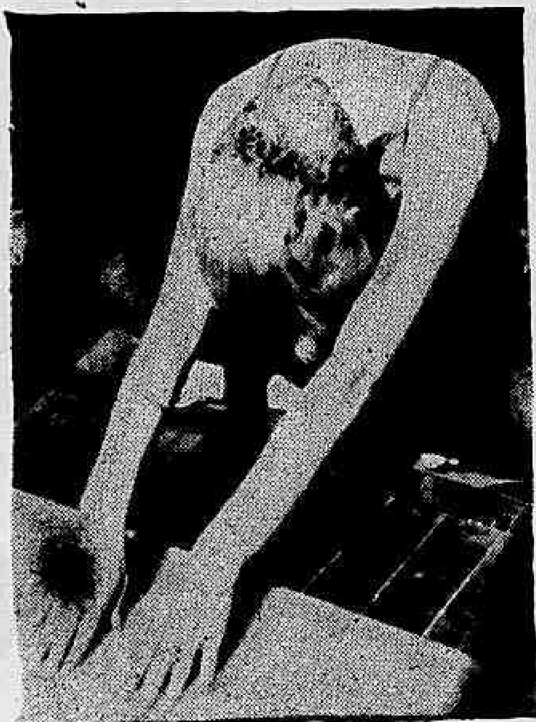
A boa posição do ventre depende da posição da coluna vertebral. Por êste motivo, é necessário que por meio da ginástica especial, desenvolvam certos músculos abdominais e da coluna vertebral e da bacia, adotando uma postura que evite a demasiada deformação do corpo, conforme ensina o método **«Mensendiek»**.

Infelizmente, são raras as senhoras completamente sãs; ou sofrem de complicações digestivas, ou perturbações nervosas, frequentemente sintomas provocados pelas maléficas dietas que seguem sem orientação médica na ânsia de emagrecer, **em vez de tentar um tratamento glândular e alimentar bem orientado**, acompanhado de ginástica. A ginástica, porém, não de... se... somente com um meio de **emagrecer ou engordar; tôdas as mulheres que tem possi**bilidades e tempo deveriam praticá-la, de preferência com a orientação de professores especializados, pois **a ginástica** mal executada **pode ter resultados desastrosos.**

EXERCÍCIOS DE RESPIRAÇÃO



Respiração



Expiração.

POMADA MINANCORA



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

O melhor



ARCHMEDES

CIA. T. JANER

COMERCIO E INDUSTRIA

RIO DE JANEIRO — Av. Rio Branco, 35 — 11.º/12.º andar

SÃO PAULO — Rua Fabião Filho 50 — 12.º andar

FILIAIS EM:

B. Horizonte, Belém, Pôrto Alegre, Recife e Curitiba — Agentes em todos os Estados

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos 330 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no principio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120. — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembolso postal com o autor — Caixa Postal 649 São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

TERÊSA

(A HISTORIA DE UMA NOIVA)

ELENCO:

Teresa	PIER ANGELI
Philip	JOHN ERICSON
A mãe de Philip	PATRICIA COLLINGE
O pai de Philip	RICHARD BISHOP
Susan	PEGGY ANN CARNER
A mãe de Teresa	AVE NINCHI
Sargento Dobbs	RALPH MEEKER
Gris on	BILL MAULDIN
Mário	FRANCO INTERLENGHI
Sargento Brown	EDWARD BINNS
Professor Croce	ALDO SILVANI

Produção METRO-GOLDWYN-MAYER — Dirigida por FRED ZINNEMANN — Produzida por ARTHUR M. LOEW





Seu nome é Philip Quas — e sua alma vive em constante conflito. Mobilizado, o rapaz é enviado à frente de batalha, na Itália, quando a guerra na Europa se encontra em sua fase final. Um dia, após ser salvo pelo sargento Dobbs quando se aproximava do acampamento na diminuta cidade de Livergnano, escapando ao fôgo inimigo, entra em contato com a tropa ali reunida e vem a conhecer Teresa, uma jovem de 16 anos, em casa de quem passa a noite. Tudo começou com uma troca de algumas ironias: Philip, achando graça do "inglês" da moça; Teresa, rindo-se, embora discretamente, do desastrado "italiano" do soldado. Mas a simpatia quando chega com vontade não dá importância a pirracinhas e o fato é que uma atração mútua nasceu decididamente entre aquêles dois.

Certa vez, encontrando a moça vindo da fonte, Philip sentiu-se mais à vontade para falar-lhe, ofereceu-se para carregar o balde e convidou-a para um passeio. Teresa não quis ceder logo à sujestão daquele soldado um tanto "atirado", mas o certo é que êle lhe inspirava confiança — "não era como muitos outros, uns brutos e insolentes" — e deu o sim. Palestraram e se compreenderam — e aí então já era mesmo amor o que ambos sentiam.



Nessa mesma noite Philip segue com uma patrulha a fim de apanhar alguns alemães de surprêsa à margem de um rio. Philip, exausto, fraqueja e desmaia em meio da refrega, enquanto que Dobbs, seu melhor amigo, tomba para sempre. Philip é carregado para o hospital, onde passa um mês. Saudoso, seu maior desejo é rever Teresa — a quem volta a ver, feliz, numa noite tempestuosa, pernoitando novamente em sua casa. Após recolher-se, Philip ouve passos de alguém que desce as escadas como que a mêdo. É Teresa, que vem verificar se de fato o rapaz está dormindo. Envergonha-se ao ver que Philip está desperto. Beijam-se no meio da noite, e Teresa, com receio de seus própios sentimentos, volta ao seu quarto — a um tempo assustada e feliz. O que era o amor, afinal! Quanta ansiedade, quanta angústia e ao mesmo tempo que bem-estar, que bôa sensação envolvendo o coração tôdo!

Termina a guerra. Chegou o dia de voltar a pensar no futuro, de fazer projetos, de procurar concretizar os sonhos bonitos, de amar sem receio, enfim.

— Você quer casar comigo, Teresa? — perguntou Philip.

Ela não queria outra cousa, mas não respondeu logo. Para êle — horas de ansiedade, cruel ansiedade. Para ela, algum sofrimento também — porque queria muito dizer-lhe que sim, e ao mesmo tempo tinha receio do passo que ia dar. Afinal, êle era tão diferente... Mas disse sim, afinal — que outra cousa não podia dizer seu coração. E casaram-se, sentindo-se um tanto encabulados, parecendo crianças assustadas, na igrejinha da colina, uma igrejinha que parecia feita de encomenda para abrigar uma noiva simples, pequena e pura como Teresa.

Um dia Philip recebe ordens de embarcar para os Estados-Unidos — precisa seguir





quanto antes, essas ordens oficiais não podem atender a razões e anseios do coração da gente. Philip segue imediatamente e Teresa deverá aguardar o chamado do Exército, a fim de ir juntar-se ao marido.

Passam, vagarosamente alguns mêses, não muitos, felizmente — e chega o dia do embarque de Teresa. Ao aportar o navio no cais de New-York, Teresa não tem olhos senão para procurar o marido. Que custo encontrá-lo — mas lá está êle! Rumam para a casa dos pais do jóvem, situada na zona proletária da cidade gigantesca, onde moram o velho casal e Susan, irmã mais moça de Philip.

Teresa experimenta então tristezas iguais às de muitas outras moças, Teresas ou Marias: a mãe de Philip é ciumenta, multiplica para Teresa as situações de vexame e aborrecimento, mas Teresa sente que deve fazer-se forte e lutar pela posse do rapaz. Acabrunhado pelo complexo de inferioridade — cuja causa êle julga ser seu pai, fraco de indole — Philip não consegue arranjar emprêgo, e certa vez, ao fazer um pic-nic com a familia, na praia, não consegue dominar seus recalques e tem uma explosão de gênio. Sai correndo pela escuridão, deixando Teresa em pranto.

Naquela mesma noite Philip chega bêbedo ao apartamento e ouve de Teresa um ultimatum: ou êle foge com ela daquela casa, onde sua mãe é uma constante ameaça à sua felicidade, ou ela o fará sòzinha. Philip luta consigo mesmo — e finalmente decide não deixar a casa — não obstante seu grande amor à esposa.

Teresa desaparece no torvelinho da grande cidade. Philip procura-a como um desvairado, considerando, afinal, que a causa de todos os seus fracassos é a influência que recebe de seus pais, ao recorrer à Administração dos Veteranos de Guerra em busca de orientação. Muda-se, um dia, e pouco a pouco se vai adaptando à vida.

Sofria muito, sentindo falta de Teresa — mas a verdade é que cada dia que passava fora da casa dos pais, trabalhando em seu novo emprêgo, sentia mais confiança em si mesmo. A idéia que fazia a seu próprio respeito era muito melhor agora. O espêlho não mais refletia um rosto fechado, angustiado.

Mas onde estava Teresa? Onde reencontrar seu amor? E Philip passava todo o tempo disponível à sua procura.

Numa tarde fria, Mr. Quas apareceu para visitar o filho. Seu olhar parecia conter uma grande novidade.

— Teresa precisa de você. Está no Bellevue Hospital", — disse ao filho. Internou-se esta tarde. Suportou perfeitamente as dores do parto.

Caminharam silensiosos e apressados.

— Teresa disse onde estéve? — perguntou Philip, afinal.

— Trabalhando num armazem de secos e molhados de um italiano, e morando num quarto em algum lugar de Brooklin.

Philip sentiu uma onda de culpa invadí-lo. Entrou uma enfermeira, os olhos de Philip fizeram uma pergunta muda. "O senhor verá seu filho amanhã, disse a enfermeira. Sua esposa está passando bem, fique calmo.

Philip caminhou com o pai até ao elevador.

— Ah, quase me ia esquecendo — disse Mr. Quas. Aqui está uma

(Cont. na pág. 20)



PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — QUE SIGNIFICA NEOLOGISMO:

Êrro de sintaxe?
Estudo científico?
Palavra nova?

2 — QUAL O MOTIVO DE CHAMARMOS «BELCHIOR» A ESTABELECIMENTOS QUE VENDEM ARTIGOS USADOS:

Porque se chamava Belchior o fundador de uma casa dessas, no Rio?
Por ser de origem judaica?
Por significar, em grego, cousa usada?

3 — APRESENTE UM SINÔNIMO DE MATE CHIMARRÃO:

Amargo?
Pioia?
Pandorga?

4 — QUAL A SIGNIFICAÇÃO ETIMOLÓGICA DA PALAVRA SEMINÁRIO:

Estabelecimento eclesiástico?
Lugar de oração?
Sementeira?

5 — ONDE SE TRAVARAM AS BATALHAS DOS GUARARAPES:

No Rio Grande do Sul?
Em Pernambuco?
Na Bahia?

6 — QUE NOME SE DÁ, NO RIO GRANDE DO SUL, AO ARMAZÉM SÊCOS E MOLHADOS:

Querência?
Bombachas?
Boliche?

7 — DE ONDE NOS VEIO A PALAVRA «MASCATE»:

Do grego?
Do nome de uma cidade asiática?
Ou é corrutela de palavra italiana?

8 — EM QUE ANO FOI DESTRUIDA POR UM INCÊNDIO A BASILICA DE S. PEDRO, EM ROMA:

1823?
1180?
1565?

9 — QUEM FUNDOU NO BRASIL A «ORDEM DA ROSA»:

D. Pedro II?
D. João VI?
D. Pedro I?

10 — QUAL A CIDADE DO BRASIL QUE TEM POR DIVISA, «NON DUCOR DUCO» (Não me conduzem, conduzo-me):

O Rio de Janeiro?
Pôrto Alegre?
S. Paulo?

11 — COMO DEVEMOS PRONUNCIAR O NOME DA MOEDA INDIANA:

Rupiá?
Rupía?
Rúpia?

12 — QUAL A LINGUA SAGRADA DO BRAMANISMO:

O grego?
O aramaico?
O Sanscrito?

13 — QUE NOME TEVE, PRIMEIRAMENTE, A CAPITAL DE SANTA CATARINA:

Destêrro?
Laguna?
Estreito?

14 — QUE QUER DIZER «SARABANDA»:

Grupo fugitivo?
Antiga dança popular da Espanha?
Bando de aves aquáticas?

15 — QUE SIGNIFICA O VERBO «SATISDAR»:

Enfrentar o perigo?
Saltar barreiras?
Ou dar fiança?

(Respostas na pág. 50)

AVE MARIA

(Cont. da pág. 36)

A tosse de Joca, porém, não passara jamais.

D. Cândida tinha saudade da tosse do marido. Fazia-lhe falta aquêle som doméstico, alta hora da noite.

Uma vez êle a chamara para lhe dizer alguma coisa. Acabara de tossir e ainda arquejava. Sua voz soara impreciosamente:

— Cândida, você está acordada ?

— Sim. Que é ?

— Viu os amigos do Chiquinho ? Sòmente rapazes ricos. Êle vai se formar, Cândida. — E depois duma pausa — Acha que fizemos bem ? Não sei não. Eu ando receioso, minha velha. Já estou acabado, sinto não assistir à sua gloria. E ao mesmo tempo, dou graças a Deus por isso.

D. Cândida não sabia o que queria dizer o marido. Mas não conseguira mais dormir.

— Oh ! Chiquinho, seu coração e tão estreito assim ? Há um número limitado para o seu amor ?

D. Cândida suspira resignada. Seria capaz de amar a tôdas as pessoas do mundo, com o mesmo carinho.

Mas o filho não ia vê-la, às vezes ? Um segundo apenas e falava-lhe de longe, como se tivesse mêdo de tocar-lhe o corpo, as mãos. Queria que êle ao menos pusesse o braço em suas costas, chamasse "mãezinha"...

Antigamente fazia isso. E naquele tempo ela tinha as mãos grosseiras e a roupa encardida. Chiquinho não lhe tinha pejo.

— Mãezinha, não trabalhe tanto. Você morre e o que será de nós ? Não quero nem pensar.

Precisava trabalhar; precisava lavar, costurar, cosinhar, se não, como Chiquinho ficaria juntos aos colegas ? Com a roupa amassada, a camisa suja ? Não, Chiquinho, não ?

D. Cândida fôra feliz na sua infelicidade.

Um dia Joca chegara mais abatido. Sentara-se na cadeira mas não conseguira dormir. Chamara a mulher;

— Eu estou sentindo uma coisa ruim, cá por dentro...

— Quer um cházinho de laranja ?

E de repente pegara-lhe as mãos com fôrça, os olhos arregalados, a bôca como que entravada.

— Cândida, me acuda !

Chiquinho não estava em casa. D. Cândida não sabia o que fazer. Pedira chorando à vizinha de baixo para chamar o médico.

Joca acalmara-se. Fitava-a com os olhos semi-cerrados, afagando-lhe os cabelos.

— Ah ! Cândida, Chiquinho ainda vai demorar muito ?

E morreu calmamente, mansamente como sempre vivera.

O médico chegou atrasado. D. Cândida caminhou aérea para a varanda. Sentia um entalo na garganta, uma vontade enorme de acabar-se, sumir-se. O rádio do vizinho começou a tocar a Ave Maria. A Ave Maria de Gounot.

Joca não vira Chiquinho formar-se, nem o vira casar-se. Já não o reconhecia. Agora êle era o Dr. Francisco de Azevedo.

— O nosso Chiquinho é gente grauda, Joca.

D. Cândida chorou muito, lembrando-se do marido e da sua tosse. Depois começou a ouvir aquela música leve, como num sonho. Era a Ave Maria. E uma agonia que não sabia explicar, apossou-se do seu coração. Gritou pela empregada.

— Chame meu filho.

A empregada dali a pouco voltou para dizer-lhe que o Dr. Francisco havia saido para o teatro.

— A senhora quer alguma cousa ?

— Não, deixe estar.

A agonia passou logo. D. Cândida ficou sòmente a ouvir a música e uma tossezinha seca, familiar, que se lhe ia aproximando dos ouvidos. Ergueu a cabeça um pouco, contraindo o rosto pelo esfôrço feito e só então pôde vêr. Seus olhos brilharam remoçados. Sorriu. Êle também sorriu.

— É você, Joca ?

— Sim, minha velha, vamos ?

A CANETA . . .

(Cont. da pág. 22)

Quando Sérgio, de volta, correu para pegar o bonde, não viu o ônibus. E êste passou em cheio em cima de seu corpo inocente. Foi horrível ! Quando voltei a mim, estava junto da sargeta. O corpo de Sérgio ali ainda permanecia, ensanguentado, roupa rasgada. Antes eu tivesse morrido também, dado o sentimento profundo que senti.

Os objetos de sua bôlsa se espalharam na rua. Eu havia rolado para longe. E ninguém notava minha presença, tão insignificante e sem valor! Sentia-me aniquilada pelo ocorrido. Depois pensei na dor daquela mãe que ia ficar só, em companhia de um ébrio. Ela fêz muito bem em matá-lo, não acha?

O cadaver foi retirado. Tudo voltou à normalidade. Após algumas horas eu fui apanhada por um vagabundo qualquer. Minha situação decresceu. Êle morava num arrabalde distante, imundo, suspeito, onde só morava gente desgraçada. Sentia-me infeliz. Depois da vitrina na Avenida, residência de Sérgio, ir parar ali naquele antro! Que destino funesto! Nunca conhecera ambiente tão sórdido. Como me acostumaria?

Êle, o vagabundo, entrou num bar e pediu alguma coisa para comer. Estando sem dinheiro, deixou-me como pagamento.

Marido e mulher eram donos do bar. Ela me pegou, indiferentemente, jogando-me em cima do balcão: "Serve para fazer contas" — disse.

Que dias cruéis! Que saudades do tempo em que eu ia com Sérgio à escola! Que mundo se abria para mim ao escrever aquêles trabalhos de colegial ! Quanto aprendi !

Tempos depois notei que algo ocorria com a dona do bar. Um freguês conversava com ela freqüentemente. Mostrava-se doce, meiga e eu, entre os seus dedos, era como uma brincadeira, um disfarce. Alívio para o seu nervosismo e suas emoções. Passava-me de uma mão para a outra. Rabiscava qualquer coisa no papel à-toa, e ria-se, quando êle, tomando-me entre os dedos, escrevia no papel: "Laura, você está adorável ! Não posso mais viver sem você !"

Eu me sentia revoltado. Servir para aquela brincadeira de amor! Depois ela começou a ausentar-se do bar. Enganava o marido. Perguntou aonde ela ia e findou ameaçando-a. Daí em diante a mulher não saiu mais, pois habitavam no próprio bar. Tornara-se séria, triste, indiferente.

Eu via o amante entrar diàriamente, comer, olhar para ela e sair. Notava ânsia terrivel em seu olhar. Como é forte o domínio do amor! Não se podiam falar. Ambos sofriam. Êle começou a fazer-lhe bilhetes que eram entregues pelo "garçon". Ela respondia da mesma maneira. Eu me sentia trêmula e nervosa ao rabiscar aquelas palavras tão quentes e apaixonadas. E um novo encontro foi combinado entre êles. Os apaixonados, todos sabem, se tornam cegos. Têm a ingenuidade de pensar que ninguém está observando. Por que é sempre assim? Por que não há cautela que sirva quando dois se amam? Não sei a razão. Eu, contudo, farejava no ar qualquer coisa. De minha permanência no bar, devia resultar alguma tragédia. Era minha sina. O amante entrou, como sempre, cabisbaixo e de olhos escuros. Notei êste último detalhe. Era a primeira vez. Desejava evitar,

compreendi, que o marido acompanhasse o seu olhar. Os bilhetes foram trocados. Ela permanecia debruçada no balcão e sem poder dêle desviar os olhos. Previ a tragédia. Todo o meu corpo estava em convulsão. O marido cautelosamente tirou da gaveta o punhal e, num salto felino, lançou-se sôbre o rival, deixando-o agonizante. Correu à registradora, tirou o dinheiro, pôs no bolso todos os objetos de valor ao seu alcance — não sei porque me escolheu também — e fugiu. Por muito tempo ainda ouvi os soluços da mulher agarrada ao cadáver do amante.

Senti-me alegre. Ia deixar aquela vida de miséria e sujeira. Não sabia ainda o que me aguardava o destino!

O marido ultrajado tornou-se maltrapilho, deixando a barba crescer. Vivia esfomeado e só saía à noite. Por fim resolveu roubar. Eu, dentro de seu bolso, não via nada. Todavia quando começou a escalar a janela, pular, abaixar-se, compreendi tudo. Encheu os bolsos e fugiu, porém foi infeliz. Um guarda pegou-o ao descer da janela; prendeu-o, tirou-lhe todos os objetos, restituindo-os ao dono. Eu que jazia esquecida no bolso de seu paletó, fui também devolvida. Daí em diante comecei a desconfiar que levaria a desgraça a todos que se apossassem de mim.

Fiquei naquela casa granfina. Morava nela um velho, viúvo, fazendo-lhe companhia um rapaz chamado Geraldo. Servia como Secretário e tomava conta de seus negócios. Como acontecera outras vêzes, lançou-me com desprêzo em cima da mesa. Senti-me acanhada. Alí havia luxo. Na mesa via-se uma caneta-tinteiro, também "Parker", porém último modêlo, nova, cinzenta, dourada, bonita e elegante. Que humilhação para mim! Eu já tão usada, tão experiente! Com tantos destinos! Também compunha a mesa uma caneta comum tôda de prata.

O velho vinha ao local raramente. Assinava cheque, cartões, etc., com a caneta de prata. E Geraldo se servia da caneta-cinzenta. Eu vivia abandonada e imóvel. Comecei a simpatizar com Geraldo. Às vêzes me vem a impressão de que me apaixonei por êle. Não se ria. Durval. E' um fato.

Geraldo vivia feliz, cantando. E eu também. Saía êle a passeio. Diàriamente recebia telefonema que lhe punha cheio de contentamento. Pela resposta constatei que era mulher quem telefonava. Geraldo portanto amava e era amado. Sentia inveja louca da caneta-cinzenta quando se achava entre os dedos de Geraldo e escrevia aquelas cartas intermináveis para a sua adorada. Ciúme indomável ruía o meu coração. Que podia fazer? Depois minha raiva voltou para a mulher que lhe telefonava. Como seria ela?

O tempo passou. E a surprêsa para mim foi grande quando êle — distraído — só a distração de amor podia ter-me dado aquela chance — tomou-me entre os dedos e escreveu o seguinte cartão: "Querida. Tentei telefonar-lhe, porém não obtive ligação. Hoje não posso encontrar-me com você. Meu patrão está passando mal. Com todo o amor de Geraldo". Depois me olhou muito espantado, observando o seu engano e declarou: "Que esplêndida pena tem esta caneta! "Foi o bastante. Senti-me envaidecida. Era o primeiro elogio que recebia em minha vida. Tocou-me o coração.

Desta data em diante, começou a declinar a felicidade de Geraldo. E o remorso atingiu a minha consciência. Por que desejei tanto que êle me tomasse entre os dedos? A minha fôrça de vontade vencera, porém ia desgraçá-lo. Pedi então a Deus que êle nunca mais se lembrasse de mim.

Forte acabrunhamento começou a envolvê-lo. Magro, pálido, distraído. Um dia sentou-se à mesa. Pegou um bloco de papel, escolhendo a caneta cinzenta. Refletiu bastante e depois começou a escrever. Leu e releu. Machucou o papel e jogou na cesta. Assim fêz por várias vêzes. Largou a caneta-cinzenta e me tomou entre as mãos. Incrível! Tive vontade de dizer-lhe que me deixasse, senão tudo estaria perdido. Não tive coragem. Sentia-me tão bem em suas mãos! Foi o meu êrro e os céus hão de perdoar-me. Desejei que a tinta se acabasse e êle prosseguisse com a outra. Debalde. Depois de muito pensar êle me fêz escrever: "Inesquicível Maria. Por que anda ùltimamente fugindo de mim? Se telefono, não está. Se nas horas vagas vou ao seu apartamento, está fechado. Onde está? Será que outro entrou em sua vida? Não tenha piedade de mim. Pior é a dúvida. Meu patrão está passando mal. Não posso ausentar-me. E' horrível ficar-se em casa a sós com seus pensamentos. Telefone-me, e não seja tão cruel. Não tenho nenhum otimismo a respeito de seu silêncio. Sei que é o fim. Tenha coragem de enviar, pelo menos, como consôlo e esmola, o seu adeus. Geraldo".

Êle continuou triste. O adeus e o telefonema não vieram. Dias depois morria o patrão de Geraldo. Horas de luto e tristeza. Quando voltou a calma, Geraldo saiu precipitadamente pela manhã. Voltou muito tarde. Onze horas da noite! Era um espetro que regressava. Êle devia deixar a casa no dia seguinte, pois ia ser entregue a outro dono. Ouvi quando disse ao empregado: "Não sei o que será de mim. Não tenho emprêgo. Não sei para aonde ir".

Geraldo entrou e sentou-se à mesa. Tirou o retrato de Maria do bolso e olhou-a durante muito tempo. E disse, baixinho, repetidas vêzes: "Ingrata! Ingrata!" Baixou a cabeça sôbre a mesa e chorou. Vi-lhe o movimento dos ombros e ouvi o som dos soluços. A cinza do cigarro que vinha em espiral de sua cabeça debruçada, dava a idéia de alguma coisa a explicar. Assim ficou durante muito tempo. Depois foi à janela. Notei que seus olhos desvairavam. Não estava em si. Fitou o nada por muito tempo. Voltou-se. Olhou para os quatro cantos do quarto e exclamou: "Não posso! Não posso! Não tenho fôrças para viver. Tudo acabou".

Sentou-se. Pela última vez tomou-me entre os dedos e escreveu: "Não tenho parentes. Tudo que é meu peço que entregue a Maria Luz, residente na rua Lisbôa, n.º 1.021 — apto. 38".

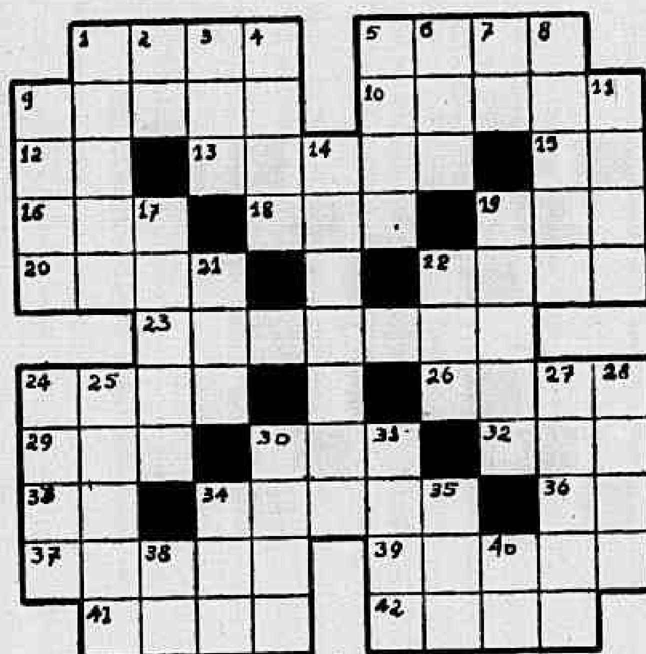
Senti-me gelada. As lágrimas surgiram. Fiz esfôrço terrível em suas mãos a fim de que não prosseguisse com aquêle bilhete. Tudo em vão. E êle nervosamente assinou. Que fraqueza! Que falta de fé! Com o tempo as coisas mudam tanto! Quando vejo alguém desesperado, supondo que a felicidade é permanente — que é perene nesta vida? — tenho a impressão que jamais observou a natureza, assim num dia de tempestade, com chuva, trovoada e escuridão... A impressão é que tudo aquilo não acabará nunca mais. Repentinamente, um raio de sol; brota a esperança, surge a alegria, volta a tranqüilidade. Assim é a vida. Esperar... Paciência... Tempo... São os maiores fatores da vitória. Como é que eu podia fazer Geraldo tudo compreender, se êle estava fora de si?

Foi rápido. Tirou um envelope do bolso. Todo o conteúdo foi engolido num copo dágua. Daí a poucos segundos o seu cadáver estendia-se no soalho. Minutos se passaram. Jamais me esquecerei dêste detalhe. O telefone começou a tocar ininterruptamente, desesperadamente, durante muito tempo; e depois, espaçadamente, até ao silêncio... Pensei: "Será ela?"

No outro dia o criado o encontrou. Chamou a polícia e tudo seguiu o caminho da lei. À tarde ela veio. Sim, ela, Maria. Vinha em busca do que pertencera a Geraldo. Entrou com o criado. Só aí foi que compreendi porque Geraldo se matara. Nunca vira assim mulher tão linda em minha vida. Vestia-se de escuro. E seus

PALAVRAS CRUZADAS

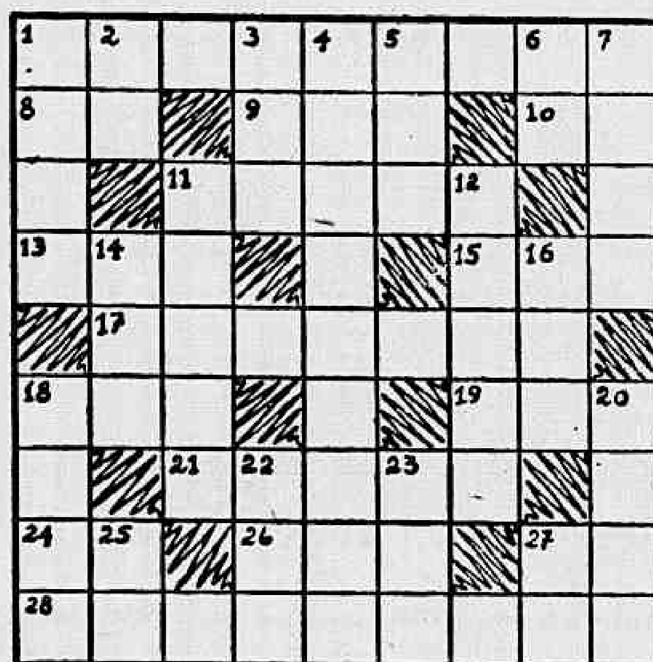
PROBLEMA N. 63 — PARA VETERANOS



HORIZONTAIS: — 1. Larva de môsca — 5. Espécie de engula — 9. Uni — 10. Têrmo com que os alquimistas designavam o chumbo — 12. Sufixo que designa ocupação — 13. Pequena mancha negra no diamante — 15. Nota musical — 16. Cidade da Hungria sôbre o Theiss — 18. Medida antiga para tecidos usada na França — 19. Estreita — 20. Assembléia popular dos cossacos — 22. (Barão célebre pintor francês — (1771-1835) — 23. Febre quotidiana com calafrios e calor pouco violentos (pl.) — 24. Cogote — 26. Selvagens da América do Norte, no Estado de Iowa — 29. Bétele (pl.) — 30. Pinha — 32. Fecha as asas para descer mais depressa — 33. Outra coisa — 34. Solo de cultura — 36. Prefixo que traz a idéia de ponta — 37. Soldado hindu — 39. Divido em dois — 41. Cantiga. — 42. Mulher formosa.

VERTICAIS: — 1. Prega membranosa da glote — 2. Sufixo que denota naturalidade — 3. Acusado — 4. Vertigem — 5. Charque — 6. Título honorífico da Índia — 7. Rio da Sibéria — 8. Pequena porção de um cabo náutico — 9. Fazer chegar furtivamente — 11. (Dirk) Pintor holandês (1656-1717) — 14. Que tem muita água — 17. Fim — 19. Elevação do som — 21. Espécie de peneira — 22. Desembaraço — 24. Bolo de fubá de arroz e azeite de coco (pl.) — 25. Boldrié — 27. Mãe-dágua — 28. Pessoa gorda e desajeitada — 30. Coaduna — 31. Voltar para cima as abas do chapéu — 34. Profeta vidente de Daví — 35. Postura — 38. O caos na mitologia polinésia — 40. Epiglote.

PROBLEMA N. 63 — PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. País da América do Sul — 8. Símbolo do niquel — 9. Designação genérica dos vegetais — 10. Sufixo que designa o autor — 11. Grande artéria que nasce do ventrículo esquerdo do coração — 13. A casa — 15. Semelhante — 17. Nome comum a todos os símios (pl.) — 18. Oceano — 19. Aquilo que prejudica ou fere — 21. Lanço — 24. Batráquio — 26. Interjeição de espanto — 27. Preposição — 28. Reboco.

VERTICAIS: — 1. Anual — 2. Escarnece — 3. Reflexão do som — 4. Contariam — 5. Medida de extensão do Tonquim — 6. Laçada apertada — 7. Terra arroteada e própria para cultura — 11. Pateta — 12. A menor partícula de matéria — 14. Gosta — 16. Membro de ave — 18. Reside — 20. Lodo — 22. Adjetivo possessivo — 23. Dava risada — 25. Atmosfera — 27. Do verbo ser.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 62 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Bal — Ira — Pagos — Anila — Onírico — Ocras — Pauto — Nha — Ami — Lei — Oasis — Metro — Armam — Marrã — Pia — Ovo — Aex — Ozone — Lápso — Romeiro — Omita — Musmé — Uso — Sói.

VERTICAIS: — Ba — Ágoras — Lona — Inca — Rioult — Al — Prono — Sisas — Alpim — Aboio — Chapriz — Tererés — Imã — Era — Aporo — Maoris — Moema — Molim — Raposo — Axore — Noto — Arús — Mu — Mi.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Amar — Mima — Raridades — Ir — Ras — Li — Aga — Ria — Ara — Ion — Aro — Ada — Ri — Mal — Ru — Admirável — Raul — Rasa.

VERTICAIS: — Ária — Margarida — Ar — Rir — Mas — Id — Melindres — Asia — Dar — Aro — Roa — Arar — Bar — Aula — Mil — Lar — Mu — Vá.

Colaboração e correspondência para: «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS.

G R A N A D O

ÁGUA INGLÊSA GRANADO



Faz de você um forte!

TÔNICA-APERITIVA NAS CONVALESCENÇAS

olhos azul-claros contrastavam com a tez morena e os cabelos negros. Continuei a odiá-la de todo o coração, pelo que fizera a Geraldo.

Tudo que fôra dêle já estava pronto. Ela entregou ao portador. Quando ia saindo o criado foi à mesa e me entregou a Maria, dizendo: "Esta caneta também pertencia a Geraldo. Colocou-me na bôlsa, misturando-me com baton, tesourinha de unha, níquel... Que confusão terrível! Foi a um restaurante. Pediu qualquer coisa. Comeu mal, pagou e saiu. Andou sem destino durante muito tempo. Já era tarde quando chegou ao apartamento. Deitou-se, acendendo a lâmpada da cabeceira, junto da qual se achava o retrato de Geraldo. Leu a última carta dêle e, em frente de seu retrato, falou: "Geraldo querido. Se me está ouvindo, é capaz de perdoar a minha insensatez"? Na noite em que você se suicidou, eu havia rompido decididamente com o outro. Não prestava. Era aventureiro. Naquela noite, arrependida, telefonei loucamente para você durante muito tempo. Não respondeu. Dormi, satisfeita, certa de que no outro dia tudo seria resolvido a contendo. Jamais admiti que ia ser muito tarde. Só peço a Deus que tenha compaixão de mim".

Maria levantou-se muito tarde, quando o sol se infiltrava pela janela a dentro. Levantou-se e desceu. Na rua, aquêle mesmo mendigo que me vendeu a você, pediu-lhe esmola. Maria não tinha trocado. Entregou-me, dizendo: "Não tenho miúdo. Tome esta caneta. Não me serve para nada".

*

Quando Durval acordou, seu primeiro impulso foi correr à mesa do trabalho e olhar a caneta. "Que horrível pesadelo!" — exclamou:

O sonho deixou-o impressionado. Logo depois um primo seu foi entrando no apartamento e disse:

— Durval, hoje venho trazer-lhe as despedidas. Não tem nada para o seu afilhado?

Querendo ver-se livre da caneta-tinteiro, entregou-a ao primo, dizendo:

— Dê-lhe esta caneta. Usei-a apenas uma vez... Depois lhe mandarei presente melhor...

Três dias passados — após sair vitorioso no processo da mãe de Sérgio — soube que o avião em que viajava seu primo explodira no ar.

Acabava-se assim a maldição da caneta-tinteiro.

YESO NÃO SABE . . .

(Cont. da pág. 28)

dias na Itália e estava disposto a firmar contrato com o Torino, cuja diretoria se propusera a indenizar o Nice em tôdas as despesas que tivesse com a rescisão. Regressei à França, a fim de ultimar os preparativos da minha ida definitiva para a Itália. Porém, qual não foi minha surprêsa, ao desembarcar em solo francês, quando vi meu passaporte apreendido e dois policiais à paisana seguindo-me dia e noite?"

FICA NO NICE

A direção do Nice não arredara um milimetro na sua decisão de lhe negar a rescisão do contrato. No entanto, o craque ficou três meses na "cêrca". Não jogava e, conforme asseverou, o Olimpic decaía a olhos vistos, ameaçando retornar à segunda divisão, da qual havia pouco saíra. Não ganhava uma peleja e era motivo de comentários jocosos por parte de seus adversários e das lamúrias de seus torcedores.

Um belo dia, o Olimpic de Nice viu-se desfalcado. Três jogadores estavam doentes e um suspenso, de forma que Yeso foi aproveitado. Nasceu nesse dia o cartaz do futebolista brasileiro. Era um jôgo contra o velho rival do Nice, o Strasbourg, no qual o onze de Yeso sagrou-se vencedor pela contagem de 4 a 1, um tento marcado por êle.

A multidão não cabia em si e a partir dêsse triunfo Yeso passou a jogar regularmente. Após três vitórias consecutivas do Nice, a diretoria resolveu acatar a opinião do jovem "soccer". O contrato do treinador foi rescindido e Yeso passou a dar seus palpitezinhos" durante os treinos e, pela primeira vez, nos anais de sua existência, o Olimpic levantou um campeonato francês.

O "Paris Match", uma das maiores revistas semanais da França, descreve assim o cartaz de Yeso Amalfi: "Pela primeira vez, na história do futebol europeu, vinte mil espectadores, no estádio Léo-Lagrange, em Nice, com os braços para o céu e com emoção incontida, levantaram uma entusiástica e delirante ovação de seis minutos ao seu ídolo, o brasileiro Yeso Amalfi, que marcou, há quinze dias, no campeonato da França, o terceiro "goal" contra o Lille. Quatro diretores de "teams" italianos vieram a Nice para ver Yeso jogar e concordaram unânimemente ser êle, deveras, sensacional."

PARTICULARIDADES DO "CRACK"

Contou-nos Amalfi que, durante os **três meses em que estêve na "cêrca", pôde cativar a simpatia do povo francês de Nice, tendo-o auxiliado muito seus hábitos e maneiras; o modo diferente de dançar, de andar e de falar, bem como as roupas que usava. Tornou-se um indivíduo popular antes de atuar definitivamente no conjunto local. "Cheguei até a assistir aos jogos do Nice de "smoking" e foi interessante, pois todos achavam uma coisa excêntrica."**

(Cont. na pág. 20)

TERIA O ESPÍRITO . . .

(Cont. da pág. 31)

ções que nos fogem na imensidade do tempo; demonstrando resignação e contentamento *pela sua nova morada no Reino da Verdade.*

Agradecendo a misericórdia que tivera de ter sido o escolhido para submeter-se às provas de grave moléstia que vem germinando na humanidade, destruindo vidas sem que a ciência médica tenha possibilidades de curá-la, apesar de envidar todos os esforços no sentido de poupar aos irmãos desta terra de provação, os sofrimentos atrozes que acarretam tal espécie de enfermidade.

Disse, também, que no Espaço continuaria estudando com afinco as causas e origens do citado mal, visto que o Divino Mestre em sua misericórdia permitira que êle *ingressasse como falangeiro da junta Médica Espiritual da Tenda dos Humildes de Isabel A Redentora.*

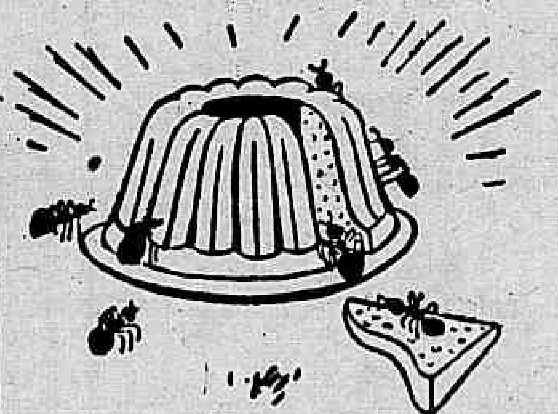
(Cont. na pág. 20)

Respostas ao teste

1—Palavra nova
2—Porque se chamava Belchior o primeiro fundador de uma casa dessas, no Rio.
3—Amargo.
4—Sementeira
5—Em Pernambuco
6—Boliche
7—Do nome de uma cidade asiática (capital de Oman)
8—1823
9—Pedro I (Comemorar seu 1º casamento)
10—S. Paulo
11—Rupia (paroxitono)
12—Sanscrito
13—Destêrro
14—Antiga dança popular espanhola
15—Dar fiança.

"Hóspedes indesejáveis"

...são baratas e formigas que invadem a cozinha para estragar e contaminar os alimentos



Proteja armários e prateleiras com NEOCID em pó, que não transmite cheiro à comida e é inofensivo.

Prefira a lata grande — a embalagem mais econômica do NEOCID em pó

NEOCID

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. — Cartas: Avenida Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

A BELEZA DOS SEIOS — BEL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BEL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BEL-HORMON nº 2. BEL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BEL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 32 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BEL-HORMON» nº ....
NOME ....
RUA .... Nº ......
CIDADE .... ESTADO ....
Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00



O vice-presidente do Jockey Club, dr. Rubens Antunes Maciel, saudando o sr. Paulo Bitencourt, proprietário do «Correio da Manhã», logo após ser corrido o páreo em homenagem a êsse matutino. Em baixo — Aspecto da «pelouse», onde predominam a elegância e a graça do elemento feminino.

JOCKEY CLUB MUNDANO

EM plena temporada internacional, o Jockey Club Brasileiro prepara-se para o Grande Prêmio Brasil, uma das maiores carreiras do turf mundial. Animam-se cada vez mais as tardes do Hipódromo Brasileiro, numa verdadeira amostra do que será o dia da grande corrida que polariza as atenções de todo o mundo. O maravilhoso parque da Gávea enche-se, às tardes dos sábados e domingos, de uma multidão sempre crescente, e já se nota nas fisionomias aquela expectativa que precede os grandes acontecimentos. E nestes dias de admirável temperatura como o Rio há muito não experimenta, o prado famoso converte-se em palco de um interminável desfile de elegância, com o elemento feminino dando a nota mais chic da estação. Uma esplendida amostra do que será a tarde de gala de 5 de agôsto.

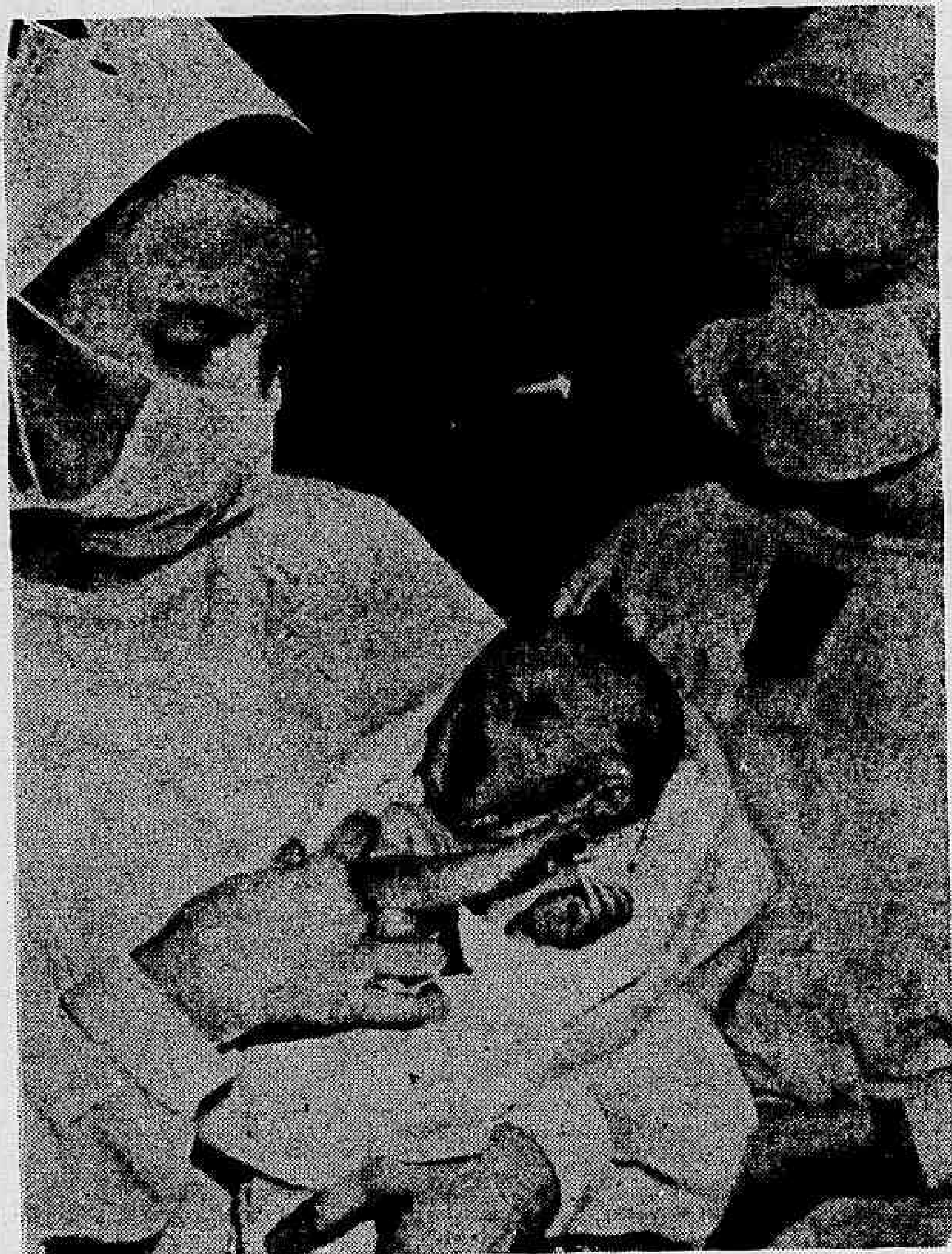








TUDO ISTO



NASCIDA DE UM CADÁVER esta criancinha que vemos nos braços de enfermeiras de um hospital de Baltimore, Estados Unidos. Sua mãe, Alice Lapore, que se vê ao lado, passeava ao lado de seu marido, quando o carro do casal Lapore é acidentado. Alice Lapore, de 33 anos de idade, estava esperando a cegonha para dentro de pouco tempo. Gravemente ferida no desastre, foi conduzida para um hospital da cidade e ali, alguns dias após sua internação, faleceu. Transcorridas algumas horas após sua morte, tentaram os médicos salvar a criança que estava no ventre da morta, executando uma cesareana. A intervenção se cobriu de êxito e veio à luz da vida uma menina, a filhinha de Alice que, sem isso, não chegaria a nascer. Levada imediatamente para um bêrço especial em incubadora, já está fora de perigo e viverá normalmente.



MUITO BEM, SR. JOÃO PEREIRA

QUANTO mais cresce esta cidade, mais apertada vai ficando a população e mais enfezada com o movimento do trânsito. Não há pedestre que simpatize com os motoristas, nem motorista que se engrace dos pedestres. Há uma guerra surda, guerra íntima, guerra febril entre os dois inimigos irreconciliáveis: o que anda a pé e o que anda de pedal. Mas, felizmente, o estado belicoso não é total, absolutamente por inteiro. Há, entre os motoristas, de praça ou que vivem a fazer praça dos seus carros, ou de suas habilidades ao volante, muita gente que cumpre deveres sociais e merecem os nossos aplausos. Um cidadão que está mofando em ponto de ônibus e é surpreendido pelo convite amável do motorista que vai para o mesmo lado; o cavalheiro que está ao volante da "Rabo de Peixe" e freia com perícia para não atropelar um cãozinho que atravessou à frente do "Cadillac"; uma senhorita que vai em sua barata conversível e chama a vizinha mais bonita para seu lado, tudo isto é prova de que a humanidade ainda pode ir para o céu. Mas, ainda maior prova de que nem tudo está perdido, está em certos gestos de probidade entre choferes de praça do Rio. Há pouco tempo um senhor tomou o táxi 51-914, guiado por João Pacheco Pereira e ali deixou, ao saltar, um pacote contendo relógios no valor de 14 mil cruzeiros. O profissional fêz o possível para localizá-lo, até que o conseguiu, entregando-lhe os relógios, após dois meses de pesquisas...



HORRÍVEL ENGANO

O caso dêsse senhor que assassinou a espôsa julgando tratar-se de um ladrão assaltante, é mais um dos numerosos episódios que andam aí a acumular-se no noticiário da imprensa e nos cartórios criminais. De quando em quando vemos nos jornais desastres dolorosos como o que acaba de suceder a um casal desta cidade, alterando-se apenas as personagens. Muitas vêzes o que salva as inocentes vítimas é a arma que mente fogo na hora culminante. Outras vêzes é porque a quase vítima grita, angustiada, prevenindo que não se trata de ladrão, e sim de gente da família. O último fato, porém, se revestiu de circunstâncias que permitem justificar a tragédia, por mais dolorosa que tenha sido. O criminoso já vivia alarmado com as constantes visitas dos ladrões a sua casa. Certa vez, tendo-se ausentado em companhia da mulher, passando fora uma temporada, ao regressar ao lar verificou que os amigos do alheio andaram fazendo uma limpeza em sua morada. Afora êsse assalto na maior facilidade, sua casa fôra visitada pelos ladrões, que, só não levaram a melhor porque foram pressentidos e perseguidos a tiros de revólver. Êsse homem, pois, andava sobressaltado. Durante a noite, ao acordar com ruidos, mesmo vindos de fora, já êle ficava de orelha em pé, julgando tratar-se de visitas fora de horas e sem aviso prévio... Sucedeu, pois, que naquela noite, acordou êle com ruidos suspeitos dentro de casa. Sempre prevenido contra gatunos, retirou a arma que costumava colocar sob o travesseiro e esperou que o intruso se aproximasse. Os passos se dirigiam para sua alcova. Preparou-se, e, logo que um vulto penetrou no quarto, fêz fogo, dando ao gatilho por duas vêzes seguidas. Sòmente depois que percebeu não haver abatido nenhum ladrão e sim sua espôsa, caiu em si e ficou atordoado. Sua mulher não estava a dormir, no que não reparou antes. Matara sua espôsa, com quem se casara havia dez anos e viviam em plena harmonia! Um drama da vida.

FOGO NO GÊLO



A cidade de Belo Horizonte não tem sido feliz com certas companhias teatrais que vão até à mais encantadora cidade do país, para divertir seu público. Há alguns anos lá estêve uma companhia de revistas da Argentina, com um elenco excelente, artistas de primeira marca, funcionando no "Estádio Benedito Valadares". Tudo correu bem; mas, inesperadamente, estourou o escândalo: os artistas estavam sem recursos para pagar os hotéis em que se hospedavam e o empresário desaparecido... E veio o inevitável: os proprietários dos hotéis agiram dentro da lei para recuperar as despesas feitas e a bagagem dos artistas ficou como garantia da hospedagem. Agora sucede uma coisa igual: o "Carnaval no Gêlo" foi atuar em Belo Horizonte, precisamente no mesmo local da Companhia Argentina de Revistas. O estádio lhe fôra cedido gratuitamente, num gesto cavalheiresco da Prefeitura. O sucesso foi completo; mas, de súbito, os empresários ou organizadores Rube Yokm e Gladys Lamb, fugiram para Buenos Aires deixando os artistas a "ver navios" no Arruda. Dizem de lá que, sòmente uma artista, a estrêla do patim, Adele Inge, é credora de 42 mil cruzeiros. Mas, como sair da enrascada? Muitos dos artistas nem podem deixar Belo Horizonte em direção aos Estados Unidos, sua pátria, a não ser que a Embaixada norte-americana os socorra. Os bens da Companhia já foram apreendidos e o "Carnaval no Gêlo" está esquentando cada vez mais...

ACONTECEU

O CALCANHAR DE AQUILES



CONTA-NOS a mitologia grega que o valente Aquiles, tendo sido mergulhado nas águas do lago Stige, possuía o corpo invulnerável às balas, isto é, às setas, pois naquele tempo de deuses e deusas magníficas, não havia ainda a pólvora. Aquiles era, pois, um guerreiro invencível. Mas, para que ficasse provada a mortalidade dos homens, mesmo em se tratando de deuses e seus parentes, havia um lugar no corpo do bravo lutador que era o ponto nevrálgico para dar-lhe a morte certa: o calcanhar. O motivo fôra êste: quando sua mãe o mergulhou no lago milagroso, segurou-o pelos pés e êstes não mergulharam de todo nas águas, ficando enxutos os calcanhares. Sabendo disto, Páris, seu inimigo, desejando vingar a morte do irmão Heitor, acertou bem no alvo perigoso e matou Aquiles na cabeça, isto é, no calcanhar. A história se repete agora no Rio entre os jogadores do Vasco e os do Palmeiras. Na luta do Maracanã, cidadela do Vasco, como uma Tróia invencível, os dois grupos pelejavam aos pontapés, por falta de permissão de flechas ou bestas. Cada qual que procurasse acertar no ponto vulnerável do antagonista. O Palmeiras estava furioso e vazava o "goal" do Vasco, enfezando Barbosa. Foi quando surgiu no espírito do arqueiro uma idéia: vencer o rival com um golpe baixo, isto é, ferir o time paulista com um "tiro" no calcanhar de Aquiles. E assim sucedeu. Aquiles foi vencido, mas já tarde, pois o Vasco se fiou muito em literatura mitológica...

60 DIAS SEM COMER

ATÉ agora o recordista mundial de jejum era a senhorita Lys Chelis, que chegou a passar 57 dias e seis horas sem alimentar-se. Mas o caso não podia ficar assim. Entre os senhores faquires da Índia ou de qualquer outro país dêste mundo engraçado, lavrou a idéia de que era preciso dar-se uma resposta àquela mademoiselle capaz de arranjar casamento sem muito esfôrço. Então apareceram vários candidatos. Não candidatos à mão da jovem, mas a desbancá-la da galeria dos que passam tantos dias em jejum. O faquir Burmah, que já fôra detentor de tal recorde, portanto, já habituado a não ser amigo do estômago, decidiu ultrapassar os 57 dias e seis horas da mocinha corajosa. A prova teve como sede a capital da Itália. Burmah encomendou o seu "sarcófago" todo de vidro e se meteu lá no fundo do mesmo à vista do público a fim de ser fiscalizado em sua prova temerária, quase suicídio. Mas, que diabo! faquir nasceu foi mesmo para suportar dessas provas e não viver a vidinha folgada de qualquer príncipe nadando em ouro e mergulhado em gozos da vida em Paris ou Calcutá. Burmah tinha que mostrar a vitalidade jejuadora dos faquires. Do contrário a classe estaria desmoralizada. Roma inteira acompanhou a prova do homem. Quando chegou aos 57 dias, houve sensação geral. Seis horas mais, igualava o recorde de Mlle. Chelis. Burmah estava orgulhoso, e, ao ser retirado do "depósito", atingira 60 dias e três horas de jejum! Mas, para espanto de todos, não estava sòzinho no esquife: com êle jejuavam também duas cobras e várias víboras! Agora, outro faquir, o italiano Delfo Effe, está ameaçando Burmah: Já chegou ao 56º dia de jejum e espera vencer o colega, indo além de 60 dias e três horas, caso não morra com todos os "effes" e "erres"...

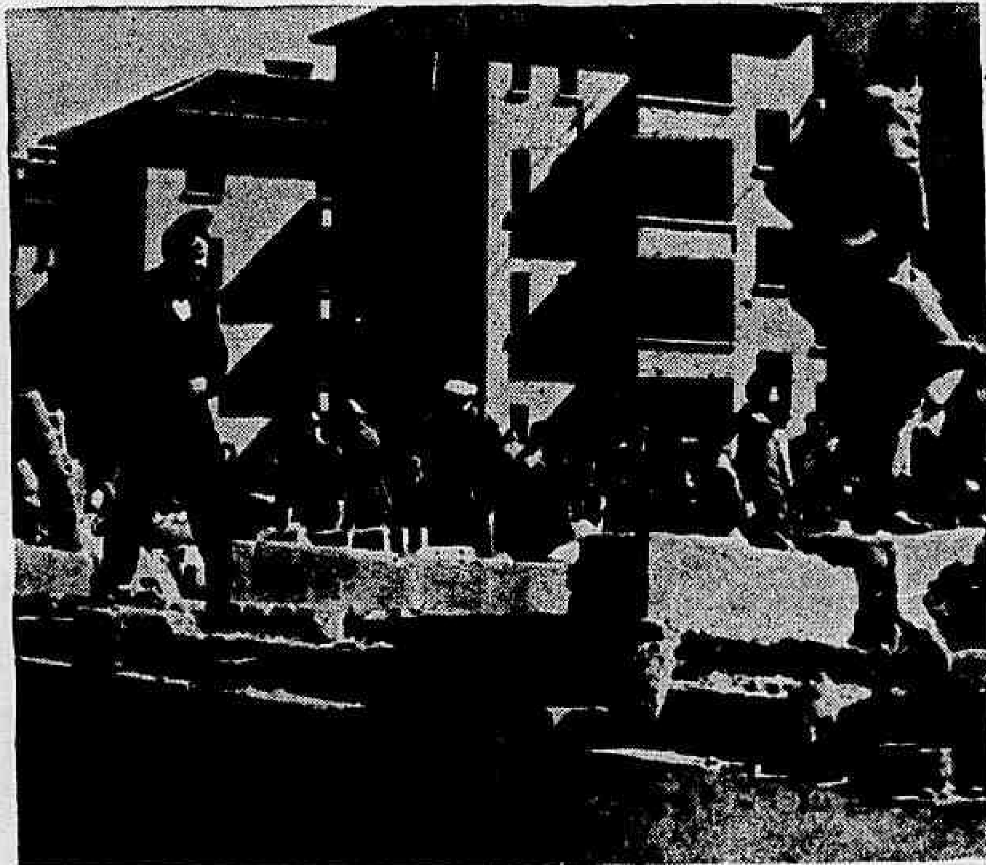
CURIOSO DUELO



NÓS, brasileiros, não temos a tradição do duelo. Aqui, quando alguém precisa acertar umas "contas" com outro, mete-lhe logo uma bala no crânio ou uma faca nas tripas e está tudo acabado. Na Europa, entretanto, o duelo ainda é o ajustamento cavalheiresco da Idade-Média: as partes desavindas mandam cartões, escolhem padrinhos, contam passos e... pum! Se nenhum sai ferido ou morre, reconciliam-se e está lavada a honra com água de melissa. Há ainda os duelos a florete, do que só temos notícia nos campeonatos paulificantes de esgrima. Pois se deu em Paris, há poucos dias, um dos mais espantosos duelos dêste mundo: dois homens se chocaram por causa de Nossa Senhora. Nossa Senhora! — dirão as pessoas emotivas. E dizem bem. Salvador Dali, pintor surrealista, compôs um quadro de uma "Madonna". O crítico de Arte, Waldemar George, atacou o artista e censurou o seu editor, Robert Godet, durante a exposição numa das galerias parisienses. Contràriamente ao que se diz, da discussão não nasceu a luz, mas um duelo, para liquidarem a questão no campo da honra. Os meios intelectuais da França ficaram assombrados. Era a primeira vez que dois homens lutavam na defesa da Virgem. Um, justificando a pintura; o outro, ridicularizando-a. Só não foi ouvida a Mãe de Cristo, que, lá de cima, com aquela bondade das verdadeiras Mães, terá exclamado: "Ora, Waldemar!"



O MURO DA RUA Lorenteggio com Inganti, na cidade de Milão, cerca o mosteiro das Irmãs da Misericórdia. Velha construção de pedra e argamassa resistia à ação do tempo, não parecendo estar em ruínas. Há poucos meses, porém, durante umas horas de ventania intensa, o grande muro veio abaixo numa extensão de mais de trinta metros. O local é passagem obrigatória de pedestres e há sempre por ali muitas crianças a brincar ou vindas da escola que funciona no edifício do convento. Naquele dia ainda cêdo, o vento soprava raivosamente e cada hora que se passava sua violência crescia mais. De um dos andares vis a vis ao muro, nas modernas construções para operários, a família de Enrico Gentina discutia esportes e o chefe da casa fôra à janela a fim de retirar um vaso com flores que estava a ponto de ser levado pelo vento. Era cêrca de meio dia, quando ruiu o muro soterrando mais de uma dezena de crianças que vinham da escola, matando-as ou ferindo-as gravemente. E circunstância curiosa: durante tôda a noite anterior, o cão do mosteiro, que nunca uiva, levou tôda a noite a uivar lùgubremente...



ESTÁ À VENDA

O ÁLBUM DE

A Cena Muda

3.º número - Edição de 1951

Com os famosos astros da atualidade

★

CINEMA
RÁDIO
TEATRO
MÚSICA

★

Matéria inteiramente nova

— Dezenas de fotografias em tamanho grande, coloridas e numa só côr.

— Biografias completas no verso de cada foto.

— Vários artigos assinados por competentes críticos de cinema, rádio e música.

— Noventa e seis páginas, inclusive 4 de bom humor.

★

COMPRE JÁ O SEU EXEMPLAR

NAS BANCAS DE JORNAIS DE SUA CIDADE.

HEMORRÓIDAS

E VARIZES EM GERAL

Novo tratamento sem operação e sem injeções

Após longos estudos foi descoberto um ótimo remédio para o tratamento das hemorróidas (mamilos externos e internos), inclusive os que sangram. Usando a pomada no local e tomando juntamente o líquido, em pouco tempo poderão ser debelados por completo tais males. Para varizes (nas pernas) use na dose de 3 colheres (das de chá) ao dia, em água açucarada e friccione a pomada no local. As pernas readquirem seu estado normal e a beleza estética. USE DURANTE 3 MESES.

Procure nas farmácias e drogarias e na falta à V. Sandoval Jr., Caixa Postal 187 São Paulo.



LIQUIDO

Hemo-Virtus

POMADA

Ag. Pettinati

"COPA-RIO"

(Cont. da pág. 14)

só conseguindo derrotá-lo, em Viena, nos 10 minutos finais.

PACAEMBU E MARACANÃ, PALCOS DA COPA

Os oito clubes foram divididos em duas chaves. Em S. Paulo, na chave do Palmeiras, campeão paulista, jogariam Olimpique de Nice, campeão da França, Juventus, campeão italiano, e Estrêla Vermelha, campeão da Iugoslávia. No Rio, na chave do campeão carioca (o Vasco), se defrontariam Sporting, campeão de Portugal, Áustria, campeão do país da valsa, e, finalmente, o Nacional, campeão do país campeão do Mundo, o Uruguai. Os vencedores de cada chave jogariam nas semifinais com os segundos colocados das chaves contrárias, duas partidas para decidir os finalistas, que por sua vez preliariam em duas oportunidades para apontar o campeão. Total: 18 jogos. Dez no Rio e oito em S. Paulo. Duas escolas em confronto, a européia e a sul-americana.

AS SURPRÊSAS DO FUTEBOL

Logo na primeira rodada, o Nacional, campeão uruguaio, foi amplamente vencido pelo Áustria, por 4x0. Caiu de saída o representante do país campeão do mundo. No mesmo dia, em S. Paulo, o Palmeiras vencia fàcilmente o representante francês, o Olimpique, por 3x0. No dia seguinte, o Vasco superava o Sporting, campeão português, por 5x1, enquanto no Pacaembu, o Juventus, da Itália, derrotava o Estrêla Vermelha por 3x2. Na terceira rodada, o Nacional passou mal com o Sporting, vencendo-o nos minutos finais por 3x2. O campeão luso merecia o empate. Na capital bandeirante, o titular italiano passou também por maus pedaços ante o Olimpique, clube em que pontifica o brasileiro Yeso, mas acabou ganhando de 3x2. Na quarta etapa, o Vasco derrotou amplamente o Áustria, que parecia o "fantasma" do torneio, por 5x1. Em S. Paulo, o Palmeiras teve que suar, para impor-se por 2x1, ante o Estrêla Vermelha, obtendo o clube francês a sua única vitória no torneio, por 2x1, e em S. Paulo, o Áustria classificou-se para as semifinais, vencendo apertadamente o Sporting por 2x1. Outra vez os portuguêses não mereceram perder. Em seguida, o Vasco descontou com "juros" uma dívida que o futebol brasileiro precisava cobrar ao uruguaio, os 2x1 de 16 de julho de 1950, quando o Brasil perdeu a Copa do Mundo. Ganhou o campeão carioca do vencedor do certame da "banda oriental" por 2x0. A grande surprêsa da rodada foi a inesperada derrota do Palmeiras, por 4x0, frente ao campeão italiano. Classificaram-se semifinalistas: Vasco, vencedor da "chave" do Rio, e o Juventus, da "chave" de S. Paulo, Palmeiras e Áustria.

PALMEIRAS E JUVENTUS, FINALISTAS

Com a derrota do Palmeiras aconteceu aquilo que não estava no programa da C.B.D., isto é, o campeão paulista vir decidir com o campeão carioca qual seria o clube brasileiro a disputar uma das vagas. Todos esperavam que Palmeiras e Vasco fôssem os finalistas. Mas como no futebol não há lógica, o Vasco, franco favorito, acabou sendo desclassificado pelo Palmeiras, que todos já consideravam fora do páreo. O Palmeiras ganhou o primeiro jôgo de 2x1, e não permitindo que o Vasco vencesse a segunda peleja, que acabou como começara, 0x0, desclassificou o campeão carioca, disputando as finais com o Juventus, vencedor do Áustria, mercê de um empate de 3x3, no primeiro jôgo em S. Paulo, e de uma vitória por 3x1, no Maracanã.

Assim, Brasil e Itália classificaram-se para as finais da Copa Rio, como os melhores centros do futebol internacional na temporada de 1951.

UM SUCESSO FINANCEIRO

O preço das entradas para os jogos da "Copa Rio" foi parar até no Senado. O senador carioca Mozart Lago protestou contra as quantias cobradas por "um gênero de primeira necessidade para o povo, o futebol". A C.B.D. justificou-se, pois cada clube recebia por partida 200 mil cruzeiros, além de passagens e estada pagas, o que importava num total de 12 milhões de cruzeiros de despesas. Muitos jogos não alcançaram sequer a quota que os dois clubes tinham que receber pela partida, ou seja, 400 mil cruzeiros. A partida Estrêla Vermelha x Olimpique foi a que menos rendeu: Cr$ 198.800,00. Houve, porém, partidas que arrecadaram mais de um milhão, e o "record" nas eliminatórias pertenceu ao choque Vasco x Áustria, Cr$ 2.615.830,00. Nas eliminatórias e semifinais, foram arrecadados 14 milhões, 802 mil e 995 cruzeiros, quase três milhões de cruzeiros de lucro, sem contar as rendas das finais.

PRISÕES, FUGA, FOTOS NOTURNAS E OUTROS BICHOS

Os locutores esportivos passaram mal quando tiveram que transmitir ao correr rápido das partidas certos nomes de jogadores, principalmente os iugoslavos, Krivotchuka, Djurjevich, Vinkavickvich e outros. Os italianos deram a nota feia, não se conformando com o "penalty" que o juiz brasileiro Gama Malcher marcou no final do jôgo em que venciam os austríacos por 3x2. O goleiro Viola e o ponta Muccinelli agrediram o juiz nacional, e foram dormir na chefatura da Polícia paulista até às 2 horas da madrugada. O *keeper* Krivotchuka, da Iugoslávia, foi outro indisciplinado do torneio. Cuspiu na cara do juiz brasileiro Mário Viana, que por sinal representava Portugal na Copa Rio, a convite do Sporting, de Lisboa. O goleiro do Estrêla Vermelha não se conformou com um "penalty", que deu a vitória ao Nice. Foi prêso, e depois a prisão relaxada, porque pediu desculpas ao ofendido. Outro juiz, o britânico Powers, resolveu fugir para a Inglaterra, porque se considerou desrespeitado pela C.B.D., pois a entidade cogitou de substituí-lo na hora do jôgo Áustria x Vasco, em vista da sua atitude não permitindo que os fotógrafos colhessem flagrantes noturnos com "flashes", medida que o presidente da entidade autorizara. O precedente foi aberto. Resultado: não existem lances dos jogos noturnos da Copa Rio, com exceção de um jôgo em que a reportagem fotográfica conseguiu furar a censura, aquêle em que o Juventus venceu o Olimpique.

VAMOS COMER BALEIA

(Cont. da pág. 6)

correu para seu desenvolvimento o pôrto de Cabedelo, vila muito próspera, com cêrca de 8 mil habitantes e um pôrto bastante movimentado, numa extensão de 400 metros e profundidade de 5 a 8 metros. Os três armazéns e seus cinco guindastes já não suportam o fluxo de navios, que, por ano, já se elevam a mais de 400 e movimentam os seus guindastes mais de onze milhões de quilos para o Brasil e para o exterior.

A emprêsa de pesca de Cabedelo procura, constantemente, melhorar sua produção. Para êsse fim veio da Noruega, contratado, o técnico em preparação de carne de baleia pelos métodos mais modernos, sr. Olav Halle. Não apenas em mantas, mas em conservas, em latas rigorosamente limpas, a carne de baleia é produto de primeira ordem, podendo ser usada de forma muito variada e obedecendo ao mais rigoroso paladar. Pastéis, salsichas, etc., podem ser feitos com carne de baleia devidamente preparada.

Esta reportagem vem revelar aos próprios brasileiros uma de nossas fontes de trabalho e indústria, pouco conhecidas, apesar de sua importância econômica e social. O Rio sente falta de carne. Vamos agora experimentar carne de baleia.

GOSTOU DA NOVA REVISTA?

(Cont. da pág. 18)

o conteúdo seja o mesmo, porém a apresentação é outra. Dá vontade de carregar a REVISTA no ônibus.

E a colegial em férias:

— Multíssimo melhor! Não vê... Agora a gente pode guardá-la mais fàcilmente na bôlsa com os livros...

Uma dona de casa na feira de Copacabana:

— Olhe, vão por êsse caminho que vão certo. Gostei, encontrei mais páginas, leitura mais variada, os assuntos mais arrumadinhos... Vocês ganharam freguesa, ouviram?

Uma funcionária pública:

— Magnífico! E que lindas capas!

Uma "girl" do Recreio:

— Parece outra, inteiramente nova... Só está faltando o nosso retrato... (Foi também a opinião de Elvira Pagã).

Donde se conclui que a nova REVISTA DA SEMANA agradou. Parabéns a nós mesmos — e aos leitores.

A TIMIDEZ DE LETTY



Todo o restante do dia eu passei confusa. Êle topara a parada! Mesmo que eu perdesse o dinheiro, meu brio estava de pé. Fiquei tão grata que não sei como não chorei!

























(Continua)



CANSAÇO E ALEGRIA — Luiz Villa, o centro-médio argentino do time do Palmeiras, grande figura da defesa, que desclassificou o Vasco da Gama.



O GRANDE AUSENTE — Ademir, que aparece à direita, apreensivo quanto ao resultado final do jôgo, fêz muita falta ao ataque vascaino.

AS DUAS BATALHAS

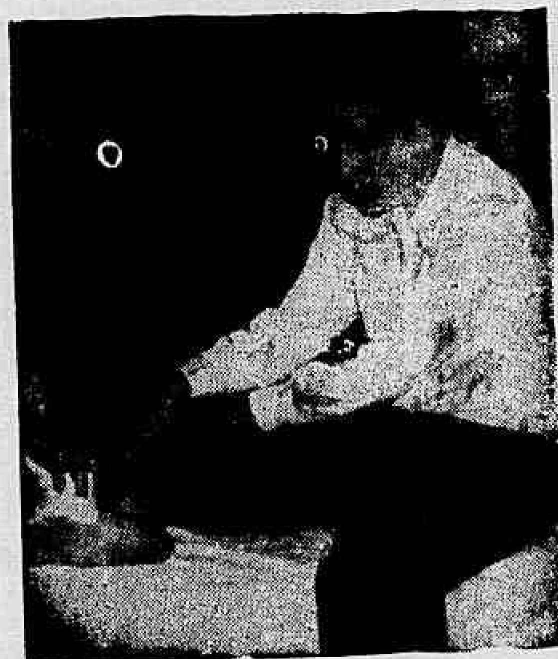
A BRASILEIRA E A EUROPÉIA



DESMAIOU — A emoção da classificação do Palmeiras, fêz Ponce de Leon perder os sentidos

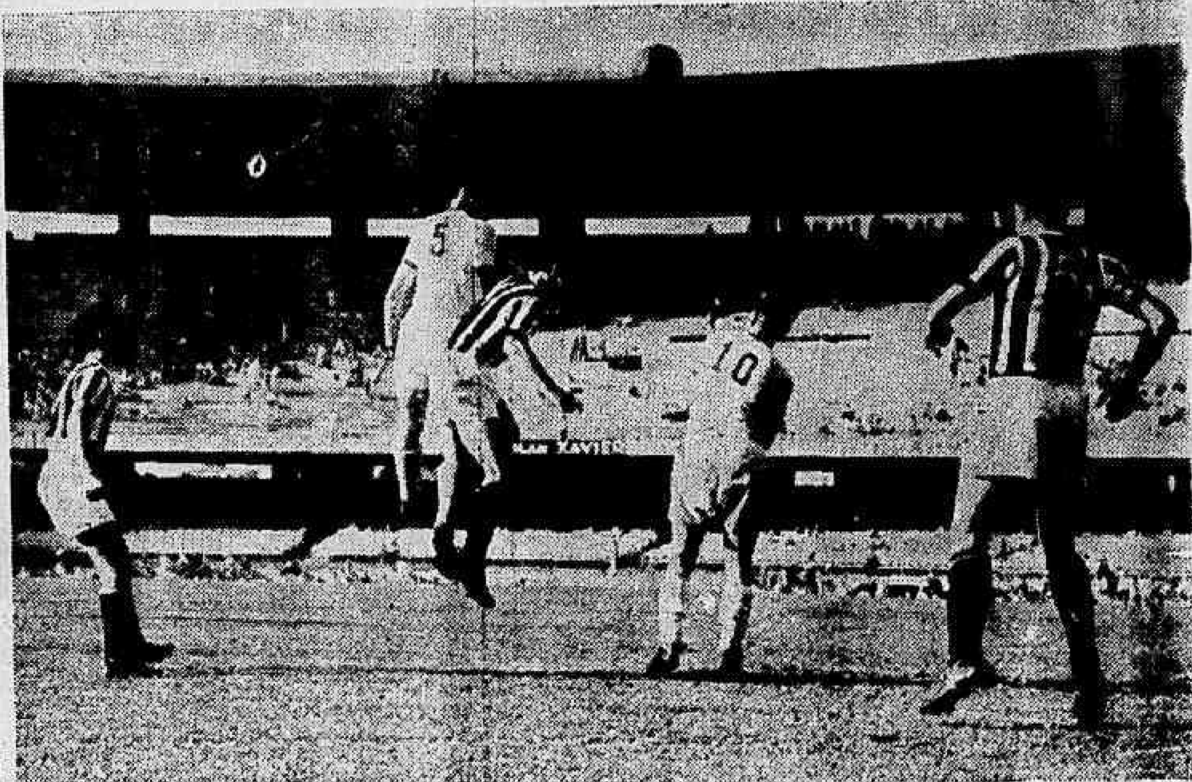
OS caprichos do futebol fizeram com que decidissem as duas vagas para as finais da Coap Rio, clubes brasileiros e europeus. Os italianos, que deixaram escapar a vitória no primeiro jôgo com os austriacos, com uma penalidade máxima no último minuto, decidiram a segunda peleja em apenas quinze minutos no segundo tempo. Empataram os juventinos de 3x3 no primeiro choque na capital bandeirante, e fizeram questão de jogar a segunda partida no Maracanã, pois não se davam bem com a umidade de S. Paulo, achando o gramado do Pacaembu impraticável. Chegaram à ameaça de abandonar o Torneio, logo êles, que contavam com a torcida da colônia italiana...

O Palmeiras, depois de ter perdido fragorosamente para o Juventus por 4x0, venceu de inesperado o Vasco na primeira partida por 2x1. No segundo jôgo bastava-lhe o empate para a classificação. O clube bandeirante caiu na defesa, impedindo de todo jeito os ataques dos vascainos. Fábio, o goleiro reserva, chamado a defender o arco do Palmeiras, em substituição ao veterano Oberdan, considerado como o culpado dos 4x0 do Juventus, foi uma autêntica barreira. Não deixou passar nada. No ataque do Vasco houve um grande ausente, Ademir. Faltou à linha do campeão carioca um finalizador. O Vasco não quis fazer uma temporada na Suécia, com receio de que os seus jogadores se machucassem, e o seu principal atacante acabou se contundindo sèriamente numa pequena temporada em Recife.



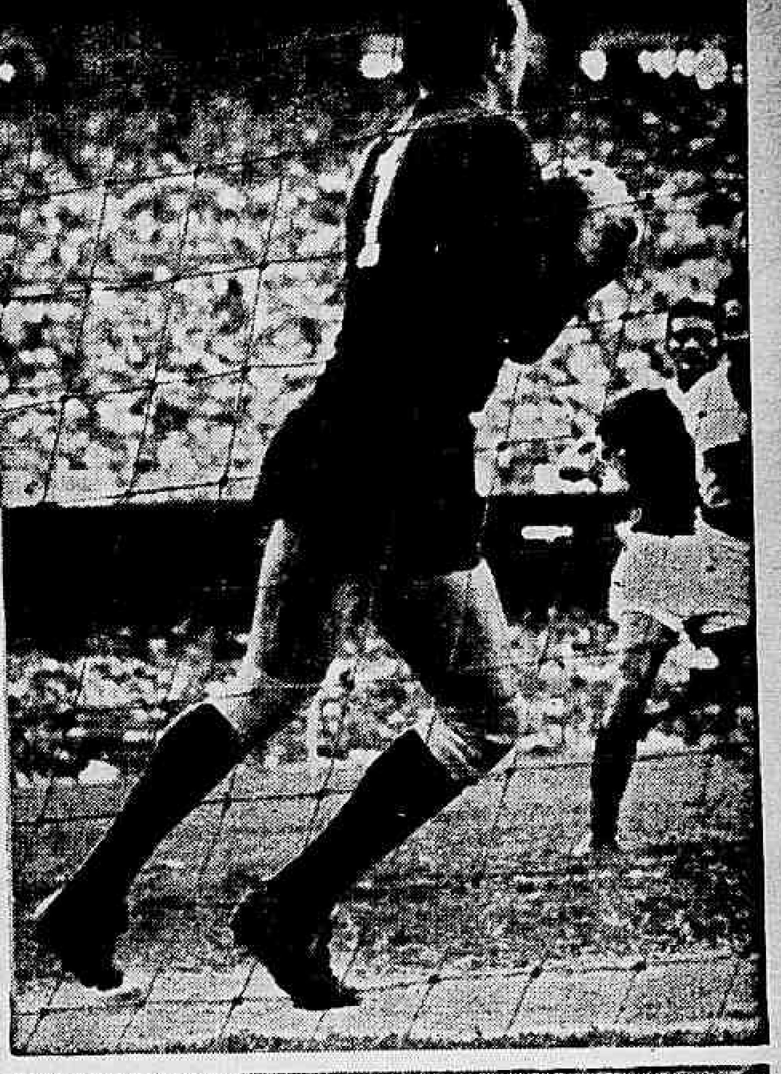
CONTUSÃO — O centro-atacante Richard, do Palmeiras, contundiu-se logo de saida.





O JUVENTUS precisou jogar apenas 15 minutos para ganhar o Austria de 3x1, após terem os vienses dominado a fase inicial. Duas cargas dos austríacos no primeiro tempo. À esquerda Viola defende uma entrada de Huber e à direita a defesa italiana às voltas com Orcwick e Stojaspal.











O HOMEM QUE GARANTIU O EMPATE DE 0 x 0 FÁBIO, GOLEIRO DO PALMEIRAS, EM 9 DEFESAS, MANTENDO INTACTAS AS REDES.

DIÁLOGOS DIPLOMÁTICOS

A prova da grande confiança que Talleyrand depositava em Montrond revelou-se mais uma vez, quando êste foi enviado a Londres numa delicada e árdua missão. Ao contrário do que se esperava, Montrond, representante que era de um país em estado de guerra com o Império Britânico, tornou-se logo estimado na sociedade londrina.

Ouvindo falar tanto nêle, o Duque de York indagou:

— Quem é êsse Montrond?

— Segundo dizem, o patife mais insinuante e o sujeito mais velhaco da França!

A argúcia diplomática do Duque revelou-se:

— Nesse caso, precisamos convidá-lo imediatamente para jantar...



★

O general Cyro Espírito Santo palestrava com alguns cadetes. Um dêles disse:

— Pelo modo como V. Excia. vai conduzindo a Escola, chegará o dia em que lhe erigiremos, no meio do pátio, uma estátua para adorá-la!

E o general, com a sua finura de espírito:

— Nada disso! Sou Espírito Santo mas não quero ser adorado!

★

Talleyrand às voltas com o velhaco Fouché, chefe de polícia de Napoleão:

— A quem tenho a honra de falar, Excia.? — indaga, ao receber em seu gabinete a visita do outro.

— Mas, a honra é minha, senhor Ministro!

E Talleyrand encerrando a troca de amabilidades:

— Perdão, mas de nós dois o honrado sou eu.

★

O almirante Saldanha da Gama descia as escadas do Itamarati, depois de recusar a pasta da Marinha, quando Floriano Peixoto, do alto, falou:

— Almirante, quero fazer-lhe um pedido.

— Podendo servi-lo...

— Peço que indique o nome de um camarada que, na sua opinião, deva ocupar a pasta.

Considerando haver na Marinha quatorze Almirantes, sendo que dois se excluíam — êle e o Ministro demissionário — respondeu prontamente:

— Todos os doze Almirantes são dignos dela, sr. Presidente. E com qualquer que V. Excia. venha a nomear, ela estará bem preenchida...

★

Um fidalgo vendo Descartes regalar-se com as mais apetitosas iguarias:

— Então que é isso, meu amigo? Pois também os filósofos gastam seu dinheiro em acepipes?

— Essa é boa — responde Descartes. — Acaso V. Excia. julga que a Natureza só produz coisas boas para os ignorantes?

★

Quando a sra. Walewska foi apresentada por Paulina Bonaparte à sociedade parisiense, nos salões do Palácio das Tulherias, teve oportunidade de palestrar com o insigne diplomata que foi Carlos Maurício Périgord Talleyrand. Cínico e, por isso mesmo, o melhor intérprete das minúcias da etiquêta social, inquiriu à galante futura enamorada do Pequeno Artilheiro:

— E' verdade, Alteza, que neva na Polônia, sua pátria?

— Sim, e até são quase eternas as neves da Polônia!

— Não compreendo — advertiu o diplomata. — Estão ruindo por terra meus conhecimentos de climatologia!

— Por quê, Excia.? — indagou Walewska.

Com espantosa calma e extrema polidez, Talleyrand saiu-se com esta:

— Pois como pode haver neve num país onde refulge um sol radiante como a beleza de Vossa Alteza...

★

Ao retirar um cigarro da carteira, um "dandy" do século XVI, crente de sua compostura, perguntou a uma dama a quem acompanhava:

— O cigarro não a encomoda, senhorita?

— Ignoro; ainda ninguém fumou em minha presença...

★

O marquês de Fronteira e Alorna passeava na cidade de Sintra com as filhas do barão de Lobseltern, ministro da Áustria. Uma das moças (que iam montadas em burricos), vendo também o Conde de Rendinha, parou e perguntou-lhe:

— Se V. Excia. não fôsse o Conde de Rendinha, o que desejaria ser?

— Burro, minha senhora, para gozar a companhia de V. Excia....

★

Perguntaram a Aristóteles:

— Por que será que nos demoramos tanto junto a um belo objeto?

— Essa pergunta só a pode fazer um cego...

★

Um jovem músico procurou a Mozart, então nos píncaros da sua glória:

— Diga-me, mestre, o que há a fazer para se compor uma sinfonia?

— V. é ainda muito novo para compô-la. Por que não começa, de preferência, por algumas baladas?

— Todavia, o mestre compôs sinfonias aos dezessete anos...

E Mozart:

— Sim, mas nunca perguntei a ninguém como fazê-lo...

N E O P O R T E L L A

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ 28-7-51 ★ N.º 30

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 150,00
Seis meses	Cr$ 75,00
Registrada — Um ano	Cr$ 180,00
Seis meses	Cr$ 90,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição, 58, 1.º andar, sala 102, tel. 38-6718.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número consta de 80 páginas

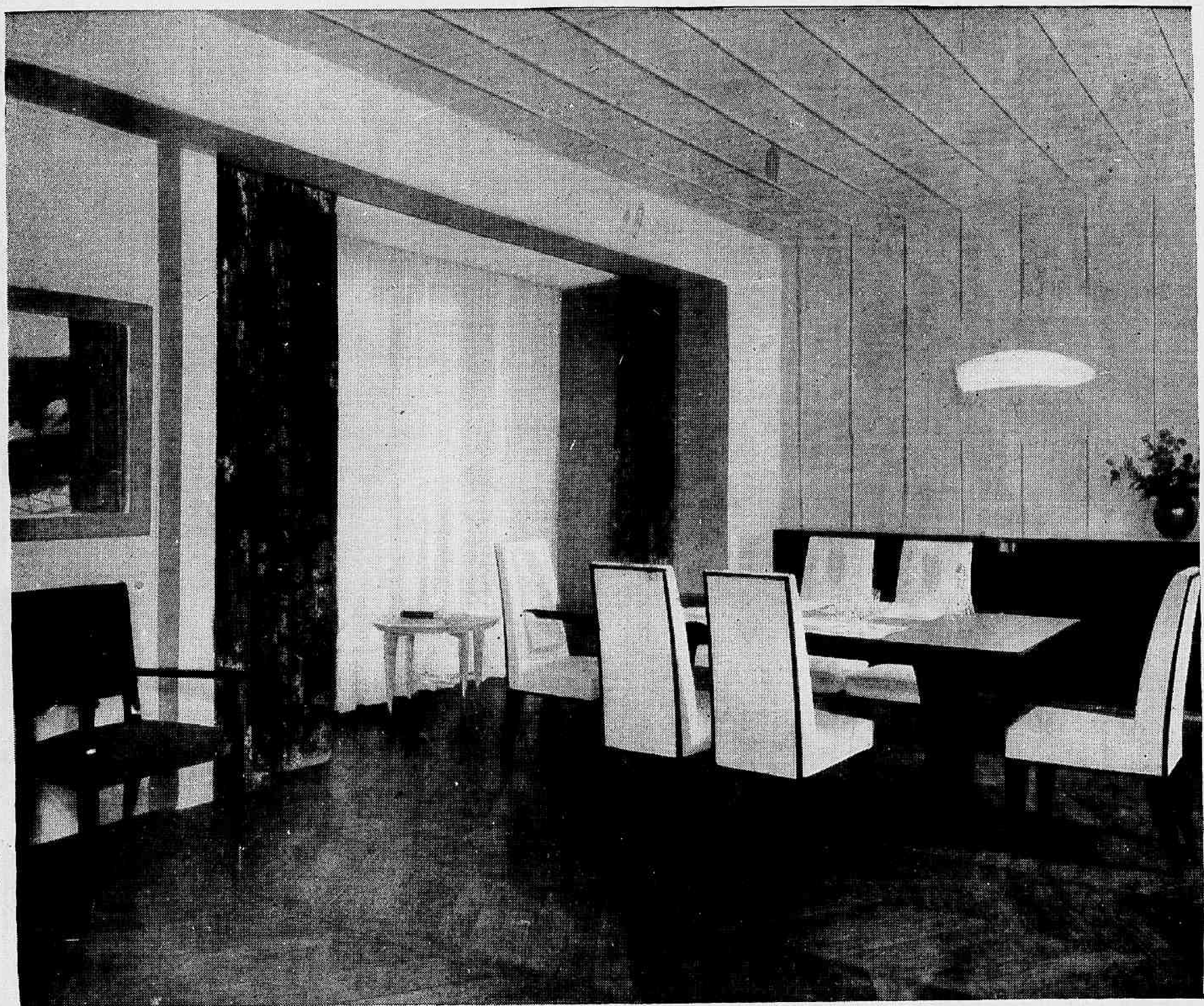
Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5802 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-2550

MÓVEIS E DECORAÇÕES



Projetos executados por
técnicos-decoradores

Grande sortimento de
Tapetes e Passadeiras
de tôdas as cores e dimensões

Grupos estofados
—uma especialidade de nossas oficinas

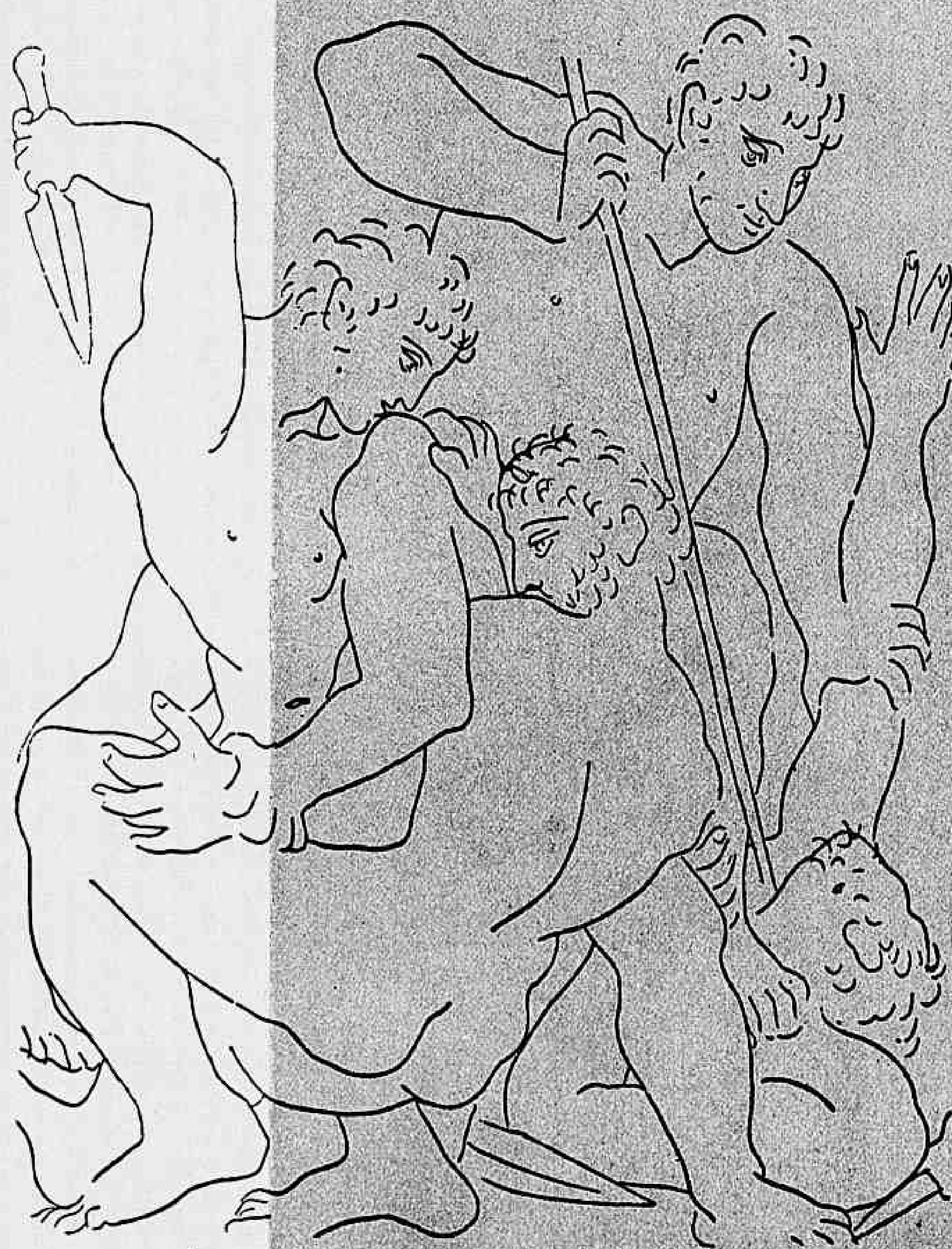


65 RUA DA CARIOCA 67 — RIO



VELASQUEZ: AUTO-RETRATO

Os amantes da arte preferem Hollywood

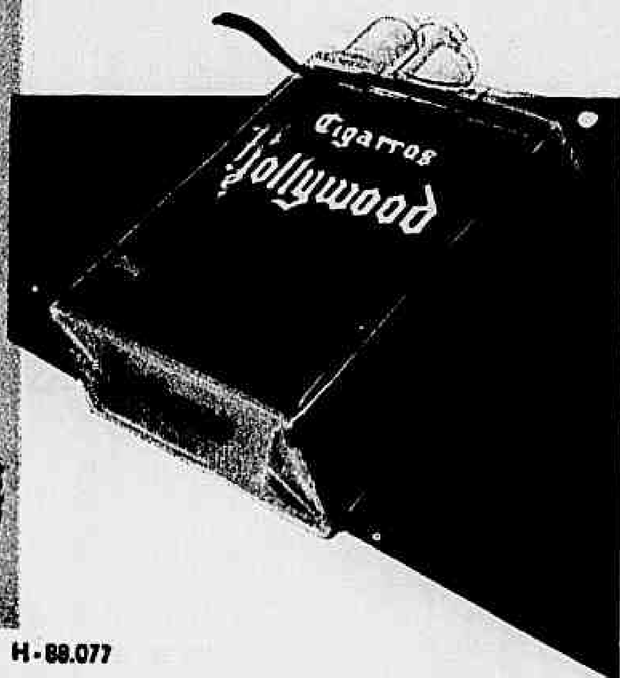


PICASSO: AS METAMORFOSES

A quem sabe apreciar um Velasquez ou um Picasso, sòmente um bom cigarro satisfaz — Hollywood, mistura feliz de tabacos da mais alta classe. Hollywood conta hoje com **mais** fumantes que todas as **outras** marcas da mesma categoria combinadas. Você, como pessoa de bom gosto, não pode dispensar Hollywood!

cigarros **Hollywood**

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.077